

Andy Mulligan

TRASH

Tradução
Antônio Xerxenesky

Cosac Naify

PARTE UM

UM

Meu nome é Raphael Fernández e sou um garoto do lixão.

As pessoas me falam: “Nunca se sabe o que você pode encontrar mexendo no lixo! Hoje pode ser seu dia de sorte”. Eu respondo: “Camarada, acho que sei muito bem o que vou encontrar”. E sei o que todo mundo encontra, pois sei o que nós achamos no lixo durante todo esse tempo em que tenho trabalhado aqui, ou seja, onze anos. É esta única palavra: *barro*, que nada mais é — sem querer ofender — do que dejetos humanos. Não quero incomodar ninguém, não estou aqui para isso. Mas há muitas coisas difíceis de encontrar na nossa querida cidade, e uma das coisas que pouquíssimas pessoas têm por aqui são privadas e água corrente. Então, quando sentem vontade, fazem em qualquer lugar. A maior parte das pessoas mora dentro de caixas, e as caixas ficam empilhadas na vertical. Ou seja, quando você precisa ir ao banheiro, faz as necessidades num pedaço de papel, enrola e põe no lixo. As sacolas de lixo chegam juntas. Por todos os cantos da cidade, as sacolas de lixo são colocadas em carrinhos, e passam dos carrinhos para os caminhões, ou até mesmo para os trens — você ficaria chocado de ver a quantidade de lixo que essa cidade produz. Pilhas e pilhas, e tudo vem parar aqui com a gente. Os caminhões e os trens não param nunca, e nós também não. Sempre rastejando e fuçando.

Este lugar se chama Behala, a cidade do lixão. Três anos atrás, era a Montanha Fumegante, mas o lugar ficou tão ruim que foi fechado e nos empurraram estrada adiante. As pilhas se amontoam e formam um verdadeiro Himalaia: você pode escalá-las para sempre — e muitos fazem isso... para cima, para baixo, dentro dos vales. As montanhas vão

das docas até o brejo, um mundo enorme de lixo fumegante. E eu sou um dos garotos do lixo, que coleta o que a cidade joga fora.

“Mas você deve encontrar coisas interessantes, né?”, alguém me perguntou. “Às vezes, não?”

Nós recebemos visitas, veja bem. Geralmente são estrangeiros que visitam a Escola Missionária, que foi aberta anos atrás e continua funcionando. Sempre sorrio e respondo: “Às vezes, senhor! Às vezes, senhora!”.

O que realmente quero dizer é: *não, nunca — porque quase tudo que encontramos é barro.*

“O que você pegou?”, pergunto a Gardo.

“O que acha, garoto?”, ele retruca.

E eu sei. Aquele pacote interessante que parecia ter algo legal dentro? Que surpresa! É barro, e Gardo está mexendo naquilo, limpando as mãos na camiseta e esperando algum dia encontrar alguma coisa que possamos vender. O dia todo, faça sol ou faça chuva, lá vamos nós pelos morros.

Quer saber como é lá? Bom, você consegue sentir o cheiro de Behala muito antes de ver o lugar. Deve ocupar o espaço de duzentos campos de futebol, ou talvez mil quadras de basquete, não sei: parece se estender infinitamente. Não sei quanto do lixo é barro, mas, num dia ruim, parece que é a maioria, e passar a vida remexendo o lixo, respirando aquele fedor, dormindo ao lado dele — bom... Talvez um dia você encontre “alguma coisa legal”. Ah, sim.

Um dia eu encontrei.

Eu era um garoto do lixão desde que eu tinha idade suficiente para andar sem ajuda de ninguém e pegar objetos. Isso foi quando? Acho que eu tinha uns três anos e já revirava o lixo.

Vou contar o que procuramos.

Plástico, porque o plástico pode ser transformado em dinheiro rapidamente — vendemos a quilo. O melhor

plástico é o branco, e esse vai numa pilha. O azul vai em outra.

Papel, se for branco e estiver limpo — ou seja, se conseguirmos limpá-lo e secá-lo. Papelão também.

Latas — qualquer coisa de metal. Vidro, se for uma garrafa. Tecido ou trapos de qualquer espécie — isso significa uma camiseta que às vezes aparece, calças, um saco enrolando alguma coisa. Metade das roupas que usamos foi encontrada no lixo, mas a maioria nós empilhamos, pesamos e vendemos. Você tinha que me ver, vestido para matar. Uso jeans rasgado e uma camiseta bem grande que enrolo na cabeça quando o sol fica muito forte. Não uso sapatos — em primeiro lugar, porque não tenho; em segundo, porque você precisa sentir os objetos com os pés. A Escola Missionária nos empurrou umas botas, mas a maioria dos garotos vendeu os calçados. O lixo é macio, e os nossos pés são duros como cascos.

Borracha também é bom. Semana passada, recebemos uma remessa bizarra de pneus antigos de algum lugar. Pegaram todos em poucos minutos. Os mais velhos chegaram antes e nos expulsaram dali. Um pneu meia-boca pode render meio dólar, e um pneu estragado pode segurar o teto da sua casa. Também recebemos o lixo das lanchonetes, e esse é um negócio à parte. Não passa nem perto de mim e do Gardo, chega lá na ponta, e cerca de cem crianças separam os canudos, os copos e os ossos de frango. Tudo é revirado, limpo e ensacado — entregue aos pesadores, pesado e vendido. Colocados em um caminhão que o transporta de volta à cidade. Em um dia bom, tiro duzentos pesos. Em um dia ruim, consigo quase cinquenta. Então, você vai vivendo um dia de cada vez e torce para não ficar doente. A sua vida é o gancho que você carrega na mão, revirando o lixo.

“O que você achou, Gardo?”

“Barro. E você?”

Vira o papel. “Barro.”

Preciso admitir: sou o moleque de calças curtas do lixão. Trabalho com Gardo a maior parte do tempo, e nós somos rápidos. Alguns dos garotos e os mais velhos ficam o tempo todo apalpando, como se tudo tivesse que ser revirado — mas, no meio do barro, consigo achar e puxar rapidinho papel e plástico, então não sou ruim nisso. Gardo é o meu parceiro, e sempre trabalhamos juntos. Ele cuida de mim.

DOIS

Então, por onde começar?

Que tal pelo meu dia sortudo-azarado, o dia em que o mundo virou de cabeça para baixo? Foi numa quinta-feira. Gardo e eu estávamos em uma das esteiras do guindaste. Esses troços são enormes e têm doze rodas grandonas que sobem e descem os morros. Eles levantam o lixo que pegam tão alto a ponto de você perder de vista, e depois descem de novo. Carregam coisas novas, e não se deve trabalhar nesses lugares porque é perigoso. Você trabalha sobre o lixo enquanto chove mais e mais detritos, e os guardas tentam tirar você dali. Mas, se quiser ser o primeiro da fila — isso se você não quiser entrar no caminhão, o que é *muito* perigoso (conheci um garoto que perdeu o braço assim), então vale a pena encarar a esteira. Os caminhões descarregam, os tratores empurram o lixo em direção às esteiras, e ele chega até você, no topo da montanha.

É onde a gente estava, com vista para o mar.

Gardo tem catorze anos, a mesma idade que eu. Ele é magro como um chicote e tem os braços compridos. Nasceu sete horas antes que eu, no mesmo lençol, contam. Ele não é meu irmão, mas poderia muito bem ser, porque sempre sabe o que estou pensando e sentindo — até mesmo o que estou prestes a dizer. Como ele é mais velho, se mete a mandar em mim de vez em quando, me fala o que devo fazer, e, na maior parte do tempo, deixo ele ser assim. Dizem que é sério demais, um garoto que não sorri, e ele responde: “Então me mostre alguma coisa que me faça sorrir”. Ele pode ser durão, é verdade — mas, por outro lado, apanhou mais do que eu, então talvez tenha crescido mais rápido. Uma coisa é certa: gosto dele sempre ao meu

lado.

Estávamos trabalhando juntos, os sacos estavam caindo — alguns deles já rasgados, outros não —, foi quando encontrei um pacote “especial”. Ou seja, um saco cheio de lixo, não rasgado, de uma área rica, e você aprende a sempre ficar de olho em um pacote desses. Maços de cigarros com cigarros dentro — é um bônus. Uma abobrinha boa o suficiente para cozinhar, e várias latinhas amassadas. Uma caneta, que provavelmente não funciona, e canetas são fáceis de encontrar. Alguns papéis secos que eu poderia guardar na minha sacola — e, então, lixo e mais lixo, comida velha e um espelho quebrado ou algo do tipo, e, então, caindo nas minhas mãos... Eu sei que disse que não se encontram coisas interessantes, mas, OK, uma vez na vida...

Caiu na minha mão: uma pequena bolsa de couro, bem fechada e coberta de pó de café. Ao abrir a bolsa, encontrei uma carteira. Dentro dela, um mapa dobrado, e, dentro do mapa, uma chave. Gardo se aproximou no mesmo instante e subimos o morro juntos. Meus dedos tremiam, porque a carteira estava estufada. Havia mil e cem pesos dentro dela, e isso — vou admitir — é muita grana. Uma galinha custa cento e oitenta, uma cerveja sai por quinze. Uma hora na sala de vídeo, vinte e cinco.

Fiquei ali gargalhando e agradecendo aos céus. Gardo me deu um soco de leve, e não tenho vergonha de confessar que quase dançamos de alegria. Dei quinhentos pesos para ele, o que era justo, porque fui eu que encontrei a carteira. Sobraram seiscentos para mim. Olhamos o que mais tinha ali dentro, mas só havia alguns papéis velhos, fotografias e — que interessante... — uma carteira de identidade. Um pouco amassada e enrugada, mas você conseguia distinguir o rosto da pessoa. Um homem, olhando diretamente para nós, com o olhar fixado na câmera, com aqueles olhos assustadores de foto tirada com flash. Nome? José Angelico. Idade? Trinta e três, empregado doméstico. Solteiro. Morava

em algum lugar chamado Morros Verdejantes — não era uma pessoa rica, e isso deixou a gente triste. Mas fazer o quê? Procurá-lo na cidade e dizer: “Senhor Angelico, gostaríamos de devolver o que é seu?”.

Duas fotos pequenas de uma garota com uniforme escolar. Difícil dizer a idade dela, mas talvez tivesse sete ou oito anos, com um cabelo escuro e longo e belos olhos. Um rosto sério como o de Gardo — como se ninguém pedisse para ela sorrir.

Olhamos, então, para a chave. Tinha uma pequena etiqueta de plástico amarela. Havia um número dos dois lados: 101.

O mapa era apenas um mapa da cidade.

Peguei tudo e coloquei dentro da minha bermuda, então continuamos remexendo no lixo. Você não pode chamar atenção, do contrário, corre o risco de perder o que achou. Mas fiquei empolgado. Nós dois ficamos, e com razão, porque essa bolsa mudou tudo. Muito tempo depois, pensaria comigo mesmo: *Todo mundo precisa de uma chave.*

Com a chave certa, você pode escancarar a porta. Porque ninguém vai abri-la para você.

TRÊS

Ainda é o Raphael!

Vou passar para o Gardo depois disso — depois de contar sobre essa noite.

Logo que escureceu, notei que eu estava com uma coisa muito, muito, muito importante, porque a polícia chegou e pediu a sacola de volta.

Não é comum ver policiais em Behala, porque em um lixão cada um resolve os seus próprios problemas. Não há muito o que se possa roubar, e não costumamos roubar um do outro — embora isso aconteça. Alguns meses atrás, houve um assassinato, e daí apareceu a polícia. Um velho matou a esposa — cortou a garganta dela e a deixou sangrando junto dos muros do barracão. Quando a polícia chegou, ele já tinha saído correndo e não ficamos sabendo se o prenderam. Outra vez, quatro carros da polícia apareceram em uma visita eleitoral, escoltando um homem que queria se tornar prefeito — as luzes piscando e os rádios fazendo barulho, porque esses policiais adoram um show. Apesar de eles terem coisas importantes para fazer.

Desta vez apareceram cinco homens, e um deles parecia muito importante, como um delegado — era um homem mais velho e gordo. Lembrava um boxeador, de nariz amassado, careca e com um olhar de malvado.

Tinha caído a noite. Armaram uma fogueira, onde a minha tia cozinhava arroz, e hoje à noite — por causa do dinheiro que encontrei — estávamos comendo a deliciosa galinha de cento e oitenta pesos. Cerca de trinta de nós estávamos reunidos ali — não para comer a galinha! Ela era só para a família. Mas as noites são quentes, então as pessoas ficam agachadas ou de pé, perambulando por aí.

Acho que Gardo estava com uma bola, e ficamos tentando arremessar na cesta. Quando os homens desceram do carro, a gente parou diante dos faróis daquela caminhonete preta grandalhona.

O policial boxeador conversou rapidamente com Thomas, que é o sujeito mais importante da nossa parte da cidade, e então ele falou para todos nós: “Um amigo nosso está com um problema”, disse. A voz parecia vir de um megafone. “Um problemão, e esperamos que vocês possam ajudar. É o seguinte, ele perdeu uma coisa muito importante. Vamos dar muito dinheiro para quem encontrar. E, se alguém aqui encontrar, daremos mil pesos para cada família em Behala, entenderam? Para vocês terem uma ideia de como isso é importante para o nosso amigo, vamos dar dez mil para quem entregar o objeto nas minhas mãos.”

“O que vocês perderam?”, perguntou um homem.

“Nós perdemos... uma bolsa”, disse o policial, e minha pele ficou gelada e seca, mas consegui disfarçar. Ele se virou e pegou uma coisa do sujeito atrás dele, e levantou. Era uma bolsa de mão feita de plástico preto, do tamanho do meu punho. “É parecida com essa”, afirmou. “Um pouco maior ou menor — não é exatamente a mesma, só parecida. Achamos que essa bolsa pode ter algo importante que vai nos ajudar a resolver um crime.”

“Quando vocês perderam a bolsa?” alguém perguntou.

“Ontem à noite”, respondeu o policial. “Foi colocada no lixo por engano. Em McKinley Hill, algum lugar ali perto. E o caminhão recolheu todo o lixo da região esta manhã. Isso significa que já está aqui ou vai chegar amanhã.” Ele nos observava, e nós o encarávamos de volta.

“Alguém encontrou uma bolsa?”

Podia sentir os olhos de Gardo cravados em mim.

Quase levantei a mão. Quase falei tudo naquele instante, pois dez mil é muita grana. E mais mil pesos para cada família? Era isso que prometiam, e se dessem mesmo, nossa! Eu seria o garoto mais popular da comunidade. Mas

não falei nada, porque estava pensando rápido, pensando que podíamos entregar na manhã seguinte. Melhor deixar claro: nunca tive problemas com a polícia antes disso, então não é como se eu não gostasse deles ou não quisesse ajudar. Mas todo mundo sabe que não dá para confiar tanto. E se eles pegassem a bolsa e saíssem de carro gargalhando? Quem impediria? Precisava de mais tempo para decidir, então fiquei ali parado, calculando as possibilidades. Se eles tivessem dinheiro para oferecer, podíamos conseguir mais de dez mil antecipados. Se tivesse realmente valor, a ponto de eles dirigirem até aqui, quem sabe os dez mil não poderiam virar vinte?

Minha tia falou: “Raphael encontrou uma coisa, senhor”.

Ela fez que sim com a cabeça, e os policiais olharam na minha direção.

“O que você encontrou?”, perguntou o chefe.

“Não encontrei uma bolsa, senhor”, respondi.

“O que você encontrou?”

“Um... sapato.”

Alguém gargalhou.

“Que espécie de sapato? Só um? Quando?”

“Um sapato, senhor — um sapato de mulher. Posso pegá-lo. Está lá em casa.”

“E por que você acha que estaríamos interessados nisso? Está de brincadeira conosco?”

Ele olhou outra vez para a minha tia, e ela encarava o arroz, depois olhou para mim, depois voltou a olhar o arroz.

“Ele disse que tinha encontrado uma coisa”, ela disse. “Não tinha dito o quê. Só queria ajudar, senhor.”

O policial responsável falou bem alto: “Escutem. Vamos voltar aqui amanhã. Vamos pagar quem quiser trabalhar. Um dia, uma semana... não interessa quanto tempo demore. Precisamos achar aquela bolsa, e estamos dispostos a dar um bom dinheiro para quem encontrá-la.”

Um dos outros policiais, bastante jovem, veio em minha direção. Gardo estava do meu lado, e o policial colocou a

mão no meu queixo e ergueu minha cabeça. Olhei-o nos olhos, tentando não parecer assustado. Ele sorria, e eu estava feliz de sentir Gardo do meu lado, e também tentei sorrir.

“Qual é o seu nome?”, ele perguntou.

Respondi.

“Irmãos? Irmãs? Esse é o seu irmão?”

“Meu melhor amigo, senhor. Gardo.”

“Onde você mora, filho?”

Respondi tudo, da forma mais rápida e alegre possível, sorrindo de orelha a orelha — e vi que ele memorizava a aparência da nossa casa e o meu rosto. Ele esfregou a minha orelha delicadamente, como se eu fosse uma criança, e disse: “Você vai nos ajudar amanhã, Raphael? Que idade você tem?”.

“Catorze, senhor.” Sei que eu pareço mais jovem.

“Cadê o seu pai?”

“Não tenho pai, senhor.”

“Aquela era a sua mãe?”

“Tia.”

“Quer trabalhar, Raphael? Você vai nos ajudar?”

“Claro”, respondi. “Quanto vocês pagam? Posso trabalhar para sempre!” Abri um sorriso e esbugalhei os olhos, tentando parecer um garoto meigo, empolgado e inofensivo.

“Cem”, retrucou. “Cem por dia, mas se você encontrar a bolsa...”

“Também quero ajudar”, disse Gardo, fingindo ter oito anos de idade e mostrando os dentes. “O que tem na bolsa, senhor? Mais dinheiro?”

“Algumas coisas. Nada de valor, mas...”

“Que tipo de crime?”, perguntei. “Como a bolsa pode ajudar vocês a resolver o crime? Foi um assassinato?”

O policial continuou sorrindo para mim. Olhou para Gardo também. “Acho que não vai resolver”, falou. “Mas precisamos tentar.” Ele me encarou de novo, e Gardo colocou o braço ao redor dos meus ombros. “Vejo vocês

amanhã.”

Então, os policiais entraram no carro e partiram, e fizemos questão de ficar bem perto deles, para mostrar que não tínhamos medo de nada, e corremos atrás do carro acenando. Agora, Behala está cheia de pequenos agrupamentos como o nosso. Os barracos onde vivemos foram erguidos com pilhas de lixo, bambu e corda — parecem pequenas vilas espalhadas pelo morro. Observamos o carro passando pelos buracos, as luzes subindo e descendo. Se quisessem falar com todo mundo, teriam de fazer esse discurso dez vezes.

Mais tarde, minha tia me perguntou: “Por que você está mentindo, Raphael Fernández?”.

“Achei uma carteira”, respondi. “Entreguei para você o que achei. Por que você falou isso para eles?”

Ela chegou mais perto e sussurrou: “Você encontrou a bolsa, não? Pode contar...”

“Não”, retruquei. “Achei dinheiro.”

“Por que você falou que achou um sapato? Por que não contou a verdade?”

Dei de ombros e tentei disfarçar. “Pensei que eles iam querer a carteira de volta.”

“Dinheiro numa carteira? E cadê a carteira?”

“Vou lá pegar! Não queria falar na frente de todo mundo, com todo mundo me olhando, e...”

“Você encontrou a carteira dentro de uma bolsa? Você não me engana.”

“Não!”, respondi. “Não.”

Ela me lançou um olhar desconfiado de novo, sacudindo a cabeça. “Você vai nos meter em encrenca, estou sentindo. De quem era a carteira? As pessoas sempre têm nome, e se você...”

“Só peguei a grana”, respondi. “Vou jogar o troço fora agora mesmo.”

“Entregue para a polícia.”

“Por quê? Não é isso que eles estão procurando, tia. Não

achei a bolsa.”

“Ih, rapaz”, ela disse. “Raphael. Tô pensando o seguinte: se eles estão dando grana por aí para recuperar o troço, você não vai querer ser pego mexendo com aquilo. Falando sério, Raphael. Se você encontrou alguma coisa que se parece com aquilo que estão procurando, tem que entregar assim que eles voltarem de manhã.”

Gardo comeu com a gente. Ele sempre fazia isso, assim como eu costumava jantar com ele e o seu tio. Às vezes ele passava a noite na nossa casa, e outras eu passava na deles — eu acordava sem lembrar onde estava e quem dormia do meu lado embaixo do cobertor. Enfim, assim que terminamos de comer, o carro de polícia voltou, grande e escuro, e passou pelos portões.

Assistimos ao carro indo embora.

Não dava para acreditar que a minha tia havia dito aquilo. Sei que ela já se incomodou com a polícia, por causa do meu pai, e acho que ela sabia, naquele momento, que as coisas iam ficar complicadas. Acho que ela quis acabar com tudo de uma vez — mas ainda acho que ela estava errada. Assim, a vida ficava mais fácil.

Fui até a minha casa, com Gardo atrás de mim. Moramos num lugar alto, se comparado com vários outros. A casa tem dois quartos erguidos com empilhadeiras, mantidos de pé com plástico e lona. Abaixo de nós, moram três famílias. Você precisa subir três escadas de mão para chegar até ela. Primeiro, tem o espaço onde minha tia e a minha meia-irmã dormem, e depois disso outra pequena caixa, do tamanho de um lençol. É onde os meus primos e eu ficamos, e Gardo também, quando ele está em casa. Os meus primos estavam lá naquele momento, roncando alto, e ao nosso redor se escutava o ruído das conversas e risadas dos vizinhos, alguns rádios e uma pessoa chamando outra.

Empurrei um dos meus primos e fomos até o caixote de cervejas que uso para guardar minhas coisas. Tenho um par extra de bermudas, duas outras camisetas e um par de

chinelos. Também tenho meus tesouros, como a maioria dos garotos. Tenho um canivete que encontrei, com uma lâmina partida — ainda assim é uma ferramenta bastante útil. Tenho uma caneca com o rosto da Virgem Maria. Tenho um relógio que não funciona. Um pequeno pato de plástico, com o qual meus primos gostam de brincar, e um par de jeans. A bolsa preciosa estava enrolada nos jeans, e parecia perigoso até mesmo desenrolá-la.

Gardo se agachou do meu lado e aproximou uma vela do caixote. Nós dois estávamos curvados sobre ele. Quando olhei para Gardo, notei como seus lábios eram finos. O branco de seus olhos se destacava como claras de ovo.

“Precisamos tirar a bolsa daqui”, ele disse. “Ela não pode ficar aqui.”

“Acho que você tem razão”, respondi. “Mas levar para onde?”

Ele ficou em silêncio.

Peguei a identidade e vi o rosto do homem. José Angelico me olhava com uma cara triste. E a filha dele, ainda mais séria. “O que você acha que ele fez?”

“Algo de ruim”, respondeu Gardo. “E quando eles voltarem, vão falar de novo com você... Notou o jeito que aquele cara te olhou?”

Concordei com a cabeça.

“Notou o jeito que ele tocou em você? Cê tá marcado.”

“Sei. Você também, quem sabe”, falei gargalhando. “Você acha que ele quer ser nosso amigo?”

“Não tem graça”, disse Gardo. “A gente precisa do Rato.”

“Por que do Rato?”

“Acho que é o único lugar onde não vão procurar o pacote.”

“Mas você acha que ele vai topa? O Rato não é bobo.”

“Dá dez pra ele, e ele topa. A gente quebra os braços dele se ele não topa.” Gardo pegou a carteira de identidade e guardou. “Os policiais não vão lá, nem vão ver ele.”

Sabia que era um bom plano. Sabia, também, que era o

único plano, porque a gente precisava tirar a bolsa de casa.

“Agora?”, perguntei.

Gardo concordou.

“Não precisa ameaçar o Rato”, avisei. “Ele fará isso por mim.”

QUATRO

Oi, ainda é o Raphael.

Foi mal, quero contar sobre o Rato, e depois passo a bola adiante.

Rato é um garoto três ou quatro anos mais novo do que eu. O nome de verdade dele é Jun-Jun. Mas ninguém o chama assim, porque ele mora com ratos e acabou se parecendo com um. Era o único garoto em Behala que eu sei que não tinha nenhum parente, e, naquele momento, não sabia quase nada sobre o passado dele. Havia vários garotos sem pai, e muitos que, como eu, também não tinham mãe. Mas, nesse caso, você tem tios e tias, ou irmãos mais velhos, ou primos, sempre alguém para cuidar de você e oferecer um pedaço do tapete para que você tenha um espaço para dormir, além de um prato de arroz. O lance do Rato é que ele não tinha ninguém, porque veio de algum lugar muito distante da cidade — e, se não fosse pela Escola Missionária, estaria morto.

Gardo e eu descemos as escadas com as velas. Coloquei a bolsa dentro da minha camiseta, e tentei juntar os braços para não parecer tão óbvio que eu estava escondendo um objeto — de todo jeito era como se ninguém quisesse olhar pra mim. Minha tia, em especial, não olhou na nossa direção e se virou, ficando de costas para a gente. Atravessamos a estrada e logo estávamos afundados no meio do lixo.

Preciso contar: o lixo ganha vida à noite. É quando os ratos aparecem com força. Durante o dia você quase não vê nenhum, e eles ficam fora do seu caminho. Você até toma um susto quando salta um deles, e às vezes dá um belo de um chute no rato e ele sai rodopiando. Mas não é muito comum. São rápidos, conseguem pular, voar, se jogar e

escapar em qualquer situação.

Fui seguindo Gardo e estava consciente do movimento dos bichinhos cinza por todos os lados. Behala fica iluminada à noite porque alguns caminhões que chegam possuem holofotes grandes que estão quase sempre ligados. Fomos pela esquerda, pela direita, por cima do pequeno canal que fede a morte, e seguimos pelo trajeto que só quem é do lixo utiliza — nada de caminhões e quase nenhum ser humano. Caminhávamos afundados até o joelho no lixo podre, que estava todo molhado. Logo encontramos um antigo guindaste movido a esteira, mas que estava inutilizado e apodrecendo. A esteira em si tinha sido arrancada, e os painéis de madeira foram removidos. Era apenas uma carcaça metálica enferrujada. O braço do guindaste apontava para o céu como um grande dedo, e de vez em quando as crianças subiam nele para curtir a brisa. No chão, as pernas do guindaste estavam afundadas em pilhas de concreto, e embaixo delas havia um buraco.

Imagino que algum dia desceram com as máquinas, porque havia marcas pegajosas, e o lixo costuma ser úmido, o chorume está sempre escorrendo. Talvez o chão fosse um pouco mais baixo, não sei, mas estava sempre enlameado.

Paramos no alto dos degraus e gritei: “Rato!”.

Não gritei muito alto — não queria que ninguém soubesse o que a gente estava fazendo ou onde estávamos. O problema é que o garoto não me escutaria se estivesse lá embaixo, onde com certeza deveria estar. Onde mais estaria?

“Ei, Rato!”, chamei outra vez. Pude escutar os guinchos dos ratos. Gardo agora me seguia, porque, apesar de ser mais forte e corajoso do que eu, não gosta muito de roedores. Eu até mataria um rato com o pé, mas, pouco tempo atrás, Gardo tomou uma mordida feia e a mão dele ficou toda ruim. Ele mataria os ratos, mas prefere manter distância. Eu estava descendo quando um passou por mim, e depois outro.

“Rato!”, chamei, e minha voz ecoou na câmara da máquina. Abaixei a vela, tentando não respirar muito fundo por causa do fedor, e escutei ele se revirar na cama.

“Que foi?”, ele perguntou. Rato tem uma vozinha fina. “Quem é?”

“Raphael e o Gardo. A gente quer te pedir um favor. A gente pode entrar?”

“Certo.”

Pode parecer loucura pedir permissão a um garoto para entrar no buraco dele, mas esse buraco era a única coisa que o Rato tinha, além do que vestia. Eu nunca moraria ali, qualquer outro lugar seria melhor. Para começo de conversa, era úmido e escuro. Além disso, eu teria medo que o lixo lá de cima despencasse e ficasse empilhado nas escadarias, me deixando preso, como aconteceu na Montanha Fumegante. Essas montanhas se mexem. Não desabam porque escalamos nelas ou algo do tipo, é por causa do próprio peso, que fica excessivo com os guindastes jogando cada vez mais lixo. Você pode ficar preso num desmoronamento, o que não é moleza. Nunca soube de alguém que tenha morrido, mas um garoto quebrou vários ossos na queda. Quando a Montanha Fumegante desabou, quase cem morreram, e todos sabem que algumas almas ainda estão lá embaixo, junto com o lixo, apodrecendo.

Enfim, cheguei ao último degrau, tentando não pensar nisso tudo, e abaixei a vela. Um pequeno vulto preto disparou zunindo. Outro rato — esse era grandalhão — passou correndo ao lado do meu ombro.

O garoto estava sentado, vestindo apenas uma bermuda, e me encarava com olhos assustados, exibindo dentes grandes e quebrados.

“Raphael? O que você quer?”, ele perguntou.

Pensei que deveria ter levado um pouco de comida para ele. Ele passa mais fome que o resto, e parece que seu rosto foi espremido. Os garotos o chamavam de Menino

Macaco antes de darem o apelido Rato, porque ele exibe um olhar esbugalhado igual ao dos macaquinhos. Ele estava sentado sobre uma pilha de papelão, e ao redor havia vários sacos de lixo que ele devia estar revirando. As paredes e o teto eram de tijolo úmido, e tinha rachaduras por toda parte. Os ratos entravam e saíam das fissuras, e acho que havia ninhos do outro lado da parede. Ele tinha braços finos como lápis, e a piada do Gardo sobre quebrar os braços dele me fez rir. Você conseguiria partir os braços do Jun com dois dedos. Ele era uma aranha, não um rato.

“Precisamos da sua ajuda”, falei.

“Tá bom.”

“Você nem sabe o que a gente quer”, retrucou Gardo. “Como pode topar?”

“Tá bom.” O garoto sorriu, e seus dentes quebrados reluziram. Ele piscou. Rato tem uns tiques nervosos, e, quando está assustado, toda a sua cabeça se sacode. Porém, ele não demonstrava ter medo, naquele instante — parecia mesmo era interessado no assunto. Além do mais, sei que ele gostava de mim. Não dá para dizer que éramos amigos, de jeito nenhum. Mas eu não me incomodava de trabalhar do lado dele, ou seja, a gente conversava um pouco, e eu escutava o blá-blá-blá com cantoria dele. Vários garotos jogavam coisas nele e gargalhavam.

Gardo se agachou e eu me sentei. “Você precisa esconder uma coisa para nós”, falei. Joguei a bolsa no papelão e pus a vela perto do objeto. Ele acendeu outra vela e nós três ficamos em silêncio.

“Certo”, ele disse. “O que tem dentro dela? De quem é a bolsa?” Rato tinha uma voz fina e deixava escapar o barulho da respiração. Parecia ter seis anos.

Abri o fecho e o zíper. Tirei o que havia dentro e coloquei os objetos lado a lado. A carteira. A chave. O mapa.

“Você não se importa de guardar isso aqui? Não escutou a polícia chegando?”

“Não vi a polícia”, Rato falou. “Mas posso esconder, se

vocês quiserem. Tá vendo aquele tijolo? Posso tirá-lo da parede, e o do lado também. Só não vai durar muito tempo. Vão comer tudo. Certo?”

“Peraí”, interrompeu Gardo. “Estava pensando: não é a bolsa que eles estão procurando, certo? É o que está dentro dela.”

“Mesmo assim, a gente precisa esconder...”

“E se a gente arremessar a bolsa longe?”

“Se a gente fizer isso”, falei, “e eles encontrarem... então vão saber que alguém está com o que tinha dentro da bolsa. Se eles souberem o que estão procurando.”

“Quem está procurando?”, Rato perguntou. “O que a polícia quer?”

Contei rapidamente a história, e seus olhos se abriram. “Dez mil, Raphael!”, exclamou. “Você tá louco! Entregue e fique com o dinheiro.”

“Ah, certo”, retrucou Gardo. “E você acha que eles vão dar a grana? Sério? E se eles derem, rapaz, você acha que eles só podem oferecer dez mil?”

O Rato olhou para o Gardo e depois para mim.

“Escuta”, eu disse, “a gente precisa esconder a bolsa. Eles vão voltar amanhã — falaram que vão pagar todo mundo para procurar a bolsa. A gente pega um dinheiro para trabalhar alguns dias e, talvez, entrega na semana que vem.”

“Todo mundo fica feliz”, Rato concluiu. “Acho que talvez seja uma boa ideia. Mas precisamos saber: por que eles querem tanto a bolsa? Quanta grana tinha dentro dela?” Os dedos magrelas do garoto abriram a carteira e retiraram a identidade.

“Mil e cem”, respondi.

Ele sorriu. “Eu ganho alguma coisa por liberar a casa?”

“Posso dar cinquenta”, falei, e o Rato abriu um sorriso.

“Você promete, né? Isso é uma promessa?”

“Prometo.”

Ele pegou o mapa. “Precisamos descobrir o que eles

querem”, disse. “O que é isso aqui — um tesouro enterrado?”

“Não tem nada demais”, respondi. “É só um mapa da cidade.”

Ele olhou com mais atenção para a foto da carteira de identidade. “Quem é esse cara?”

“José Angelico.”

Eu sabia que o Rato nunca tinha aprendido a ler. Ele virou a identidade de um lado para o outro, olhando para o rosto de José.

“José Angelico”, ele repetiu lentamente. “Você acha que a polícia está atrás dele? Que ele é um cara procurado? Parece simpático. E essa é a filha dele?”

Ele aproximou a foto da garota à de José.

“Talvez. Não sei”, respondi.

“Ele tem dinheiro o suficiente para colocar a garota na escola”, Rato deduziu. “Esse é um uniforme escolar.”

“E se eles tiverem sido assassinados?”, perguntou Gardo. “Talvez estejam procurando o corpo dele — e tentando encontrar os assassinos. Isso pode ser peça importante de um crime horrível.”

“Quem foi que perdeu a bolsa, afinal?”, questionei. “Como você perde uma coisa dessas no lixo?”

“Não foi por acidente”, falou o Rato. Ele olhou as fotos mais uma vez. “A gente tem que descobrir quem é esse cara. Ele pode nos dar mais grana que a polícia.”

“E a chave?”, disse Gardo, apontando para o objeto. “Talvez seja a chave da casa dele. Vai que ele ficou preso do lado de fora. A gente precisa descobrir onde ele mora e...”

“Ah, não, isso não é uma chave de casa”, Rato falou. Ele não tinha visto a chave no escuro. Ele a aproximou da chama da vela e olhou mais uma vez para mim. “Ai, ai. Você não sabe do que é essa chave, né?”

“Pode ser de um cofre”, falei. “O que é, uma chave de cadeado? De que lugar?”

“Vocês não sabem que chave é essa!”, Rato disse,

lentamente. Ele só estava nos provocando. “Tá bom, eu guardo. Mas vai custar cem pesos.”

“Quê?”

Ele sorriu de um jeito que nunca o vi sorrir, e seus dentes partidos ficaram pendurados na boca, como se fossem canudos. “Vi chaves dessas várias vezes. Posso dizer exatamente o que é e onde fica. Você pode me dar aqueles cinquenta agora? Ou melhor, cem pesos, ou vocês não vão conseguir nada.”

“Você sabe que chave é essa? Mesmo?”

O Rato fez que sim.

Peguei umas notas e contei. Escutei uns barulhos por trás da parede e senti que alguma coisa estava correndo pelo quatinho, nos cercando. Ouvi alguns guinchos outra vez: o lugar estava vivo. Gardo e eu nos sentamos, olhando para Rato, esperando que ele nos revelasse a informação importante.

“Estação Central”, ele disse, suavemente. “Morei lá quase um ano, antes de vir para cá. Tenho certeza: é a chave de um armário para bagagem deixada para trás. Saindo da plataforma quatro, último bloco à direita. É um armário pequeno, no alto, dos mais baratos. Esse sujeito deixou alguma coisa lá dentro.”

Ele sorriu de novo e nós ficamos ali sentados, apenas olhando um para o outro. Gardo deu um assovio e senti meu coração bater mais rápido.

“Quer ir lá?”, Rato perguntou. “A gente pode ir lá agora, se vocês quiserem.”

CINCO

Aqui é o Gardo, vou continuar a história que Raphael estava contando.

Concordamos em dividir a história porque ele se esquece de algumas partes — tipo sobre como ele queria ir para a estação naquela noite mesmo, e depois no dia seguinte, como uma criancinha. Ficou tão empolgado pensando no que poderia encontrar que tive que dizer “não” umas dez vezes, pois eu sabia que a gente precisava estar em Behala para a grande busca — especialmente se os policiais que conversaram com a gente estivessem lá.

Tive que segurá-lo pelo cabelo e falar: “E como vai ser quando todo mundo estiver procurando a bolsa para ganhar uma grana, e o garoto que eles sabem que encontrou algo — talvez um sapato, talvez alguma outra coisa — não aparecer?”.

Raphael é meu melhor amigo, mas ele parece criança, sempre rindo, brincando, achando tudo divertido, pensando que tudo não passa de um jogo — então falei que eles tinham que nos ver trabalhando e procurando. Dessa maneira, talvez nos deixassem em paz. Assim, esperamos.

Na manhã seguinte, como eu disse, toda a Behala apareceu bem cedinho, antes do amanhecer. Como Raphael contou, ganhamos dinheiro vendendo tralhas para conseguir forrar o estômago. Ser pago por dia é tipo um sonho, e havia muitos catadores — acho que as pessoas contaram a outras e tinha uma multidão de gente como nós. A polícia também chegou cedo, e, quando nasceu o sol, todo mundo estava mergulhado no lixo — homens, mulheres, e tudo quanto era criança, até mesmo as pequenas — ganhando o seu dinheiro suado. Alguns nem

usavam ganchos, só as mãos — na verdade, havia tanta gente que chegava a ser perigoso: dava para sentir o lixo deslizando e não tinha espaço para jogar as coisas que foram separadas.

Eu estava pegando coisas com o gancho, quase arranhando outras pessoas, e ficava cada vez mais perigoso, então, depois de uma hora, mandaram os mais jovens embora, e só ficaram os homens adultos, e o lixo foi revirado mais uma vez, na mesma região que estávamos no dia anterior. Os chefes estavam lá, conversando com a polícia, gritando para os homens — e tudo era revirado, de novo e de novo. Mas nada aparecia.

Enquanto isso, mais veículos — um carro de polícia, outro, e daí uma caminhonete da polícia, motos, mais carros de polícia, e daí carros grandalhões, que pareciam do governo — e, além dos policiais, saíam homens de terno, que sujavam e molhavam seus belos sapatos. Não eram nem sete horas e não dava para se mexer por causa dos carros e das pessoas. Parecia uma festa.

Desligaram todas as esteiras.

A coisa piorou.

Vimos uma fileira de caminhões que ultrapassava os portões e chegava até a estrada, todos esperando para descarregar o lixo. Depois de uma hora, consegui contar vinte e seis caminhões. No começo, os motoristas não se importaram. Ficaram agachados na sombra, e alguns garotos ofereceram chá e cigarros para eles. Alguns saltaram dos caminhões e ficaram revirando o lixo e colocando o que achavam no acostamento, mas Raphael e eu não. Ficamos parados, esperando ouvir mais alguma “informação”. O tempo todo eu me perguntava quando aquilo ia acabar — e sabia que as pessoas ficariam irritadas muito em breve, e os primeiros a perder a paciência seriam os policiais. Você não iria querer ficar perto de um policial furioso. Por outro lado, não queria que Raphael se escondesse e chamasse atenção, por isso deixei que ele

ficasse no meio daquilo tudo.

Um sujeito carregava uma caixa cheia de dinheiro, para provar que seríamos pagos. Escutei uma conversa e entendi o que tinha acontecido — eles estavam usando a cabeça. De alguma forma, sabiam que a bolsa tinha sido perdida em um lugar chamado McKinley — que é uma zona nobre —, então não foi difícil rastrear os caminhões que atendem aquela região. Os caminhões de McKinley tinham vindo ontem, foi assim que encontramos a bolsa, e outros chegariam hoje. Então, para investigar os caminhões de hoje, tudo que a polícia deveria fazer era esperar que jogassem o lixo em um espaço vazio, para que a gente revirasse o lixo facilmente, em uma horinha.

Não deu outra: pouco antes do meio-dia deixaram passar três caminhões especiais da região de McKinley. Ficamos afastados, apenas observando, enquanto os caminhões jogavam o lixo. Perguntei a Raphael naquele momento, virando-o em minha direção para que ninguém visse: “Você ainda tem certeza disso, amigo?”.

Ele parecia assustado, pois começava a se dar conta do tamanho da encrenca.

Respondeu, com voz suave: “Nunca tive tanta certeza, Gardo”. Então fiquei ali, perto dele.

Tentamos parecer alegres e empolgados, porque a última coisa que eu queria era que alguém nos achasse suspeitos, ou que estávamos assustados, preocupados ou escondendo algo. Mas eu também tinha medo, então puxei Raphael para a gente entrar no empurra-empurra, como se não nos importássemos com nada. Quando vimos Rato, ele acenou: estava agachado ali perto, fumando. Ele me encarou várias vezes, mas ninguém olhava para ele, porque o Rato é cinza como o lixo, e ele só tem as roupas do corpo, que são tão sujas que ele consegue se movimentar sem que ninguém o note.

Depois de um tempo, a polícia reuniu todos os garotos e nos colocou para trabalhar — entregaram ganchos

adicionais que tiraram sei lá de onde e, como estávamos no chão, e não sobre um monte de lixo, a tarefa foi fácil: só precisávamos rasgar os sacos e espalhar o que tinha dentro deles.

Havia cerca de cem garotos entre nós.

As pessoas em McKinley têm privadas, então não havia barro. O lixo de McKinley é de boa qualidade: comida, jornal, muito plástico e vidro, mas a polícia não nos deixava ficar com nada, porque, para eles, nós só estávamos procurando um único objeto.

De repente, alguém encontrou uma bolsa, e as pessoas ficaram entusiasmadas. Teve muita gritaria. A bolsa era azul e velha, tinha uma pequena alça desfiada, então foi descartada, e todos ficaram decepcionados, e a polícia só nos observava, com expressões sérias de quem está com a paciência quase esgotando.

Terminamos o trabalho no meio da tarde, e acho que nunca reviramos tão bem um amontoado de lixo. Os homens no lixão também tinham acabado a tarefa. Pediram para que todos parassem. Claro, teríamos sido capazes de continuar trabalhando pelo resto do dia, e pelo resto da semana — o nosso plano era conseguir arrancar quinhentos pesos nessa história —, mas a polícia era esperta, e podia ver que, mesmo em um monte de lixo, é fácil remexer no que está no alto, e dá para ver o que é lixo novo e o que não é.

Vi que o policial boxeador estava de volta — o grandalhão que tinha feito o discurso no dia anterior — e ele falava com todos os gerentes do local e com dois homens de terno em um dos carros pretos. Houve muita discussão, vários telefonemas foram feitos, e pude ver que os chefes não estavam nada felizes — provavelmente porque a fila de caminhões lotados ficava cada vez maior, e os motoristas enfim começaram a se incomodar: tinham bebido café o dia todo e não sabiam quando voltariam para casa. Dava para ver qual era o problema: se a polícia deixasse os caminhões

jogarem mais lixo novo, a preciosa bolsa deles ficaria ainda mais enterrada, se estivesse lá. Mas, por outro lado, esse era o lixão da cidade, e por quanto tempo um lugar desses poderia ficar fechado, com milhões de pessoas mandando lixo para cá? Quanto tempo até que a cidade paralisasse?

Mas o que devia estar realmente preocupando os policiais era que ninguém podia ter certeza de que a bolsa tinha, de fato, chegado ao lixão. Afinal, muita gente revira o lixo enquanto ele ainda está na lixeira, tanto em McKinley quanto em qualquer outro lugar. Às vezes você vê essas pessoas na rua, separando o lixo na calçada. Além do mais, como eu disse, alguns garotos entram nos caminhões de lixo antes mesmo de eles chegarem ao lixão — então não tinham certeza de que a bolsa estava lá. Era estranho pensar que apenas três garotos sabiam exatamente onde ela estava.

Sentamos todos.

Finalmente pagaram os trabalhadores, e todos ficaram cem pesos mais ricos. Escurecia, o céu ficou vermelho, e a polícia então desistiu e começou a ir embora. Raphael e eu sorríamos. De repente, as esteiras foram ligadas com um ruído de rachar o ouvido, e os caminhões começaram a entrar, acenderam mais luzes e trabalharam até a manhã seguinte.

Na nossa pequena vizinhança havia mais fogueiras para cozinhar do que o normal, e algumas latinhas de cerveja. Tinha música e cantoria, e todos estavam felizes — especialmente Raphael, que achava que o serviço tinha sido cumprido e que ele fora muito esperto.

Mas, depois do jantar, dentro da casa de Raphael, onde eu estava, a sua tia nos perguntou: “Estamos seguros?”.

Eu sabia que ela não estava, mas também sabia que a culpa era dela. Não foi nada inteligente abrir a boca — na verdade, detesto admitir, mas discutimos isso bastante: se

ela tivesse ficado de boca calada, tudo teria sido muito mais fácil. “Estamos seguros?”, ela perguntou outra vez.

Respondi: “Completamente. Não se preocupe”. Era mentira.

“Vieram falar comigo”, ela me contou. “Queriam saber por que eu disse que ele tinha achado alguma coisa. Um policial me perguntou de novo, e eu não deveria ter dito nada, mas falei. Agora estão perguntando de vocês. Anotaram o nome de vocês dois.”

“Sim, mas nós contamos a eles”, interveio Raphael, sorrindo e puxando o cabelo para trás. “Era só um sapato, e eles não sabem de nada.”

Ela ficou em silêncio, mas só por um instante.

“Vi vocês saírem ontem de noite”, ela disse, com uma voz tão suave que era difícil de escutar, então nos aproximamos. “Não quero saber para onde foram, nem o motivo, só quero saber se estamos em segurança. Não tem nada na casa, né?”

Nós dois respondemos: “Não”.

“Prometem? Porque eles vão revirar essas casas...”

“Prometo”, afirmou Raphael, animado e decidido. Tudo o que eu conseguia pensar era em como as mentiras se amontoavam, e como eu esperava que aquilo valesse a pena. A bolsa estava em um lugar seguro, com o Rato — eu queria sair de lá para conferir.

A tia do Raphael insistiu: “Estão falando de procurar dentro das casas. É o que as pessoas estão dizendo. A nossa vai ser a primeira. Se derrubarem a casa de novo...”

Raphael segurou a mão dela: “Não tem nada dentro de casa”.

“Dez mil é muita grana!”, ela interrompeu, subindo o tom de voz. “Já pensaram o que podem fazer com esse dinheiro?”

Foi quando interrompi: “Você acha que eles entregariam esse dinheiro? Você realmente acredita nisso?”.

“Acho que sim!”, ela respondeu.

Raphael deu um aperto leve na mão dela. “Tia”, ele disse. “Se algum de nós aqui pegasse todo esse dinheiro, você acha que a gente conseguiria manter a grana por muito tempo?”

Ela pegou o meu braço, para que nós três ficássemos unidos. “Você é esperto”, ela me disse. “Gardo, você é mais esperto que esse menino, e eu sei que você consegue correr bastante e livrar a cara — e talvez eu não devesse ter falado nada, peço desculpa. Mas estou muito velha para me mudar mais uma vez, e os dois menorzinhos...”

Os olhos dela brilhavam cheios de água — fiquei assustado porque ela estava assustada, e eu sabia que Raphael era o que mais tinha medo, mesmo que nunca admitisse. “Não quero que a gente se meta em encrenca com a polícia”, ela disse, nos apertando com força. “Todo mundo sabe o que eles fazem.”

Não pude encará-la nos olhos.

Em primeiro lugar, eu estava furioso porque ela tinha aberto a boca — foi a coisa mais idiota que podia ter feito. Em segundo, tinha a sensação de que o negócio ia ficar feio. Claro, eu queria ser esperto como ela disse que eu era, e eu sabia que deveria liderar a parada, porque o Raphael precisa de alguém para conduzir. Eu tinha que dar um jeito de guiá-lo.

Minha cabeça se enchia de planos, por isso fiquei em silêncio.

A gente precisava chegar à estação de trem — era o que eu pensava. Tínhamos de descobrir o que havia no armário, e rápido. Então, quem sabe, em poucos dias, poderíamos devolver a carteira com a chave dentro e a polícia sairia da nossa cola.

Se isso fosse muito suspeito, pediria para o Rato entregar — ninguém suspeitaria dele, porque ele trabalhava sozinho e não conversava com ninguém. Pensei: *Deixe o Rato se tornar o herói e entregar o que eles querem daqui a alguns dias.*

Mas, se até isso fosse muito perigoso, poderíamos então jogar a carteira e a chave no lixo e esperar que alguém — qualquer pessoa — encontrasse, se é que algum dia encontraria.

Não havia nada na nossa casa, isso era verdade — e ninguém poderia provar nada, e não corríamos nenhum risco, e ainda podíamos ganhar uma grana —, era o que eu repetia a mim mesmo, e Raphael pensava a mesma coisa. Conversamos a noite toda, achando que éramos muito espertos. A gente não sabia a encrenca em que tinha entrado. Nenhum dos dois se deu conta de que, quando a polícia acha que você tem alguma coisa, não vai parar até arrancar aquilo de você.

SEIS

Aqui é o Raphael de novo.

No dia seguinte, Gardo topou ir à estação. Falei para ele que, se ele não fosse, eu iria sozinho com o Rato.

Ele respondeu: e se alguém estiver vigiando a gente? Não conseguia entender como seria possível que alguém nos vigiasse sem que a gente visse a pessoa. Acrescentei que iríamos bem rápido e ninguém perceberia.

Ele perguntou: e se eles voltarem ao lixão procurando pela gente? Respondi: e se eles não voltarem?

Ele perguntou: e se eles cercaram a estação? Respondi: e se a gente nunca mais fizer nada e esquecer essa história para sempre? Era isso que ele queria? Ele meio que rosnou para mim, mas consegui convencê-lo.

Então, de manhã cedinho, fomos até os trilhos. Os trens atravessam o lado sul de Behala, passando perto das docas. Se você quiser ir até a Central, pode pegar um trem que fica a dez minutos da minha casa.

Havia casas construídas bem perto dos trilhos, porque o terreno é plano. De vez em quando, algumas casas são derrubadas, e mandam as pessoas embora. Com o passar do tempo, elas voltam, e o jogo recomeça. Não é tão perigoso assim, porque só passam quatro trens por dia, e são lentos. Os trens são compridos e pesados, e você os escuta a um quilômetro e meio de distância. Só ouvi falar de uma pessoa que foi atropelada por um trem, uma mulher, dois anos atrás, mas foi de propósito: ela foi em direção ao trem e colocou a cabeça nos trilhos.

Gardo, Rato e eu esperamos o trem das seis. Apareceu bem pontual, e corremos ao lado do último vagão. É um trem de passageiros e anda por nove horas nos trilhos, até

chegar a uma cidade chamada Porto dos Diamantes. Ele parte das docas, onde poucas pessoas embarcam. Então, segue até a Estação Central, e aí fica tão cheio que mal dá para respirar. Subimos no trem e entramos pela janela — não há vidros nem grades. Dentro do vagão só havia um casal de velhos em uma ponta, então nos espalhamos pelos bancos, e olhamos para fora, acenando, como se estivéssemos saindo de férias.

“E se alguém estiver de olho?”, perguntou Gardo. Quando ele coloca uma ideia na cabeça, ninguém tira.

“Como poderiam estar nos vigiando?”, Rato questionou.

“Estão cuidando para ver se alguém faz algo suspeito. Quantas vezes você andou de trem, Raphael?”

“Não sei. Não muitas vezes.”

“Eles são policiais, certo? Vão ficar de olho no que estamos fazendo. E se eles souberem que há uma chave de armário, e só não sabem o número?”

“Não, escute”, falei. “Isso é loucura. Se eles soubessem que a bolsa tinha uma chave de armário, teriam aberto todos os armários da estação. Eles não sabem o que tem dentro da bolsa.”

“Talvez estejam na estação agora, abrindo todos os armários. Esperando pela gente.”

“Se for o caso, a gente vai embora. Somos apenas três garotos perambulando por aí.”

O Rato ficou quieto. Ele olhava para mim e para o Gardo sem parar, e quando olhei para ele, sorriu e nós dois gargalhamos.

Gardo pediu para a gente ficar quieto. “Vinte mil”, ele disse. “Esse é o dinheiro que estão oferecendo, ouvi dizer. Dobraram o pagamento.”

“Você sabe que eles não vão pagar.”

“O que estou dizendo é que, seja lá o que estão procurando, é mais importante. Se esse tal de José Angelico matou alguém — e se ele matou uma pessoa importante, um político, talvez, alguém rico —, e nós estamos com as

pistas para prender o cara? O que vamos fazer, então? Vamos impedir que a polícia pegue um assassino...”

Retruquei: “Gardo, por que a gente apenas não vê o que tem dentro do armário?”. Sorri para ele e recostei no banco. “Daí a gente decide o que fazer, OK?” Falei para ele descansar o cérebro.

“Eu cuido do armário”, Rato falou.

Nós dois olhamos para ele, e o Gardo perguntou o que ele queria dizer.

“É melhor que eu cuide do armário”, ele disse. “Certo? Vou acertar as coisas com os garotos da estação, falar que a gente está fazendo um trabalho para outra pessoa, dar uma grana para eles. Além do mais, se alguém estiver de olho... eu sei onde fica. Vou lá rapidão, pego o que tiver dentro do armário, e encontro vocês nos trilhos. Se alguém perceber, saio correndo. Se nós três correremos, vão pegar um de nós. Se eu for sozinho, consigo despistar os caras. Certo?”

“Quanto você quer pagar para os garotos da estação?”, perguntei. “Quanto eles vão querer?”

“Não sei. Vou tentar dar vinte, assim parece que é coisa pequena. Mas me deem cem pesos, pois nunca se sabe.”

Entreguei o dinheiro para o Rato. Ele tremelicava um pouco, assustado. Gardo sacudia a cabeça, imerso em pensamentos. Falou: “Boa ideia, Rato. Entendi o que você quer fazer. Mas acho melhor ficarmos juntos. É, acho melhor a gente fazer tudo junto”. Ele olhou para mim e ordenou: “E você, fique colado em mim!”

Alguns minutos depois, o trem freou com a chegada na estação. Ficamos nas laterais. Pude ver a plataforma se aproximando, então saltei e acabei rolando na grama. Gardo quase despencou em cima de mim, e Rato caiu de pé. Nunca tinha reparado como o Rato era rápido, e ele era tão magro que parecia feito de papel e palitos, dando a impressão de que poderia ser carregado pelo vento como uma pipa. Ele nem olhava ao redor, só saía caminhando determinado, e nós tentamos acompanhar o passo. Subimos

a plataforma e uns garotos nos olharam meio desconfiados, como se aquele fosse o território deles — e era.

Eles nos seguiram, mantendo certa distância.

Saltamos um pouco antes porque não queríamos ser vistos saindo do trem. Se guardas ou porteiros veem a gente, podemos acabar tomando uma surra. Os garotos da estação são diferentes. Desde que não roubem ou fiquem no meio do caminho, ninguém se importa. Eles mantêm a estação limpa e podem atravessar um trem em dois minutos. Quando pedem esmola ou vendem alguma coisa, fazem isso discretamente — por isso, as pessoas os deixam em paz.

Caminhávamos pela plataforma, apenas um grupo disperso de três garotos descalços. Parecíamos invisíveis. Sei que a parte difícil seria a do armário, porque é uma cena que não se costuma ver: desde quando garotos como nós abrem armários de bagagem? Não precisava ser a polícia: qualquer um perceberia. Achariam que estávamos roubando, e ninguém tem pena de garotos ladrões.

Logo que saímos da plataforma, nos deparamos com outros garotos da estação, mas esses eram maiores. Meio que fomos nos agrupando na lateral e pude sentir que Gardo se preparava para algum conflito, que ele estava mexendo no gancho que sempre carrega para todos os lugares. Rato conversou com os garotos, porque já tinha morado ali e conhecia alguns deles, e eu vi que ele passou uma nota de vinte, depois uma de cinquenta, e depois outra de vinte. Todos apertaram as mãos e eles nos deixaram passar. Acho que Rato pagou para que eles não nos seguissem, pois entramos sozinhos no saguão principal da estação.

“Nos deram cinco minutos”, ele disse.

É uma estação gigantesca, e, naquela hora da manhã, estava uma loucura — era um bom momento para agirmos, mas um tanto assustador. Havia carregadores de bagagem, famílias viajando, caminhões entregando carga, buzinas

soando, apitos de trem, alto-falantes. Todo mundo passando na frente de todo mundo, e o barulho era tão alto que você precisava gritar. Rato continuou andando com rapidez, e eu já estava ficando assustado de novo. Não gostei do olhar dos garotos da estação, mas agora — para onde eu virasse, podia ver os guardas com um olhar sinistro — as pessoas nos encaravam. Tive que ficar repetindo para mim mesmo: “Não estamos fazendo nada ilegal” — mas a sensação era de que estávamos, e todos conhecem as histórias do que acontece com garotos que são pegos violando a lei. Não estou falando apenas de andar de trem e tomar uma surra. Nessa cidade, há prisões, e é mais fácil pôr um garoto na cadeia do que um adulto. Você também escuta histórias de garotos que sequer chegaram vivos à prisão, mas não sei se é verdade — todo mundo tenta assustar com essas histórias. Uma vez me contaram sobre garotos que fugiam de casa, e a história me deixou nauseado. Se aparece um garoto que não tem para onde ir, e a polícia pega, eles esperam até a noite, quebram as pernas do menino e o abandonam nos trilhos do trem. São apenas histórias, podem não ser verdadeiras, mas não conseguia parar de pensar nelas enquanto atravessava a estação, me sentindo minúsculo — quase perdendo Rato de vista, mas com Gardo sempre do meu lado. Nós dois só esperando o momento em que seríamos pegos.

Rato seguiu adiante. De alguma forma, ele se livrou daquele tique nervoso, e caminhava rápido, parecendo uma criança feliz. Manteve certa distância de nós. Tinha algo nas mãos, e vi que era a chave, então suspeitei que estávamos perto. Passamos por baixo de uma ponte e entramos em um saguão com teto mais baixo e luzes fluorescentes. Continuamos caminhando, como se soubéssemos o caminho, e lá estava: duas paredes cobertas de armários cinza de metal — fileiras e fileiras de portas.

Continuamos caminhando.

Alguns armários eram grandes o bastante para colocar

uma mala, e alguns, mais no alto, eram menores, e só comportavam uma bolsa ou mochila. Não havia nem sinal da polícia ou de guardas — nem mesmo dos garotos da estação —, e Rato sabia exatamente para onde ia, então esperou um segundo para que o alcançássemos. Ele disse: “Não parem, certo? Caminhem”.

Havia duas mulheres abrindo um armário, e passamos por elas. Estavam ocupadas demais com o que guardavam para nos perceber. Na ponta, um homem alto, de costas para nós, trancava uma porta. Eu podia ver os números: 110, 109, 108 — nenhum número estava riscado, todos estavam limpos e inteiros. Nem sinal da polícia. Então, de repente, o Rato se virou e encaixou a chave na fechadura. Passamos reto por ele e escutamos o som do metal. Ninguém gritou, ninguém sequer percebeu. Eu tinha dado dez passos quando escutei o som da porta fechando, e então o Rato se juntou a nós outra vez, e pude notar que ele carregava alguma coisa debaixo do braço.

“Não corram”, ele disse. “Diminuem o ritmo, beleza?”

Fizemos o que ele pediu, mas meu coração galopava. Gardo foi esperto o bastante para dar uma parada na máquina de refrigerantes e mexer um pouco nela, conferindo para ver se havia alguma moeda caída. Pensei: *Como se não estivesse acontecendo nada de diferente!* — três garotos da estação andando por aí. O Rato guardou o pacote debaixo da camiseta. Fomos para a plataforma quatro, e seguimos até o final dela, passando pelo meio da multidão. Foi quando começamos a correr, por alívio. Chegamos aos trilhos e aceleramos o passo. Cinco minutos depois, entramos no meio dos arbustos e o do matagal e nos sentamos numa pilha de dormentes de concreto, sem fôlego.

O Rato e eu ríamos, gargalhávamos. Ele levantou o pacote com as duas mãos e o ofereceu como um presente. Era um envelope marrom, lacrado com fita, e demorei algum tempo para conseguir abri-lo.

Dentro havia uma carta, com um selo no canto, esperando para ser postada.

Estava escrito com uma letra grossa: *Se encontrada, favor enviar para.* E então o endereço: *Gabriel Olondriz* era o nome. Abaixo: *Prisioneiro 746229, Cella 34K, Ala Sul, Cadeia de Colva.*

Senti um arrepio, mas sorri e olhei para Gardo, que me encarava.

Abri a carta e li em voz alta. Uma página e um pequeno cartão colado a ela, contendo uma fileira de números que não fazia sentido. E a carta também não fazia sentido: não entendemos nada do que estava escrito nela. A única coisa que sabíamos é que estávamos metidos numa situação complicada, que ficava cada vez mais complicada.

940.4.18.13.14./53.6.4./9.1.12.10.33./129.23.25.32./6.1.6.
2.1.11./333.2.1.6.155.1.6./5.11.1.6./2.45.25.4./3.1.4.1.4.1.
13.28/2.16.4.7.7.1./59.11.25.6./2.7.6.2.7.2.21.773.75.1.2.1.
1.75./163.79.12.6.435.1./1.4.113./2.63.1.1.2.19.1.4.

PARTE DOIS

UM

Meu nome é padre Juilliard, e sou o responsável por juntar estes relatos — todos os nomes foram alterados, por motivos óbvios. Ao final, você entenderá a importância disso. Mas é uma história que precisa ser contada. O ideal é que os próximos acontecimentos sejam narrados por mim e por uma ex-colega de trabalho.

Direi apenas que sou o responsável pela Escola Missionária Pascal Aguila no lixão de Behala faz sete anos. Esse trabalho deveria durar apenas um ano. Fui contratado para fazer a escola se recuperar de algumas escolhas financeiras equivocadas. Deveria ter sido meu último cargo — tenho sessenta e três anos. Mas me apaixonei pelo lugar, e trabalho lá desde então. Infelizmente, me aposentarei este ano — em parte por causa da história que estamos contando. A escola já designou o novo diretor, e minha última tarefa oficial será passar o cargo para ele.

Espero continuar neste país, mas não sei se vou poder.

Eu deveria dizer, por sinal, que a nossa escola precisa de gente nova, pois estamos cada vez menores, não maiores. É difícil manter os alunos na sala de aula: precisamos suborná-los com comida. O nosso orçamento está diminuindo, e a produção de comida é irregular. Além do mais, faz muito calor, e na época de seca, fica asfixiante. A escola é feita de caixas de metal — os contêineres de ferro que você vê em navios e caminhões. Dez foram doados para inaugurarmos a escola. Eles foram aparafusados uns aos outros e as portas e as janelas foram recortadas — e pronto: uma escola metálica instantânea. Trouxeram outras seis caixas, e fizeram o segundo andar. Duas formam uma capela. Três foram unidas para criar uma creche com uma

pequena área para brincar no canto. Metade de um contêiner serve de área de descanso, e a outra metade é o meu escritório.

Só conhecia Raphael e Gardo de vista, pois eles quase não apareciam nas aulas. Poucas crianças com mais de dez anos frequentam as aulas. As famílias querem que elas catem lixo, e é difícil convencê-las de que a educação é importante — então perdemos os alunos. O pequeno Jun — o garoto que chamam de Rato — era um caso à parte. Ele me visitava no escritório, entrava sorrateiramente quando as outras crianças já tinham ido embora, escalando o metal como se fosse um macaco. Eu o deixava entrar pela janela, dava as pomadas e os curativos que ele precisava, e — se ele quisesse — o deixava tomar um banho. Também dava comida, pois com certeza passava fome. Havia uma regra que dizia que só podíamos distribuir comida durante o almoço e por meia hora depois das aulas. Quebrava essa regra pelo Jun, e por alguns outros como ele, pois sempre afirmei que é preciso quebrar as regras. Eu defini as normas; posso rompê-las. A irmã Olivia também quebrou as regras, como ficarão sabendo em breve.

Não coloquem os pés nas cadeiras, não levem mais comida do que o necessário para vocês — não levem comida para suas famílias. Formem fila, orem em silêncio, usem uma camiseta quando estiverem dentro da escola, lavem os pés antes de entrar na capela — preciso rir, mas vivemos seguindo regras, mesmo sabendo que algumas são tolas. Há porém uma regra que aprecio, embora não seja muito comum: na escada, a caminho da capela, todos devem manter silêncio.

Por que é proibido falar na escada para a capela? Vou explicar — é uma informação que se mostrará relevante.

Os degraus e a capela são dedicados ao homem cujo nome a nossa escola homenageia — Pascal Aguila. Ele foi uma das pessoas que lutaram pela liberdade do nosso país, mas não é tão conhecido. A família Aguila doa uma boa

quantia de dinheiro todos os anos, e foram eles que compraram os últimos seis contêineres do andar de cima. Pedem para que honremos a memória de Pascal — o que, além de um dever, é um prazer. Ele foi um homem que lutou contra a corrupção e foi morto por isso, então o honramos várias vezes ao dia, apenas seguindo a regra de ficar em silêncio subindo as escadas. As crianças nunca precisam ser recordadas disso. De vez em quando, se há algum garoto ou garota nova, surge uma conversinha; então, escuta-se um grande “shhhh”, como se fosse uma brisa, e todos ficam quietos. Contamos a eles sobre Pascal, é claro, e a sua imagem está pendurada sobre o altar. Era um homem determinado a construir coisas e melhorar a vida dos outros. Falava várias línguas, apesar de ser de uma família pobre. Tornou-se advogado, mas continuou morando em um bairro de classe baixa. Assumiu causas impossíveis e ganhou. Quando derrubaram casas ocupadas por sem-teto, Pascal Aguila forçou o governo a encontrar um terreno para eles. Quando uma construtora contratou mil homens e não lhes deu botas, luvas ou capacetes, Pascal Aguila abriu um processo, e gerou uma mudança na lei que deixou a indústria de construção mais segura. Quando a cólera atingiu os pântanos, perto das docas, Pascal Aguila obrigou o hospital local — um ambiente privado, apenas para ricos em atendimentos particulares — a abrir uma unidade especial para os pobres. Seu último ato — aquele pelo qual foi assassinado — foi denunciar três senadores que roubavam dinheiro dos impostos e guardavam o lucro em bancos de outros países. Todos renunciaram ao cargo, e o processo teve grande repercussão. Pascal Aguila foi baleado em um táxi, a caminho do tribunal onde testemunharia. Vinte e seis balas — do mesmo calibre de um revólver de policial. Nunca encontraram os assassinos.

Às vezes me sento nos degraus, sob a placa que mandamos fazer, e penso nesse homem corajoso. É através das pequenas coisas — como esta escadaria silenciosa —

que os mortos seguem vivos e nos auxiliam. Neste país, os mortos são muito importantes.

Você quer saber como me envolvi na história de Raphael, é claro, e o que fiz. Participo apenas tangencialmente. A irmã Olivia, a governanta da casa, foi mais importante, e talvez tenha sido mais tola — mas eu me envolvi por causa do computador escolar, que foi doado pelo banco RCBC. Conseguimos esses pequenos feitos! A gente chega lá. Você não vai me considerar ingrato, espero, se eu contar que o computador era velho e desatualizado, e que, se não tivessem nos doado, ele teria parado no lixo. Quem se importa? Deram-nos de bom coração, imagino, e o utilizamos bastante. O aparelho entra na internet e eu deixo as crianças jogarem, de vez em quando.

Foi numa tarde de quinta-feira quando Jun entrou com dois garotos que eu mal conhecia.

“Seu padre”, ele chamou. “Seu padre?”

Ele tem uma voz aguda e musical que reconheci no mesmo instante.

Eu me virei e sorri. Jun estava com a cabeça no batente da porta. Magro como um palito de fósforo, ele tem cor de cinzas. Sorri de um jeito que me faz sorrir junto, e sempre fico contente de encontrá-lo. “A gente tá procurando um troço, seu padre”. “Seu”, por sinal, é a palavra que usam para falar com respeito com os mais velhos. “Dá para a gente usar o computador, seu padre?”

Respondi que era tarde. Então olhei para trás dele e vi seus dois amigos — garotos magricelas. Um parecia tímido e o outro vigilante — dava para ver quem era o líder. A cabeça estava raspada e os olhos não piscavam. Tinha braços compridos e, mesmo mal nutrido, tinha o porte — e a graça — de um atleta. O outro tinha cabelo comprido cobrindo o rosto e um sorriso encantador.

“Seu padre, esse é o Gardo.” Ele apontou para o garoto de cabeça raspada. “E esse é o Raphael. Conhece eles?”

Falei que não os conhecia, mas que era um prazer —

trocamos apertos de mão.

“Eles vão participar de um concurso”, disse Jun. “Um negócio do jornal, seu padre. Precisam pesquisar, seu padre. Eles falaram que não vinham na escola, então o senhor não iria ajudar, mas eu insisti para que eles viessem. Eles podem pagar para usar o computador, tá? Falei que talvez o senhor deixasse.”

Pedi que entrassem e os garotos foram até a minha mesa. De bermuda e camiseta, pés descalços, sujos até os joelhos — o cheiro deles encheu o lugar. O garoto chamado Raphael me olhou, mexendo no cabelo, tímido demais para me fitar nos olhos. Ele tinha uma nota de vinte pesos na mão, para pagar o uso do computador. Gardo estava logo atrás dele, e pude sentir que me encarava, como se estivesse preparado para uma possível briga.

“Sinto muito, mas a conexão está lenta hoje”, respondi.

Coloquei uma segunda cadeira na frente do computador e fiz sinal de que não precisavam me pagar. Eles se sentaram, e Raphael entrou direto na sua tarefa. As crianças sempre sabem usar computadores — e isso nunca deixa de me surpreender. Crianças que nunca pisaram em uma sala de aula conseguem usar um teclado mais rápido do que eu. Eles aprendiam nas lojas de jogos, é claro. Por dez pesos, podiam dar tiros e dirigir carros velozes por quinze minutos.

Observei Raphael acessar um site de busca, e o garoto de cabeça raspada puxou um papel. Raphael digitou um nome e todos nós ficamos olhando a tela, enquanto o computador pensava lentamente.

Perguntei: “O que você comeu hoje, Jun?”.

Ele sorriu e segurou o meu braço. “Nada!”, exclamou orgulhoso.

Fui até a cozinha e preparei uns sanduíches. Também peguei três copos e os enchi de limonada. Quando voltei, os garotos conversavam em voz baixa mas animada, rolando a página da web e apontando para a tela. Encontraram um site de notícias e liam cuidadosamente a matéria.

“Qual é a pergunta?”, questionei. Eles me olharam sem entender, então expliquei: “Do concurso. Qual é a pergunta que vocês precisam responder?”.

Raphael disse: “É sobre história, seu padre”. Daí ele falou na sua própria língua, que, devo confessar, sei falar muito pouco, apesar do tempo que moro aqui. O outro rapaz, Gardo, sacudia a cabeça. Seja lá o que estavam procurando, parecia ser coisa séria.

Enquanto isso, Jun pegou o sanduíche com as mãos, e elas estavam tão sujas que davam nojo. O menino rói as unhas até o talo, e os seus dedos pareciam de esqueletos. Sempre promete que virá nas aulas, mas raramente aparece — deve ter reunido várias ideias malucas assistindo às aulas desse jeito! Isso até se tornou uma piada entre nós. Pergunto: “Então, você virá à aula amanhã?”. Ele me garante que sim, mas eu sei que ele não aparecerá. Nunca vou esquecer a primeira vez que ele tomou banho aqui. O menino se enrolou em uma toalha e quase dançava por causa do frio e do entusiasmo com a água jorrando do chuveiro — e talvez com o deslumbramento de ver a própria pele limpa. Dei a ele um dos uniformes escolares, mas nunca o vi usá-lo.

A irmã Olivia se encantou por ele também, e pediu permissão para adotá-lo. Uma garota de vinte e dois anos da Inglaterra, querendo adotar uma criança! Falei para ela esquecer a história. As engrenagens necessárias para adotar um filho neste país são lentas. Em seis anos, só ouvi falar de um estrangeiro que conseguiu. Nenhum governo quer doar as crianças de seu país, eu entendo — ainda assim, é impossível não ficar de coração partido com os milhares de meninos e meninas que não possuem ninguém para cuidar deles. Você vê aquele monte de lixo, e as crianças morando nele, como se fossem mais lixo. É fácil achar que uma escola como essa não serve para nada. Mais e mais crianças. Quando caminho pelos barracos, vejo os bebês, e sempre pedem para que eu os segure. E, enquanto

sorrimos, penso: *Essa criancinha, assim que souber engatinhar, estará remexendo no lixo.*

Os garotos terminaram o que tinham de fazer no computador logo que voltei com a bandeja, e eles se viraram e comeram o sanduíche e beberam a limonada. Eram educados, como costumam ser as crianças daqui, mas queriam ir embora assim que possível.

Perguntei: “Então. Escola amanhã? Todos vocês?”.

Jun riu. “Com certeza!”

Raphael falou: “Eu queria vir, seu padre. Mas tenho que trabalhar”. Ele colocou o cabelo para trás e sorriu com seu sorriso deslumbrante.

Recordei-o de que ele poderia trabalhar e assistir à aula da manhã. A escola foi organizada de acordo com isso: deixar as crianças trabalharem e, ao mesmo tempo, oferecer educação a elas. Se eles frequentassem a escola por cinco dias, ganhariam dois quilos de arroz e algumas coisinhas a mais, dependendo do que havia sido doado — esse era o incentivo. Raphael me olhou, e eu me perguntava se ele estava pensando na questão mais óbvia de todas: *E para que me serve a educação?*

Ele disse: “Eu vou aparecer, seu padre”.

Então, Jun levou o prato e o copo até a cozinha. Insistiu em lavá-los e colocá-los no escorredor. Ele me deu um abraço e eu lhe passei cinquenta pesos.

Os outros garotos estavam esperando do lado de fora, e saíram correndo juntos — nunca mais os vi. Algumas semanas depois descobri que tinham mentido. Não havia nenhum concurso, é claro. Tinham pesquisado tudo que queriam saber sobre o tal sr. José Angelico, o dono da carteira de identidade que encontraram. Também investigaram quem era Gabriel Olondriz, que, naquela época, estava cumprindo pena de vinte e três anos em uma das maiores cadeias da cidade.

Rato também estava aprontando uma, que ele revelará no momento adequado. Todos conseguiram o que queriam, e

me enganaram completamente.

DOIS

Aqui é o Raphael de novo, e desta vez o negócio fica sério. A polícia voltou aquela noite, como Gardo tinha previsto, e revistou a nossa casa. Fui preso.

Quatro vans lotadas chegaram, e pediram para que todos saíssem do local. Eles carregavam lanternas e cassetetes, e se moviam com rapidez, enquanto os moradores se reuniam, vindos de todos os barracos. A polícia não disse nada a ninguém. Eles mostraram um papel para Thomas — nosso chefe — e nem esperaram que ele dissesse qualquer coisa. Demoraram menos de uma hora. Ficamos parados escutando eles gritarem ordens uns para os outros e jogarem coisas longe. Algumas das crianças menores choraram, mas a maioria das pessoas manteve a calma e ficou apenas observando.

O que poderiam fazer?

Em seguida, voltaram para as vans, sem ter encontrado nada.

Não imaginei que fossem me levar, porque ninguém me falou nada. Vi o policial jovem outra vez. Ele fez um sinal apontando em minha direção, e me dei conta de que me levariam embora. Ainda assim, foi uma surpresa — não sei por quê — quando dois policiais chegaram e me pegaram pelos braços.

O que vem a seguir não vai ser nada fácil de contar, mas cabe a mim essa função.

Não sabia o que fazer. Não emiti um só ruído, e não me mexi — estava assustado demais para respirar e não sabia para que homem olhar. Gardo estava do meu lado, e falava rápido, perguntando sem parar, me segurando: “O que vocês estão fazendo? O que foi que ele fez?”. Minha tia

começou a gritar e caiu no chão, desmaiada. Logo em seguida houve uma grande comoção e me dei conta do quanto era importante convencer os policiais a não me levarem. As pessoas gritavam; alguns imploravam aos policiais, e se colocavam entre mim e os carros. Uma das vans parou, e alguns policiais recuaram, mas, antes que eu pudesse pensar qualquer coisa, fui levado para o carro que estava de portas abertas, segurado com força pelos braços. Gardo colocou o braço ao redor dos meus ombros, mas alguém o empurrou, e escutei-o soltar um grito mais alto que o de todos os outros. Um dos tios dele o segurou. Chegando ao carro, tentei voltar, mas fui arrastado e empurrado. Eu estava entre dois homens fortes, e ninguém escutaria nada que eu falasse. Tentei me virar, mas fui colocado à força no banco de trás. Bateram as portas, e vi Gardo outra vez. Ele berrava, tentando se aproximar de mim, e um policial o agarrou pelo pescoço e o jogou longe. O carro começou a andar e desandei a chorar. Vi rostos pela janela me observando, gritando, mas não tinha ninguém que eu conhecia, e Gardo tinha sumido.

Estava tão assustado que senti náusea e não conseguia parar de chorar.

O carro foi sacudindo violentamente, pois a estrada era esburacada e o motorista dirigia o mais rápido possível. Ainda havia uma multidão ao meu redor, e alguém batia no teto. Então, passamos pelos portões e pegamos a estrada. Ligaram a sirene e afundaram o pé no acelerador. Os semáforos vermelhos não significavam nada; os guardas de trânsito nos deixavam passar. Por algum motivo, não pareceu tão ruim enquanto passávamos por lojas, e as ruas estavam cheias de pessoas, e os lugares tinham as luzes acesas. Mas, de repente, entramos em estradas menores, sem nenhum pedestre, e logo não havia mais iluminação.

Nunca me senti tão perdido e solitário, e ainda não tinha parado de chorar. Perguntei: “Para onde a gente está indo?”.

Um homem respondeu: “Para onde você acha?”.

Falei: “Não fiz nada, seu guarda”.

O homem respondeu: “Fique tranquilo, garoto, a gente sabe disso”.

“Não fiz nada, seu guarda.” Repeti. Entre um soluço e outro, fiquei repetindo isso.

Tentei ficar tranquilo, como o homem sugeriu, mas era impossível. Sacudia para a frente e para trás. Tudo que conseguia pensar era em como eu estava sozinho, e em como qualquer coisa poderia acontecer. Pouco tempo atrás, tudo parecia seguro e comum — minha tia, Gardo, os primos, o fogo —, todos ao meu redor. E agora! Era como cair num alçapão. Em um segundo, tudo muda, e você se vê caindo — seus amigos não conseguem ajudá-lo, ninguém sabe onde você está, e você pensa: *Então, quando vou parar de cair? E: Qual é o plano deles e por que não posso fazer nada quanto a isso?*

Rato ficou com o envelope e a carteira de identidade. Eu não iria entregar nada disso, pois agora tínhamos mais informações, sabíamos sobre José Angelico e que havia uma briga começando.

As ruas e os prédios eram todos cinza, e dobramos à esquerda, à direita, subimos e descemos, e chegamos a um estacionamento, perto de um portão que parecia pesado. Um policial acompanhado de um cachorro abriu o portão e o nosso carro entrou e desceu uma rampa. Entrar no subsolo era mais apavorante ainda, e comecei a chorar desesperadamente. Gritei pela minha tia e foi nesse momento que — serei sincero — molhei as calças.

Paramos perto de umas luzes fortes, e fui tirado do carro. Mal conseguia me mexer, e um policial teve que me arrastar — não porque eu me recusava a andar, mas porque estava tão assustado que não conseguia mover as pernas. Ele falou com uma voz tranquila e colocou o braço em volta dos meus ombros, meio que me carregando. Descemos uns degraus e passamos por uma porta de metal. Chegamos a um corredor, e havia celas dos dois lados, todas numeradas.

Um policial abriu uma das portas e fui colocado lá dentro. A porta fechou e fiquei ali parado, sem saber o que fazer, me sentindo tão enjoado que achei que desmaiaria e morreria. Alguns segundos depois, a porta se abriu de forma barulhenta e um policial entrou e pediu para que eu me sentasse.

Sentei no chão, nauseado. Não tinha comido muito, mas senti o meu estômago revirar e vomitei nos joelhos. Comecei a chorar de novo, e percebi que nunca tinha escutado os ruídos que eu estava fazendo — nunca chorei como naquele momento.

O policial sentou no banco, e não fechou a porta dessa vez. Acho que ele percebeu que eu estava assustado demais para ficar sozinho e que alguém deveria ficar comigo. O policial me deu uma toalha e tentei me limpar, mas minhas mãos não funcionavam.

Passou algum tempo.

Não havia nada na cela além do banco, que era de concreto. O policial falou algumas coisas para mim, perguntas comuns sobre quem eu era. Descobri que não conseguia nem falar, por mais que tentasse. Depois de um tempo, um homem com um terno cinza-claro entrou e olhou para mim. Perguntou meu nome. Consegui dizer, mas a minha voz parecia outra.

“Seis”, ele disse. “Vamos usar a seis.”

Ele saiu e outros dois policiais entraram e me levantaram. Tiveram que praticamente me carregar. Fui levado pelo corredor, e dessa vez tive que subir alguns degraus em vez de descer. Passamos por alguns escritórios, onde policiais trabalhavam. Ninguém olhou para nós. Dobramos algumas vezes pelos corredores e me lembro de ter passado por um mural de recados com fotos de uma praia, e havia uma lista de nomes. Vi um relógio. Marcava duas e vinte. Então, entramos em uma sala com o número seis escrito a giz na porta, e tinha uma mesa de metal. O homem de terno, que tinha chegado antes de nós, estava sentado ali. Atrás dele,

de pé, estava o policial que tinha aparecido em Behala — o sujeito durão com o nariz esmagado. E atrás dele, havia uma janela, e do lado um terceiro homem que vestia uma camisa de mangas arregaçadas, um sujeito careca, suado, irritado e que aparentava cansaço.

Fui colocado em uma cadeira.

“Raphael”, disse o terceiro homem. “Raphael Fernández? Sabe onde você está?”

Balancei a cabeça.

“Na Delegacia de Polícia de Ermita. Sabe o motivo?”

Balancei novamente a cabeça e tentei falar. Não saiu uma palavra.

“Precisamos da bolsa que você encontrou”, disse o policial.

Seguiu-se um momento de silêncio, e minha garganta estava tão seca que não fazia ideia de como soaria a minha voz se eu conseguisse falar algo. Mas, depois de muito tentar, as palavras surgiram. “Não encontrei nenhuma bolsa, seu guarda.” Eu ainda não reconhecia a voz que saía dos meus lábios.

“Isso não vai terminar, Raphael, antes de você nos entregar a bolsa.”

“Não encontrei bolsa nenhuma, senhor.” Tinha que parecer uma criança, uma criança apavorada e ingênua. “Promessa, senhor. Eu juro.”

Colocaram um copo de água do meu lado, e, quando tentei pegar o copo, acabei derrubando a água. Comecei a chorar outra vez e senti vontade de ir ao banheiro. O homem cansado esperou enquanto alguém secava o chão.

“Tudo que você precisa fazer”, ele disse, “é nos levar de volta até a sua casa, entregar a bolsa — seja lá onde você a guardou. Nós pagaremos pela bolsa, conforme prometemos. Todos ficarão felizes.”

Consegui olhar para ele.

“Juro por Deus, seu guarda. Juro pela alma da minha mãe: não encontrei nenhuma bolsa. Encontrei dinheiro. Mil e cem

pesos, e só...”

“Você encontrou dinheiro.”

“Sim, senhor.”

“Então, você mentiu? Você encontrou algo?”

“Sim, senhor.”

“Onde? Quando?”

“Perto da esteira número quatro. Quinta-feira à tarde.” Eu estava mentindo. Não queria que eles soubessem onde eu estive. O problema é que as nossas próprias mentiras podem acabar nos encurralando. O homem de terno cinza anotava tudo.

“Com quem você estava? Quem viu você?”

“Ninguém, senhor, eu estava...”

“Isso é mentira”, disse o policial, e me golpeou pela lateral. Não sei onde ele me atingiu ou com o quê, mas fui derrubado no chão. Minha cadeira caiu e o meu rosto sangrou no lado. Caí de mau jeito e o meu pulso se dobrou na queda. Vi o policial de pé e pensei que ele ia começar a me chutar. Gritei “Não, não, não” sem parar, e tentei entrar debaixo da mesa. O policial não me chutou. Ele se abaixou e me agarrou. Ele e o homem de terno me levantaram pelo cabelo e pelo braço, e me puseram de novo na cadeira. Alguém ainda me segurava pelo cabelo.

“Eu estava com o Gardo”, gritei. Tinha sangue na minha boca. “Meu amigo! Mas não dei dinheiro para ele! Ele não viu o que encontrei. Desculpa, desculpa! Eu estava com o Gardo, e achei um pouco de dinheiro. Eu não...” Comecei a soluçar. “Não encontrei bolsa nenhuma!”

“E o sapato?”, perguntou o policial atrás de mim. Ele que segurava o meu cabelo. “E o sapato, hein?”

“Não encontrei nenhum sapato, eu menti!”, urrei. Tentei limpar o rosto, mas era puro sangue e ranho, e tomei outro tabefe, bem forte. As luzes pareciam piscar. “Encontrei dinheiro!”, gritei. “Não queria...” Não conseguia respirar, e comecei a soluçar. O policial se curvava em minha direção, com uma mão na mesa e a outra torcendo o meu cabelo.

“Onde estava o dinheiro?”, perguntou o homem de terno.
“Deixe o garoto em paz.”

“Enrolado em papel”, falei. “Numa conta.”

“Mil e cem pesos enrolados em uma conta?”

“Era uma conta de luz, senhor. Acho. Era laranja, e acho que as contas laranja são de luz.” Pensava rápido, lutando pela minha vida.

“Você sabe ler, não?”, perguntou o homem de terno.
“Esse bosta sabe ler?”

“Sim, senhor, eu sei ler!”

“Como pode, hein?” Ele parou na minha frente, curvou-se e ergueu meu rosto. Senti o cheiro de cigarro e suor. “Quem ensina um lixo como você a ler? Qual é o seu nome?”

“Raphael, senhor...”

“Quem ensinou você a ler?”

“Gardo e a minha tia.”

“Que tipo de conta? Qual é o endereço?”

“Não sei, não vi.”

“Quanto dinheiro?”

“Mil e cem.”

“Exatos? Quantas notas?”

“Uma de quinhentos, seis de cem.”

“E cadê essa grana agora?”

“Dei para a minha tia. Guardei uma nota para mim.”

“E a bolsa?”

“Nada de bolsa, senhor.”

“Eu vou matar você, seu mentiroso!” Ele saltou em minha direção, e caí para trás, mas o policial me levantou e o homem de terno me agarrou pela garganta. Fiquei contra a parede, e foi quando perdi o controle e simplesmente... escorrendo pelas minhas pernas, perdi o controle — fiquei tão assustado — e estava fedendo, e gritava: “Não encontrei bolsa nenhuma, senhor!”

“Tirem ele daqui! Se livrem desse garoto!”

Fui levantado e me carregaram até a janela. O homem de terno abriu a janela. Fui carregado de lado pelos policiais,

levado pelo tornozelo e pelo braço. Eu ia em direção à grande janela aberta. Lembro de sentir o ar quente. Lembro que, de repente, eu estava do lado de fora, a mão que agarrava o meu braço o soltou, e fiquei pendurado de cabeça para baixo, segurado pelo tornozelo. Eu conseguia ver a parede suja: era como um poço — e olhei o chão de pedra, lá embaixo, e algumas latas de lixo. Gritava sem parar. Quando olhei para cima, todos estavam olhando para mim.

“Onde está a bolsa?”, um deles gritou. “Você encontrou a bolsa?”

Só conseguia berrar que não. Gardo me pediu isso — e Rato também. Cheguei perto de confessar? A verdade é que não. Parece loucura, mas havia um lado meu que jurava que nunca tinha encontrado a bolsa, e outro lado implorava para que eu não revelasse nada — talvez por José Angelico, talvez porque soubéssemos mais sobre ele agora. A mão agarrava o meu tornozelo com força. Eu sabia que, a qualquer momento, ela poderia soltar, e eu cairia. Cairia de cabeça e morreria. O homem me sacudia, tudo girava, e tinha sangue, suor, minha própria sujeira, e as paredes giravam, mas eu não falava nada além de “não”, ou eles acreditariam em mim, ou tudo terminaria muito em breve.

De repente, senti que me levantaram.

Eles me puxaram de volta, e meu peito se cortou ao passar pela janela, mas nem notei isso. Os policiais me levantaram e me deram outro tabefe, e ficaram esperando.

Caí de joelhos, e me deixaram assim.

Consegui agarrar a perna de um deles. Coloquei minha cabeça entre as mãos. Lá estava eu, ajoelhado, dizendo: “Juro pela alma da minha mãe que não encontrei nenhuma bolsa. Estou contando a verdade, senhor. Por favor, não me mate. Não tenho como ajudar vocês. É verdade, eu juro”.

Onde encontrei forças para isso? Sei que era a força de José Angelico.

“Sinto muito”, falei, sabendo que lutava pela minha vida.

“Eu devia ter contado que encontrei o dinheiro, mas daí eu teria que dar parte para o meu amigo, e eu não dei, então menti para vocês. Por favor, não me matem, por favor.”

“Em que esteira você estava?”, perguntou o policial.

“Quatro, senhor, sério. Eu juro.”

“Cadê a conta na qual estava o dinheiro?”

“Coloquei no saco dos papéis. O dinheiro foi para o meu bolso.”

“Raphael, me escute.”

Quem disse foi o homem de terno, acho. Ele se abaixou ao meu lado, mas eu me sentia tão zozzo que não tenho certeza.

“Você é o ganha-pão da sua familiazinha fedorenta, certo?”

Concordei, mas não olhei para cima. “Sim, senhor.”

“Se algo acontecesse com você, a sua família ficaria muito encrencada. O que a sua tia faria?”

“Não sei, senhor.”

“Dois primos pequenos, o que aconteceria com eles? Você está me ouvindo?”

“Sim. Não sei, senhor. Não encontrei bolsa nenhuma, senhor, por favor, acredite em mim.”

“Podemos jogar você pela janela ou levar você para os fundos. Agora mesmo. Temos um lugar especial, sabia? Perfeito para um delinquente como você. Ninguém escuta nada. E nós vamos — se quisermos — quebrar todos os ossos do seu corpo.” Ele me puxou pelo braço, apertando-o e levantando-o. “Vamos começar por esse aqui. Você entende isso, não?”

Continuei balançando a cabeça, concordando, enquanto tremia e fedia. Eu estava ajoelhado, com o braço torcido no alto, esperando que se rompesse a qualquer momento. A dor era tanta que fiquei em silêncio, de boca aberta, incapaz de emitir um som, só esperando.

“Podemos colocar você no lixo e ninguém vai se importar. Ninguém nem vai investigar... está entendendo? Você vai

acabar num saco de lixo.”

Concordei com a cabeça. Não conseguia falar.

“Então, vou perguntar uma última vez...” Ele me içou e me curvou sobre a janela. Olhava para baixo, e senti alguém pegar meus tornozelos. Com um empurrãozinho, eu cairia pela janela. Mais uma vez eu encarava o chão enquanto eles me balançavam. “Onde está a bolsa que você encontrou?”

Tentei olhar para cima, mas meu braço estava muito curvado e as minhas costas torcidas. Tentei falar, e não consegui. Tentei de novo. Falei: “Pela alma da minha mãe, senhor...”.

O homem gritou: “O quê? Não consigo ouvir!”.

Me colocaram mais uma vez para fora da janela, e gritei pedindo socorro. “Eu juro, eu juro”, berrava. “Só encontrei dinheiro. Nenhuma bolsa. Se eu tivesse encontrado... se eu soubesse alguma coisa sobre a bolsa, juro que contaria. Eu teria dado a bolsa para o senhor! Eu teria... por favor, é sério.” Mal conseguia respirar, mas encontrei as palavras: “Eu levaria você até a minha casa e entregaria a bolsa. Mas não tenho como, porque não encontrei a bolsa!”.

Comecei a soluçar, pois sabia que esta era a minha última chance. Senti as mãos ao redor do meu tornozelo se mexerem e então — depois de alguns segundos de silêncio — fui colocado de volta para dentro e jogado no chão.

Quando olhei para cima, vi os homens conversando em voz baixa. Meu corpo inteiro tremia, e eu não conseguia me mexer. Depois de algum tempo, um deles me encarou e pediu para que eu me levantasse.

“Você se cagou, né?”, ele perguntou.

Concordei, e consegui me agarrar à parede e me levantar um pouco.

O homem sacudiu a cabeça. “Você está fedendo a merda. E a lixo.” Ele virou as costas para mim. “Que perda de tempo”, disse. “Garoto, é isso que você é, é isso que todos vocês são. Lixo. O que você é?”

“Sinto muito, senhor. Lixo, senhor”, murmurei.

“Mil e cem pesos, fazendo a gente perder tempo com isso. Olhe só para você.”

Consegui encará-lo, esperando ser atingido novamente quando ele se aproximou.

“Qual é o sentido de você continuar vivo, hein?” Ele se virou para os outros homens. “Olhem só para ele. Por que essas pessoas continuam se reproduzindo? Coloque as mãos para trás.”

Fiz o que ele pediu, e esperei ser esbofeteado.

Ele deu um longo suspiro, e pude perceber que não dormia fazia muito tempo — ele estava apavorado e cansado. Fiquei rezando mentalmente. Pude ver que ele me media, me analisava, perguntando o quanto eu valia, se é que valia alguma coisa. Era útil ou era lixo? Deveria ser mantido aqui para continuar apanhando... ou ser jogado fora? E se eles trouxessem o Gardo? E se eles trouxessem a minha tia e arrancassem uma história diferente de cada um de nós?

Acho que prendi a respiração.

Enfim, ele decidiu. Olhou para o policial atrás de mim e disse: “Tirem ele daqui. Estamos perdendo tempo”.

Senti uma mão na minha nuca. Fui arrastado para fora daquele lugar. Descemos a escada e o guarda me conduziu por uma passagem, onde descemos mais degraus. Alguns minutos depois, eu estava na rua e, quando me dei conta, comecei a correr, com as pernas se curvando como se eu estivesse bêbado. As pernas não me obedeciam de jeito nenhum. Mas, pelo menos, eu estava correndo feito um louco por uma estrada longa e deserta. Pelo menos eu estava livre, e pelo menos — ao contrário do pobre José Angelico — estava vivo.

Minhas pernas ficaram mais fortes. Eu sabia que podia correr para sempre.

TRÊS

Chovia e tinha esfriado.

Continuei correndo. Não sabia onde estava e não me importava com isso — sentia como se pudesse correr para sempre. Corri pelas ruas, indo em direção às luzes que via. Não tinha nenhum centavo, e não me importava. O mundo parecia tão grande, a chuva tão fresca, e me lembro de pensar: *Por que está chovendo na época de seca? Como pode estar tão frio?* O céu parecia tão alto. O tempo tinha transcorrido com mais lentidão, mas não deve ter se passado mais do que três horas. Correndo, me dei conta de que a polícia estava realmente desesperada, se eu era a única pista deles. Mais uma vez, ficou claro como as coisas que encontramos devem ser importantes, e pensei como tive sorte, e como estive perto da morte.

A mão podia ter me soltado e eu teria caído. Eu poderia estar — neste mesmo instante — agonizando no chão de pedra.

Fechei os olhos e corri mais rápido ainda com os braços abertos.

Minha tia tinha dito: “O Raphael encontrou alguma coisa”, e essa era a única pista que eles tinham. Essas únicas palavras fizeram com que revirassem toda a região e me prendessem. Fui preso, mas agora estava livre.

Enfim diminuí o ritmo, e, no final da rua, vi um ponto de referência que reconheci. Não sabia o nome daquilo, mas tinha certeza de que ficava no distrito financeiro da cidade. Era a estátua de um soldado, erguida em um lugar bastante elevado. Ele estava com uma espada na mão, pronto para atacar, em alguma guerra. Já tinha passado por ele antes, e tive a impressão de que a estátua gritava alguma coisa para

os seus companheiros na luta pela liberdade. Aproximei-me dela, olhei para cima e disse: “Eles me deixaram partir. Não me rendi”.

Não conseguia acreditar que tinham me deixado ir embora, e a estátua continuou ali, gritando.

A chuva ficou mais forte e bateu uma brisa que eu já tinha sentido no lixão, um vento que vinha do mar — uma brisa de tufão, apesar de não ser época de tufões. Olhei para o soldado e pensei, *Então, quer dizer que não passo de lixo?* E gargalhei, porque me dei conta — naquele momento — de que o garoto do lixão tinha conseguido enganar os tais homens espertos. Um garoto do lixão ficou ali sentado, tremendo, repetindo que não tinha a bolsa, quando, o tempo todo, sabia exatamente onde estava e o que havia dentro dela. Pegamos o trem e encontramos o armário. Achamos a carta — tá bom, ainda não sabíamos o que aquilo tudo significava. Mas os garotos do lixo estavam muito à frente da polícia, e não dei um pio, não revelei nada aos sujeitos.

Continuei caminhando.

Demoraria duas ou três horas para chegar a Behala, e andar me deixava feliz — conhecia o caminho. Passei por um velho e duas crianças com um carrinho. Eram eles que faziam a limpeza noturna, catando lixo. Perguntei ao homem se ele tinha um cigarro, e ele me olhou de um jeito estranho. Tinha esquecido que meu rosto estava coberto de sangue. Ele me deu uma bituca, e me sentei e fumei com ele. As crianças ficaram me olhando, e eu estava fedendo, mas ninguém parecia se importar muito com isso. A garotinha aparentava ter uns cinco anos, e a outra criança — talvez uma menina, talvez um menino — parecia ter sete. A criança de sete anos pegou uma garrafa de água do carrinho e me entregou. Joguei um pouco de água no meu nariz e na minha boca. Então, me despedi e continuei andando.

Preciso contar uma coisa — acho que vou contar agora.

No computador, descobrimos quem era José, o dono da bolsa. José Angelico, que Deus o abençoe, estava morto. Seu nome apareceu nas notícias. Gardo perguntou: “E se ele for um assassino?”, mas parece que o pobre homem tinha sido assassinado.

Adivinha onde ele morreu?

Em uma delegacia de polícia. O jornal disse que ele tinha morrido durante um interrogatório. Na mesma delegacia que eu? Na mesma sala?

Será que o soltaram da janela de propósito? Ou por acidente?

Eu passava por um pequeno parque, e me abaixei um instante. Decidi sentar na grama. A chuva caía suave e fria. Acho que eu tinha entrado em estado de choque, então resolvi ficar sentado por um tempo, pensando no pobre José Angelico.

Ele foi preso sob suspeita de ter cometido um crime sério — apareceu em todos os jornais. Depois de olharmos na internet, procuramos nos jornais — o que mais se encontra em um lixão são notícias antigas. Não demoramos muito para encontrar os jornais certos, e nos sentamos como três velhos. Eu lia em voz alta para o Rato, que balançava a cabeça e me olhava. A polícia tinha prendido José Angelico por roubo.

De seis milhões de dólares.

Nós nos recostamos tentando imaginar o quanto seriam mil dólares, um valor muito menor. Gardo tentou calcular em pesos e ficou com tanta dor de cabeça que teve que deitar. Caímos na gargalhada tentando imaginar como seria possível andar com esses milhões de dólares no bolso, e então paramos de rir.

José Angelico morreu em uma delegacia de polícia, era o que diziam os jornais, e por isso não cedi, e continuei fiel à mentira, mesmo quando me penduraram pela janela — fiz isso por José Angelico e por sua filha de rosto sério. Também acho que José estava comigo, porque sei que os mortos

sempre voltam.

Ele foi acusado de roubar seis milhões de um homem do governo — o vice-presidente. Talvez tenha mesmo roubado, e o dinheiro esteja em algum lugar. Ele deve ter colocado a bolsa no lixo antes que o pegassem — talvez ele tenha confessado isso no interrogatório, e então foram até o lixão.

O jornal nos contou um pouco sobre ele. Dizia que era órfão, mas foi adotado por um homem chamado Dante Jerome Olondriz, filho de Gabriel Olondriz. Esse era o nome na carta que encontramos — Gabriel Olondriz, o homem que está na cadeia de Colva. José Angelico, dizia, trabalhou como empregado doméstico para o vice-presidente por dezoito anos. Constava que ele tinha uma filha de oito anos de idade. Só tinha a ela. Por isso ele escrevia a Gabriel Olondriz.

Eu me sentei tremendo na chuva, e tive certeza de que devíamos ir até a cadeia de Colva para entregar a carta.

QUATRO

Meu nome é Grace e só tenho uma coisa a relatar.

O padre Juilliard me pediu para contar quem foi José Angelico, pois trabalhei muito próxima dele. Sou a governanta do senador Zapanta — o vice-presidente que foi roubado. Fui sua governanta por quatro anos, então conhecia bem o empregado doméstico. Posso afirmar que José era simpático, gentil, confiável e honesto. Falava baixo. Não fumava. Bebia um pouco de conhaque no fim de semana, mas não muito. Sua esposa morreu antes de eu conhecê-lo, e ele pagava a escola da filha. O nome dela era Pia Dante, mas ela não podia morar com o pai. José dormia na casa do senador, que ficava muito longe das escolas. Ele deixou a filha com uma família que morava perto de uma escola, e eles se viam uma vez por semana. Ele também teve um filho que morreu muito jovem.

Não sei mais o que contar.

Fiquei muito, muito irritada quando ouvi falar do roubo e, como todos os outros, disse que era impossível. José Angelico era uma pessoa muito confiável e não parecia ter coragem de fazer uma coisa dessas. Assim que pude — depois de ele ter sido preso — fui encontrar a filha dele. Mas, quando localizei a casa, me contaram que ela tinha partido. Perguntei para onde, perguntei quando, e tentei descobrir o paradeiro dela, mas a família que a acolhia não me ajudou em nada. Não sei o que aconteceu com a garota. Existem tantos meninos e meninas vivendo na rua, como todo mundo sabe.

José Angelico era um bom homem, independente do que ele fez. Não vou me esquecer dele.

PARTE TRÊS

UM

Meu nome é Olivia Weston, e sou o que chamam de “governanta da casa” na Escola Missionária em Behala. Também tenho uma parte da história para contar. Os garotos e o padre Juilliard me pediram para narrar tudo em detalhes, e assim farei.

Tenho vinte e dois anos, e resolvi dar um tempo da faculdade para conhecer um pouco do mundo. Vim para a cidade com o plano de ficar apenas alguns dias, superar o meu *jet lag*, e depois pegar um avião para encontrar uns amigos, e ficar mais ou menos um mês nadando e surfando.

No entanto, visitei o lixão de Behala, e meus planos mudaram.

Acabei indo nadar e surfar — tirei umas férias. Mas descobri que ficar deitada na praia era gostoso no máximo por uma semana. Depois disso, comecei a me sentir inútil e inquieta. Behala tinha me atingido em cheio, e eu não conseguia tirar o lugar da cabeça. Fui até lá para entregar um dinheiro de patrocínio para um amigo dos meus pais que trabalhava ali. Meu pai trabalha no Ministério de Relações Exteriores, e pagou a minha passagem (e um pouco mais) na esperança de que eu aprendesse algo com a viagem. Quando dei por mim, o padre Juilliard já estava sugerindo que eu lecionasse leitura e escrita para os pequeninhos. Depois disso, me envolvi em um projeto de saneamento básico que estava em andamento. Quando vi, já realizava primeiros socorros, porque as crianças estão sempre se arranhando ou sendo mordidas, e contraem infecções rapidamente. Logo recebi o título de “governanta da casa”, que significa que você trabalha no turno diurno ajudando no que puder.

Eu me apaixonei.

Eu me apaixonei pelos olhos e pelos sorrisos deles. Acho que o trabalho de caridade é a coisa mais encantadora do mundo, e eu nunca tinha feito isso antes. Pela primeira vez na vida, me vi cercada de pessoas dizendo que eu estava ajudando a fazer a diferença. As crianças de Behala são lindas, e vê-las o dia todo andando pelo lixo é de partir o coração. Se você visitar este país, faça as rotas turísticas. Mas conheça Behala também, e veja a montanha de lixo, e as crianças que coletam o lixo. É de mudar a vida de uma pessoa.

Eu conhecia Jun, o garoto que chamam de Rato. Jun não me chamava de Olivia — era sempre “irmã”, e depois virou “mãe”. Meu coração parece manteiga derretida — sou capaz de chorar vendo um gato abandonado na Inglaterra. O pequeno Jun me conquistou em dois dias, e eu sempre lhe dava um pouco de comida e de dinheiro. Não sei de que outra forma um garoto como ele sobrevive.

Temos um espaço de descanso na escola, que as pessoas podem frequentar quando estão cansadas, para se deitar embaixo de um ventilador. Também temos uma pequena geladeira — e as governantas da casa usam aquilo como base. Jun se acostumou a me visitar e tentar arrumar o lugar e eu criei o hábito de dar algumas coisas para ele. Então, foi uma surpresa agradável quando ele apareceu com dois amigos. Eu não sabia no que estava me metendo.

Eles perguntaram se podíamos ter uma conversa, e achei que era sobre o que tinha acontecido na noite anterior. O padre Juilliard estava descansando, e não quis incomodá-lo — ele ficou a noite toda acordado tentando descobrir para onde tinham levado Raphael, e acho que ainda estava abalado. A polícia não ajudou em nada. Então, é claro, a criança voltou a pé até Behala. Entrou pelos portões enquanto o sol nascia. Eu não estava lá para ver, mas escutei toda a história — e pude ver o quanto ele tinha apanhado. A tia dele o abraçou com força, e não o soltava

por nada. Toda a vizinhança apareceu, pelo jeito. O padre Juilliard diz que as pessoas aqui são assim mesmo. Quando um deles se machuca, todos sentem a dor.

O garoto agora sorria de um jeito tímido, colocando o cabelo para trás. Os machucados eram horríveis, e lembro de me perguntar como pode um adulto bater em uma criança desse jeito. Ele percebeu que eu o observava e foi para trás de seu amigo. Gardo, o garoto de cabeça raspada, colocou a mão gentilmente no braço de Raphael antes de virar em minha direção.

Jun disse: “Não sabemos o que fazer, mãe. A gente está com um problemão. Você conhece o Gardo, né?”.

Gardo sentou e ficou olhando os próprios joelhos. Percebi que ele tentou ganhar uma aparência mais limpa — parecia ter esfregado a sujeira e sua camiseta não tinha manchas. Ele tentou sorrir, e acabou revelando o seu nervosismo. Eu já estava quase concluindo que ele tinha vindo pedir dinheiro — e me preparava para negar. Uma das regras do padre Juilliard era nunca dar dinheiro de presente. Uns dez ou vinte pesos de vez em quando, tudo bem — todo mundo fazia isso. Mas achava que Gardo estava criando coragem para pedir um valor maior. Fiquei surpresa — e um tanto envergonhada — quando ele disse: “Meu avô está na prisão, senhora, e eu queria visitá-lo”.

Respondi: “Sinto muito. Qual cadeia?”.

Ele me disse o nome, mas, como eu não conhecia as cadeias da região, o nome não significou nada, e me questionei por que eu tinha perguntado, pra começo de conversa.

“Por que ele foi preso?”

Gardo desviou o olhar, e o garoto machucado — Raphael — colocou o braço ao redor dos ombros dele e falou algo na sua língua. Percebi que havia tocado em um assunto íntimo, mas não podia voltar atrás — e, de qualquer forma, era uma pergunta lógica.

“Dizem que ele espancou uma pessoa”, Jun falou baixo,

“mas não é verdade. Foi tudo inventado pelos caras que querem ficar com a casa dele.”

Gardo começou a chorar. Limpou os olhos e disse: “Querem arrancar meu avô da casa dele! Inventaram uma queixa. Pagaram a polícia, e a polícia prendeu o meu avô. E agora ficaram com a casa dele”.

Gardo enxugou as lágrimas outra vez. Raphael abraçou-o com mais força, e disse outra coisa — algo reconfortante, imaginei — na sua língua.

Então, ele me disse: “Gardo precisa visitar o avô, irmã”. A boca do garoto estava inchada e sua voz saía estranha. “Você pode nos ajudar a ir até a cadeia?”

Tomei um gole de água e Jun encheu meu copo.

Comecei a me dar conta de que tinha razão: iam me pedir dinheiro. Precisavam pagar a passagem de ônibus, ou de grana para subornar alguém. Fiquei surpresa novamente quando Gardo pediu: “Precisamos que você vá comigo, irmã. Por favor?”.

“Eu?”

Todos concordaram.

“Você quer que eu vá visitar o seu avô?”, perguntei.

Gardo assentiu.

“Como?” Fiquei completamente perplexa. “Por que preciso encontrar o seu avô?”

“Temos que passar algumas informações para ele”, Gardo explicou. “A polícia fez algumas perguntas sobre o meu avô, por isso que espancaram o meu amigo. Acho que na próxima vez vão me levar!”

“Não estou entendendo.”

“É uma situação difícil, mãe”, disse Jun. Nunca vi o menino tão sério. “O velho precisa saber do que está acontecendo por aqui. A gente também precisa pegar algumas informações para poder ajudá-lo. Senão, ele perde a casa.”

“Mas a sua família, quem sabe, a sua mãe...”

Gardo sacudiu a cabeça. “Não tenho mãe.”

“O seu avô deve ter filhos”, falei. “E deve ter horários de visitas — por que alguém não pode simplesmente... visitá-lo? Não sei muito bem o que posso fazer, essa é a verdade.”

Gardo respondeu: “Você não entendeu”.

“Tem razão”, confessei, “não entendi.”

“As cadeias daqui”, explicou Jun, “só permitem uma visita por mês. Mãe, eles vão perder a casa — isso é tudo, por aqui. Se você perde a casa, fica sem nada. E você, que é uma assistente social...”

Gardo disse: “Você leva o seu passaporte. Assina o nome. Eles deixam você entrar”.

Fiquei em silêncio. Enfim, tínhamos chegado à questão central da conversa.

O garoto falou algo que não escutei, e colocou a cabeça entre as mãos. Jun pegou na minha mão e disse: “Pedimos para você porque é muito importante e ninguém mais pode nos ajudar”.

“Você é a única estrangeira que a gente conhece”, acrescentou Raphael. “E as prisões aqui... os caras fazem o que bem entendem.”

“Você diz que é assistente social”, continuou Jun. “Diz que quer falar com ele por trinta minutos. Talvez deixem você esperando, certo? Talvez não deixem que você entre logo de cara. Mas, no final, se você ficar ali sentadinha... tem uma chance, não?”

Gardo me olhou, e seus olhos ainda estavam cheios de água.

Jun disse: “Você é a governanta mais legal e simpática que a gente já teve. Ele só está pedindo isso porque correm o risco de perder a casa”.

“Eles me espancaram”, falou Raphael. “Acham que estou com uns papéis, mas não tenho papel nenhum.”

“Por favor, mãe?”

Foi assim que acabei entrando num táxi rumo à cadeia de

Colva.

Aceitei ir por vaidade e burrice, e porque três garotos conseguiram balançar meu coração em um minuto e me deixar lisonjeada logo em seguida. E eles só mentiram o tempo todo, sem parar. Levei Gardo comigo, e a primeira coisa que fizemos foi parar em uma loja bem grande para comprar roupas novas para o garoto. Ele tinha se limpado um pouco, como contei, mas a bermuda e a camiseta estavam incrustadas com sujeiras de vários meses, a ponto de ficarem duras no corpo dele.

Nunca vou esquecer o olhar que me lançaram quando entrei com ele na seção de roupas para garotos. Também me lembrarei para sempre do tempo que ele demorou em escolher algo. Pedi para que o táxi esperasse, pensando: *bermuda e camiseta — cinco minutinhos*. Infelizmente, não foi assim. Gardo se revelou o comprador mais cuidadoso que já vi. Ele queria jeans, e queria os mais caros de todos. Eu me recusava a pagar o preço de país rico por calças que tinham sido feitas por preço de banana ali, naquela cidade, então o convenci a escolher uma mais barata. Ele também se interessou por uma camiseta comprida de time de basquete, que eu achei que passaria uma impressão muito diferente da que queríamos causar. Levei-o até uma arara com camisas sociais, mas ele torceu o nariz para todas. Comecei a ficar frustrada, e entramos num novo acordo. Escolhemos uma camiseta — e ele insistiu para que fosse uma enorme. Em seguida, pegamos uma camisa mais social, com colarinho, para que usasse por cima da camiseta.

Ele experimentou tudo, e nos dirigimos ao caixa — ou melhor, eu achei que estávamos indo para o caixa, mas, quando me dei conta, estava na seção de calçados e ele olhava os tênis. Os preços, mais uma vez, me deixaram chocada, mas preciso admitir que um garoto bem-vestido de pés descalços — e sujos — não é nada convincente.

Escolhemos um par de preço médio, e, quando chegamos

ao caixa, passei tudo no meu cartão de crédito. Os gastos foram recompensados: em toda minha vida, nunca tinha visto um garoto tão feliz, e — devo confessar — bonitão. Quando saiu do provador, não era mais um garoto do lixão de Behala! Estava mais alto, explodindo em sorrisos, muito mais autoconfiante... ele até andava de um jeito diferente. Não pude resistir e dei um beijo no garoto, o que levou os vendedores da loja a caírem na risada.

Entramos no táxi. Engoli seco ao ver o taxímetro. E lá fomos nós.

DOIS

Padre Juilliard aqui.

Sinto que é meu dever deixar claro que, se eu soubesse o que Olivia tinha aceitado fazer, teria dado um jeito de impedir. Teria percebido que não passava de enganação. O problema é que você nunca desconfia. Depois de seis anos em Behala, aprendi que algumas crianças são as melhores mentirosas do mundo. Acho que é instinto de sobrevivência. E é horrível dizer, mas... preciso falar de confiança. É o seguinte: você não deve se colocar numa situação na qual a sua confiança pode ser traída.

Sou o pior de todos nesse sentido, porém. Enquanto eles enganavam Olivia, traçavam planos muito especiais para mim.

Raphael e Gardo foram espertos. Mas o pequeno Jun... Rato. O que ele fez me deixou sem fôlego.

As coisas estavam prestes a ficar muito perigosas.

TRÊS

Olivia. Sim, eu sei, foi burrice.

O táxi me levou até uma parte da cidade que era mais miserável que todas as outras. Você pode achar que esse comentário é esquisito, ainda mais vindo de alguém que trabalha em Behala, mas veja bem: Behala é um lixão enorme, monstruoso, sujo e fumegante, e você não consegue acreditar que permitem que seres humanos trabalhem lá, quem dirá morar. Pilhas de lixo e barracos — é um lugar radical e horrendo, e nunca me esquecerei do fedor de lá.

Behala também deixa você com vontade de chorar, porque parece um castigo pavoroso que não tem fim — e se você tem a capacidade de imaginar o futuro, concluirá que as crianças continuarão trabalhando ali até o fim de suas vidas. Quando vê um homem velho, fraco demais para trabalhar, estatelado em uma cadeira do lado de fora do seu barraco, você pensa: *Raphael será assim daqui a quarenta anos. Como poderia ser diferente?* As crianças estão condenadas a respirar o fedor o dia inteiro, a noite inteira, separando os dejetos da cidade. Ratos e crianças, crianças e ratos; às vezes, você acha que os dois têm uma vida muito parecida.

Colva, no entanto, era um lugar muito diferente.

Andamos por estradas esburacadas. O concreto estava todo partido: parecia que o lugar tinha acabado de ser atingido por um terremoto. Passamos por prédios baixos repletos de fios elétricos e varais. Havia pessoas por todos os lados, a maioria sentada como se não tivesse nada para fazer. O ar-condicionado do táxi não funcionava, e o dia ficava cada vez mais quente. Era a época da seca, mas

falavam que um tufão monstruoso estava vindo da direção do mar. Até a brisa empurrava um ar quente.

Fizemos uma curva e, à nossa direita, surgiu um muro alto de concreto. Gardo falou: “A cadeia”, e apontou para o muro. Nenhuma explicação era necessária: dava para ver arame farpado enrolado no alto, com alguns fios caídos. Havia torres de guardas a cada cinquenta passos, abertas para o sol e para a chuva. Entramos à direita e vimos outro muro. À esquerda, havia barracas de bambu, e muitas pessoas — mais crianças pequenas. Sempre noto as crianças pequenas; elas estavam sentadas no chão de terra, brincando com pedras e pedaços de pau. Depois, fiquei sabendo que muitas dessas famílias que vivem nos barracos têm parentes presos do outro lado do muro. Precisam morar ali para mandar comida aos prisioneiros, para que eles não morram de fome.

Paramos na entrada da prisão e eu paguei o táxi. Então, fui até a guarita. Era uma caixa de concreto com uma janela grande. Vários guardas sentados. Ao lado, uma cancela vermelha e branca para impedir a passagem de veículos, e um homem parado com uma metralhadora. Mostrei o meu passaporte e repeti o discurso que tinha preparado.

Eles deram um telefonema. Notei que Gardo segurava a minha mão, e eu também estava assustada. Não esperamos nem dois minutos, quando outro policial apareceu na janela e me pediu que repetisse o que eu tinha ido fazer ali. Conteí a história duas vezes porque outra pessoa chegou, e então levaram meu passaporte. Entregaram uma ficha para eu preencher e um crachá de visitante. Gardo também recebeu um. Atravessamos a barreira e um pátio.

É muito assustador entrar em uma cadeia, porque inevitavelmente surge um pensamento na cabeça: *E se algo der errado e não me deixarem sair?* Fiquei pensando também naquela linha — que existe, e que você precisa atravessar — que separa a liberdade do encarceramento total. Que porta abriria e fecharia atrás de nós?

Passamos por dentro de um escritório e fomos levados até uma grande sala de espera. Havia bancos por toda a sala e fomos convidados a sentar. Alguns segundos depois, apareceu um guarda que nos levou até um corredor. No fim do corredor, havia um portão gradeado de ferro. Foi destrancado e, depois de passarmos, foi fechado, emitindo aquele ruído apavorante, que retine e ressoa, de metal batendo contra metal. Fomos colocados em uma sala de espera menor e pediram para que nos sentássemos. Ficamos ali sentados por quase uma hora.

Você não consegue nada neste país sendo impaciente — aprendi isso rápido. O ideal é esperar, sorrir, concordar. Gardo não falou quase nada. Pude ver seus lábios se mexendo, como se ele estivesse orando.

Do nada, ele me perguntou: “O que é *in memoriam*?”.

Respondi: “Acho que é uma expressão em latim. Quando alguém morre, você escreve isso, e significa ‘em memória de’”. Perguntei por que ele queria saber isso.

Ele sorriu e disse: “Videogame”. E começou a murmurar outra vez, como se estivesse repetindo a mesma longa oração.

Enfim a porta se abriu e um homem de camisa de manga curta entrou. Ele tinha um sorriso cálido. Apertou a minha mão e se apresentou como sr. Oliva. Falei que meu nome era Olivia, e isso rompeu o gelo quase no mesmo instante. Ele me garantiu que o sr. Oliva iria ajudar a srta. Olivia se possível. Ele tinha uma cópia do meu passaporte na mão e sentou à minha frente.

Falava em voz baixa e era muito educado. Desculpou-se por ter me deixado esperando.

“Sou funcionário da Assistência Social”, disse. “O diretor está ocupado, lidando com uns problemas, senão ele mesmo viria falar com a senhora — sempre tentamos dar conta desses pedidos. O detento que vocês querem visitar recebe esse tipo de pedido com alguma frequência. Você nos deu o número dele, mas não é o número correto. Tem

certeza que é o senhor Olondriz que vocês querem visitar?”

“Acho que sim”, respondi.

“Sim, senhor, por favor”, interveio Gardo. “Gabriel Olondriz.”

“Como eu disse, ele recebe visitas que sempre o deixam contente. Vocês sabem que ele está muito doente?”

Gardo fez um sinal afirmativo para mim, e eu disse: “Sim”.

Um momento de silêncio.

“É uma das razões pelas quais estamos aqui”, complementei.

“Sem dúvida”, disse o sr. Oliva. “Mas existem algumas formalidades. Geralmente, conseguimos resolver essas questões quando somos avisados com antecedência. Você poderia vir na próxima semana, talvez?”

Balancei a cabeça, negando. “Sinto muito”, eu disse. Pude sentir que Gardo estava entrando em pânico — e ele podia notar que estávamos quase conseguindo. “Na verdade, estou meio envergonhada com a situação. Este aqui é o meu amigo Gardo, e ele só me contou a história toda ontem, e disse que é urgente. Fico feliz que você tenha vindo falar conosco.”

O sr. Oliva sorriu. “Você é muito paciente e educada. Assistente social, certo? Em Behala?”

“Faço trabalho voluntário lá.”

O sr. Oliva estendeu a mão e me cumprimentou com firmeza. “Muito obrigado”, ele disse. “Se pessoas como você não se dispusessem a ajudar, as coisas estariam ainda piores. A cidade está cheia de problemas. Toda cidade tem os seus — mas talvez esta seja ainda mais problemática, não sei. Você cuida deste garoto?”

Falei: “Ele estava muito preocupado ontem. Não entendi toda a história, mas ele disse que eu poderia ajudar”.

“E ele é um bom menino?”

“Sim.”

“Ele frequenta a escola?”

“Não tanto quanto eu gostaria”, respondi, e o sr. Oliva deu uma gargalhada.

Ele conversou um pouco com Gardo e deu um tapinha no braço dele. “Você sabe que o homem que você quer visitar está no hospital neste momento?”

“Não sei muito sobre ele”, eu disse. “Só sei o que Gardo me contou.”

“Ele não está nada bem. Acho que isso pode incomodar você. Além do mais, as condições — o local de encontro. Você já esteve em uma cadeia antes?”

Fiz que não com a cabeça.

O sr. Oliva sorriu. “Veja bem, o nosso governo tem que lidar com muitos problemas urgentes. Não investe no sistema carcerário — acho que o mesmo acontecia no seu país uns cem anos atrás. Você vai ficar chocada com a visão. Talvez o garoto deva ir sozinho. A questão é entre ele e o senhor Olondriz?”

“Acho que o ideal é que eu o acompanhe”, respondi.

Não sei por que comecei a ficar assustada outra vez. Mas, se cheguei até ali, não ia ficar sentada na sala de espera. Tinha decidido que exploraria o mundo naquele ano, e pensei que conhecendo Behala, e agora uma cadeia, isso me ensinaria mais do que qualquer curso na faculdade.

O sr. Oliva disse: “O problema são as taxas. Para organizar visitas assim — aprovadas sem delongas, digamos. Explicaram isso na entrada?”.

“Não”, respondi.

“Ficaram com vergonha”, ele disse. “É uma questão de liberar a permissão — precisamos pedir uma aprovação relâmpago. Podemos conseguir um mandato se você nos der algum tempo.” Ele soava tão honesto. “É mesmo urgente?”, perguntou.

Assenti.

“Posso confirmar daqui a pouco”, ele disse, “mas acho que vai custar dez mil. E tem o recibo — o diretor anda tão ocupado...”

“Não preciso de recibo”, interrompi. Preciso admitir, me senti um pouco enjoada. Aquele dia estava me custando uma fortuna. “O problema é que não sei se tenho todo esse dinheiro comigo.”

Gardo tinha desviado o olhar.

“Vou pegar os formulários e conferir”, anunciou o sr. Oliva. “Quero muito ajudá-la, mas... não sou eu que determino as taxas, é o governo.” Ele sorriu. “O governo deve estar rico!”

Ele voltou dez minutos depois carregando um formulário. “Você será fotografada, além disso. E eu tinha razão: dez mil.”

Eu tinha onze mil na carteira. Passei no banco pela manhã e saquei mais dinheiro que o normal porque iria encontrar amigos em um restaurante muito caro à noite. Em meia hora, fizeram um cartão para mim, com minha fotografia e várias assinaturas. O sr. Oliva apertou a minha mão novamente.

Ao sair, fez um sinal e, em poucos instantes, apareceram quatro guardas no corredor. Um deles falou alguma coisa para Gardo, e disse: “Venham”.

Lembro do barulho das botas ecoando pelo corredor.

Fomos conduzidos até outra sala, repleta de armários. Pediram para que tirássemos tudo que carregávamos no bolso — precisávamos tirar os sapatos e sacudi-los. Colocaram tudo dentro de um armário e bateram a porta. Percorremos outra passagem e pude escutar pessoas gritando à distância — sabia que a linha divisória estava cada vez mais próxima, e meu coração batia veloz. O corredor desembocou em um salão amplo, seccionado por grades que iam do piso ao teto, e a gritaria dos homens era ainda mais alta. Parecia que nos aproximávamos de uma espécie de feira. Fomos conduzidos até um portão. Quando os guardas o abriram, me dei conta do barulho constante de metal se chocando com metal. Por todos os lados, batiam-se portas, e eu podia escutar o ruído das chaves entrando nas fechaduras. De repente, adentramos uma terra de ninguém,

como uma câmara de descompressão — um lugar onde a porta atrás de nós precisou ser fechada para abrirem a da frente. Soterrado entre os gritos havia o barulho de gargalhada e — preciso confessar — era um ruído animal, que gerava um eco apavorante. Também ficava — como se fosse possível — cada vez mais quente, como se alguém respirasse na nossa nuca. Escutamos ordens sendo gritadas: todos pareciam muito apressados. A última porta foi destravada e entramos, de fato, na prisão.

“Bem-vindos!”, exclamou o guarda que nos recebeu.

Ele sorriu para mim. Um sorriso que aparentava ser realmente interessado e cálido, o que parecia muito estranho, considerando o inferno no qual íamos entrar.

QUATRO

Eu esperava encontrar celas, mas tudo que vi foram jaulas.

À direita e à esquerda havia jaulas do tipo que se costuma colocar um tigre ou um leão dentro, dignas de um zoológico à moda antiga. Eram altas o suficiente para um homem baixinho ficar de pé, e tinham cerca de quatro por dois metros. Olhei para cima e percebi que empilhavam três jaulas na vertical, com escadas na lateral. Estavam dispostas em longas fileiras, e pude notar que havia passagens entre elas. O calor era insuportável. Ao cruzar os corredores, me dei conta de que levavam para mais jaulas. Era como um depósito em que as caixas armazenavam seres humanos.

Enquanto eu andava, sentia que me observavam da direita, da esquerda e de cima. E, como havia pessoas deitadas ou sentadas, também era olhada de baixo.

O ruído era inacreditável — todo mundo parecia estar gritando. Gardo pegou na minha mão, e isso me deixou mais tranquila.

“Oláá, moça!”, os homens berravam. Gritos contentes, gritos amigáveis e muita risada. Algumas mãos se estendiam por entre as grades; vislumbrei rostos solenes e expressões risonhas. “Tem alguma coisa pra dar pra gente, moça? Moça! Oi, moça, como é que vai?”

Olhei para a direita e fiquei paralisada.

Havia um garoto que não devia ter mais de oito anos de idade, vestindo apenas uma bermuda. Ele sorriu para mim. Um menino ainda mais jovem dormia em seu colo.

Acho que murmurei “Não” e fiquei olhando para ele, incapaz de me mover — paralisada por um instante.

Gardo me puxou levemente, mas o garoto de oito anos começou a me chamar. Ficou de pé e se aproximou. Ele segurava as grades com as duas mãos. “Oi, tia!”, ele disse. “Oi, tia! Vinte pesos, tia!”

Fiz uma curva e cheguei a um círculo. Estava no centro do lugar. Se dobrasse em algum dos corredores, me perderia por lá, porque todas as jaulas eram idênticas, e mesmo as grandes placas com números não significavam nada para mim. Tinha perdido meu senso de direção: tudo que via eram rostos e mãos acenando. Um homem, depois uma criança, depois um adolescente, depois um homem mais velho, depois outra criança — corpos magros reluzindo de suor. Quase todo mundo vestia apenas bermuda, e o cheiro predominante era de comida velha, suor e urina.

“Tá tudo bem”, disse Gardo, mantendo a mão dele junto da minha.

O guarda que nos escoltava não tinha percebido que tínhamos parado. Quando se deu conta, parou e esperou. Começaram a me fazer perguntas:

“Onde você vai? Qual é o seu nome, irmã?”

“De que país você é?”

“Americana? Americana? Oi!”

“Eu te amo! Eu te amo, Joe!”

O guarda voltou. Gardo me segurava pela mão e pelo braço e tentava me conduzir. O lugar estava um forno, e o cheiro só piorava. Sabia que, se não me mexesse, acabaria desabando no chão. Ainda bem que eu carregava uma garrafa de água comigo — e tomei um longo gole. As pessoas começaram a bater palmas, e gritar pedindo água. Perdi o equilíbrio e precisei me apoiar nas barras — Gardo não conseguiu me segurar. Senti mãos no meu braço e no meu cabelo, e vozes murmuravam:

“Me ajude, senhora...”

“Não tem ninguém, senhora. Ninguém tá vindo...”

Havia um jovem de cabelo pintado deitado de costas no braço de um homem mais velho; uma criança que vestia

calças rasgadas enrolada em folhas de jornal. Eles moravam numa chaminé.

Gardo soltou as mãos dos presidiários — eles estavam me acariciando. Olhos ansiosos, ainda tão educados — até mesmo no desespero, você luta para manter o decoro —, pude sentir lágrimas, lágrimas inúteis surgindo nos meus olhos estúpidos.

Consegui continuar andando. Era como subir um morro — consegui dar um passo, depois outro, como se estivesse pisando em pedras soltas, e segui adiante no corredor. Olhei para a frente, para as costas do guarda de camisa azul, e o acompanhei. Chegamos a uma porta de metal e entramos. Quando a porta se fechou atrás de mim, me encostei na parede e chorei.

Quando me recuperei, subi uma escadaria. O ruído e o cheiro foram desaparecendo aos poucos.

O guarda falou: “Ele está no hospital no momento”.

Ele disse algo ao segundo guarda, e outra porta foi destrancada. Saímos da luz forte e senti a brisa de um ventilador de parede. Meus olhos demoraram um pouco para se acostumar à meia-luz. Fui conduzida por um corredor estreito — acho que havia uma cadeira de rodas ali. Então entrei à direita, em uma sala vazia que tinha uma mesa e várias cadeiras dobradas. Sentei e abaixei a cabeça, pois ainda sentia que podia desmaiar a qualquer instante. Acho que Gardo sumiu por um momento — acho que fiquei sozinha. Bebi mais água, e depois de um tempo me senti um pouco melhor.

Gardo reapareceu e sentou ao meu lado.

Falei: “Vi crianças presas”.

Gardo apenas me fitou.

“O que foi que elas fizeram?”

Ele deu de ombros. “São pobres. Fazem várias coisas.”

“Mas... não se pode prender as pessoas desse jeito. O que foi que elas fizeram?”

Gardo não disse nada. “Roubaram”, ele falou, depois de

um tempo. “Talvez tenham brigado.” Ele sorriu com seus lábios finos, tentando me reanimar. “Eles recebem comida aqui. Não é tão horrível.”

Esperamos por... nem sei quanto tempo — parece que o tempo passava de forma diferente. Talvez não tenha sido muito. Escutamos vozes, e dois guardas apareceram. Ajudavam um homem velho a caminhar até nós. Precisavam ser pacientes e andar com lentidão, porque ele não conseguia andar muito bem. O homem usava calças pretas e soltas, além de uma camisa branca, abotoada até o pescoço. Os guardas o ajudavam, mas percebi que ele também tinha uma bengala, e atravessou com sofreguidão o corredor. O homem me encarava, e fiquei impressionada com o branco incandescente dos olhos dele — olhos míopes mas esfomeados, que me perscrutavam, como se ele estivesse aguardando a minha vinda.

CINCO

Ainda é a Olivia. Eles me pediram para escrever toda essa parte, mas tenho minhas dúvidas se o Gardo não deveria narrar o que aconteceu na prisão também. Eu notei que ele — Gardo, no caso — tinha se levantado para ficar atrás de mim. Também me levantei. Ninguém sabia ao certo o que fazer.

“Senhora Olivia?”, chamou o homem.

“Sim”, respondi.

Ele piscou os olhos. “Sente-se, por favor.” Disse algo na língua dele e os guardas o ajudaram a sentar na cadeira. Ele transpirava excessivamente — pude ver o suor na sua testa, e ele pegou um lenço e secou o rosto e depois o pescoço.

Enfim se recostou e sorriu. “Eles me disseram o seu nome”, começou. “Muito obrigado por vir me visitar. Espero que a experiência não tenha sido muito... chocante para você.”

O homem precisava realizar um grande esforço para conseguir falar. Aparentava estar muito doente — doente demais para ficar na cadeia. Não pensei em nada para dizer.

“Não *reconheço* o seu nome”, ele prosseguiu. “E ninguém me explicou o motivo de você me dedicar esta visita... Por favor, me perdoe, eu... Como você pode ver, estou meio abatido. Mas nunca recuso uma visita. Nunca.”

O homem não se mostrava apenas abatido: ele estava morrendo. Não sei por que cheguei a essa conclusão, mas tinha certeza. A pele dele estava encolhida, e sua respiração parecia pesada e difícil. Uma protuberância saltava de baixo da sua mandíbula, e ele parecia sentir muita dor. Tudo exigia esforço da parte dele. Sentar em posição ereta era trabalhoso, erguer a cabeça era

trabalhoso — vi que ele se retorcia de dor para se ajustar na cadeira. Ele sorriu mais uma vez, e pude claramente ver seu crânio sob a pele. Esse era o avô de Gardo? Mas algo não se encaixava. O homem nem cumprimentou o neto.

“Prazer em conhecê-la”, ele disse. “Vou contar o que você quiser saber. O que a traz aqui?”

Eu ainda não tinha falado nada, e não sabia se conseguiria. Não fazia ideia de como soaria a minha voz. Molhei os lábios e disse: “O senhor me desculpe por ter...”. Não sabia o que dizer. “Perturbado o senhor... Mas Gardo...”

Olhei para o lado e Gardo estava parado feito um poste. Não tinha cumprimentado o homem, e o homem não tinha cumprimentado o garoto.

“Confie em mim”, falou o velho, “uma visitante é sempre bem-vinda. Se eu não recebesse visitas, teria enlouquecido, e eu recebo tão poucas. Às vezes passo semanas sem ver ninguém. E então, de repente, é como se eu fosse moda outra vez: dois visitantes no mesmo dia. Você, minha querida, é o primeiro rosto em muito tempo. E você, garoto, você é...”

“Este é o Gardo”, eu disse. “Vocês se conhecem, não?”

O velho olhou para mim e depois para Gardo. Parecia intrigado. Sorriu.

“Vocês se conhecem”, falei. “Na verdade, quem queria encontrar o senhor era ele. Precisa falar sobre a sua casa.”

O homem disse algo em sua língua e Gardo respondeu, com a voz baixa. Falou mais alguma coisa e Gardo ficou em silêncio.

“Senhora Olivia”, disse o velho, sorrindo. Ele fechou os olhos e esperou um pouco. “Tenho certeza de que o garoto é um bom menino, e fico feliz que ele a trouxe aqui. Mas, respondendo a sua pergunta...” Fez outra pausa, dessa vez para respirar. “Respondendo a sua pergunta: não. Não o conheço e nunca vi este garoto na minha vida antes. Quanto à casa... Não tenho casa. Não tenho quase nada. Tiraram tudo que eu tinha muito tempo atrás.”

“Gardo, você me disse que ele era seu avô”, questionei.
Gardo desviou o olhar.

“Não estou entendendo”, continuei. “Você me disse... Senhor, estou um tanto confusa.”

“Sim, eu também.”

“O motivo da minha visita é que... foi o que eu disse, Gardo queria encontrar o senhor para falar da sua casa.”

Repeti mentalmente a história que Gardo havia me contado, e a confusão só aumentava, quase me deixando em pânico. Será que este era o prisioneiro errado? Tinha acontecido alguma confusão com o número. Estávamos conversando com o homem errado?

“Olivia, você não sabe quem eu sou, certo? Você não sabe nada sobre mim.”

“Não”, respondi. “Não sei nada.”

Ele disse algo a Gardo na sua língua, e Gardo respondeu gentilmente.

O homem respirou fundo e fechou os olhos. “Ele disse que você pagou dez mil pesos para chegar até mim. Ele é muito mão-aberta com o seu dinheiro. A taxa atual, senhora Olivia, é de mil e quinhentos. Eles arrancaram cinco mil de um jornalista uma vez, mas o deixaram esperando três dias e foi na época da eleição de Zapanta.”

“Não estou entendendo”, falei. “Você conhece Gardo ou não?”

“Não.”

“Então...”

“Ele usou você para subornar os guardas e chegar até mim. O dinheiro que você entregou paga a administração do lugar. Os guardas trazem pessoas até mim, e, como eu disse, recebo visitas com alguma frequência, e achei que você era uma dessas pessoas. As autoridades deste lugar ganham um bom dinheiro às minhas custas.”

“Mas eu não... ainda não entendi. Por que as pessoas vêm falar com você?”

“Gardo, você não vai explicar isso?”

Gardo falou algo na sua língua, e houve uma troca de palavras curta e abrupta. Gardo parecia implorar, mas o velho o interrompeu: “Não”, ele disse. “Não. Vamos falar em inglês com a senhora Oliva. Ela pagou o preço desta entrevista. Vamos conversar apenas em inglês.” O homem me olhou. “O garoto está de brincadeira. Tem umas perguntas para me fazer e quer falar comigo em particular. Disse que não. Vejo que você ficou chocada, e eu também estou muito surpreso com isso tudo... por favor.”

Ele se curvou para a frente e pensei, por um instante terrível, que ele iria passar mal. O homem se apoiou na bengala e parecia esperar a dor passar. Falou alguma coisa a Gardo na língua deles. Gardo pegou um copo na mesa e encheu-o com a água da minha garrafa. O menino estendeu o copo ao velho, mas o homem tremia. Conseguiu segurar o copo, mas Gardo teve que ajudá-lo, levando o copo cuidadosamente até a boca dele. O homem agarrou o braço de Gardo.

“Sinto muito”, ele disse. Tomou mais um gole. “Como eu estava dizendo... Se eu lhe contar quem eu sou, senhora Oliva, e como eu vim parar aqui, as coisas podem se tornar mais claras. Estou muito próximo da morte, como você percebe. Sabe por que não me deixam sair? Eu não conseguiria fazer mal a uma mosca.” Ele sorriu. “Você sabe o meu nome, mas ele não significa nada para você. Não tem por quê, afinal de contas.”

A dor passou, e ele ficou mais calmo.

“Estou na cadeia por ter acusado o senador Regis Zapanta de corrupção trinta e cinco anos atrás. Conhece o senador Zapanta?”

“Não”, respondi.

“Ele é um sujeito importante neste país — o nosso confiável vice-presidente. Está sempre aparecendo nos jornais por um motivo ou outro. Você é uma turista de passagem por aqui, não conheceria esses nomes. Gardo, por outro lado, conhece o nome e até mesmo o rosto. Não é

verdade, Gardo?”

Gardo concordou. “Todo mundo conhece ele.”

“Nesta cidade, ele é um homem muito importante. Você não lê os jornais?”

Fiz que não.

“Também não leio mais. Com sorte, uma vez por mês — eles me deixam ficar sem notícias, e talvez seja para o meu bem. Cansei de esperar mudanças: o melhor é não saber mais de nada! Nunca fui importante, Olivia — fui um mero funcionário do governo, trabalhei na zona leste da cidade, de baixa hierarquia. Você não conhece o sistema, então não vou... Enfim, não importa. O que importa é que, quarenta anos atrás, fiquei sabendo que o senador Zapanta tinha roubado trinta milhões de dólares do fundo de ajuda internacional. Era um pacote de auxílio financeiro organizado pelas Nações Unidas com o objetivo de construir hospitais e escolas. Chamavam de dinheiro “semente”. Esse tipo de capital é muito importante. Quando um país recebe um financiamento desses, há uma exigência de que, após o investimento inicial, o governo e os países que estão doando dinheiro colaborem com mais investimento. Neste caso, os trinta milhões seriam incrementados pelo nosso governo e por iniciativas privadas — os grandes bancos estavam na jogada. Assim, os trinta milhões teriam se tornado sessenta ou setenta. Setenta milhões teriam mudado a cidade naquela época, senhora Olivia. Mas nunca construíram hospitais ou escolas, e a cidade continuou pobre. O senador Zapanta roubou o dinheiro, e eu tentei provar que ele roubou. O caso nunca chegou ao tribunal, porque o senador me processou. Parece que ele tinha mais amigos do que eu, e muito mais poder. Fui acusado, processado e preso. Riram das minhas tentativas de recorrer. Prisão perpétua foi o que recebi, e...”

Fez outra pausa e seu rosto se retorceu de dor.

“Acho que estou quase terminando de cumprir a sentença.”

SEIS

Aqui é o Gardo outra vez. Só queria dizer uma coisinha. Queria pedir desculpas à irmã Olivia pelo que fiz. Nós três tínhamos conversado e decidido que era a única maneira — Rato sugeriu que podíamos contar parte da história para você, mas discordei. Fui eu que disse que não poderíamos confiar em ninguém além de nós mesmos.

Sinto muito por isso.

Por favor, lembre-se de que fui eu que li a carta de José Angelico, li e reli várias vezes. A gente sabia que estava muito perto de resolver a questão, e o que Raphael teve que suportar na delegacia... Irmã, não sei como ele aguentou aquilo. Pensei que ele era um menino frágil, que qualquer coisa podia quebrá-lo, mas me enganei. Por favor, entenda, a gente não podia contar para você. Éramos só nós três: Raphael, Rato e eu, e a gente sabia que não ficaria em Behala por muito mais tempo. Então, não queríamos que ninguém soubesse de nada.

Por favor, me perdoe por isso, e espero que algum dia eu possa encontrar você de novo. Sinto muito por como tudo terminou para você.

SETE

Gabriel Olondriz sorriu para mim.

Aqui é a Olivia outra vez.

“Vou contar um pouco mais da minha história”, ele disse. “Aos poucos, vai fazendo sentido. E daí o garoto pode nos dizer o que ele quer.”

Perguntei: “Como pode uma pessoa roubar trinta milhões de dólares?”.

“Como?”

“Sim.”

“É algo comum. Pode ser feito com tanta facilidade! Não se guarda numa maleta. Não é como roubar um banco. No caso do governo, geralmente é através de contratos falsos: todo mundo suga um pouquinho daqui, um pouquinho dali. Fazem uma contabilidade esperta e subornam quem deveria fiscalizar. No caso do senhor Zapanta, sei que muitos se envolveram com o roubo, e alguns provavelmente achavam que estavam fazendo um favor ao nosso país. Demorei quase dois anos, mas consegui reunir a papelada. Assim como você, senhora Olivia, por muito tempo fiz serviço voluntário, porque era um trabalho que eu considerava muito importante. Obtivemos cópias dos contratos falsos e das transferências bancárias para as contas inventadas. Cópias das transações, que sempre eram saques em dinheiro, pois esse sujeito adora lidar com grana viva. Quantias enormes em dólares! Sempre em dólares, nunca na nossa moeda. E para onde ia o dinheiro? Olivia, me perdoe. Conte essa história tantas vezes que não tem mais nenhum... frescor.”

“O que aconteceu?”, perguntei.

“Ele estava armazenando maços e maços de notas em um

cofre na casa dele.”

“Mas você... não conseguiu provar o roubo?”

“Eu tinha tantas provas... Infelizmente, era ingênuo. Meu escritório foi invadido. Naquela mesma noite, houve um incêndio na minha casa. Eu não estava, mas a minha empregada e o meu motorista morreram no fogo. E todas as provas foram queimadas. E então, Olivia, essa foi a parte inteligente. O homem já planejava me derrubar, e tinha queixas prontas para serem usadas contra mim — por crime financeiro. Insinuaram que eu tinha extorquido o governo em meio milhão de dólares, e provaram que eu tinha arquitetado o assassinato de um banqueiro conhecido. Senhora Olivia... ficar sabendo dos crimes que cometi... enquanto dormia! Primeiro, achei que era tudo tão louco e tão óbvio, que não precisava me preocupar. Meus advogados também estavam tranquilos, certos de que ia dar tudo certo. Mas os advogados — só percebi isso depois — tinham sido comprados, e deram toda a minha defesa para o senhor Zapanta. Dá até vontade de rir. O senador foi esperto. Eu fui idiota. Neste país, você paga o preço pela sua idiotice, assim como por ser pobre. Depois de alguns meses, quando o processo ia bem e eu tinha certeza de que ganharia a causa... fui preso. Como contei, fui condenado.” Ele parou por um instante. “Estou na cadeia desde então.”

Gardo se levantou e pressionou um pano contra a testa do homem. Vi o velho segurar a mão de Gardo outra vez.

“Por favor, senhor”, interveio Gardo. “Quem é Dante Jerome?”

O homem olhou para Gardo e depois para mim.

“Acho que este garoto tem muitas perguntas a fazer”, ele disse. “E eu vou respondê-las. Dante Jerome era o meu filho.”

“O que é a colheita?”, perguntou Gardo. “E estas palavras: *Está consumado*, senhor. O que isso significa?”

O velho questionou: “O que foi feito? Como assim?”. Ele falava em voz baixa.

“Está consumado”, continuou Gardo. *“Vá para casa agora, e a sua alma cantará.”*

O velho tremeu os lábios e nos fitou. “Preciso que você me diga o que foi feito”, ele disse. “Você precisa se explicar melhor.”

“Eu não sei”, respondeu Gardo. “Não sei o que isso significa. Mas entendi que, se você visitar a casa do senador Zapanta agora, a sua alma cantará porque algo foi feito.”

O velho abriu a boca, mas não emitiu um som. Ele olhou para mim e depois para Gardo. Os seus olhos ficaram luminosos outra vez, e ele se curvou para a frente. Pegou o pulso de Gardo e disse, em voz baixa: “Quem é você, garoto? Chega de brincadeira. Você sabe de coisas muito importantes”.

“Eu moro no lixão de Behala.”

“Sim. Um garoto de rua. Sabia.”

Ele apertou com força o pulso de Gardo. “E essa é uma das ruas mais... sombrias, imagino. Trabalhei por muitos anos com garotos de rua, meu filho também. Você deve achar que este é um comentário cruel, Olivia, mas consigo sentir o cheiro da rua por baixo dessas roupas novas. Nunca desaparece. Por que você está aqui, menino? Conte logo.”

Gardo respondeu: “Porque encontrei uma carta de José Angelico, senhor. Em um armário na estação de trem. É uma carta que a polícia está procurando, e é endereçada ao senhor, e diz que o senhor deve comemorar, porque algo está consumado”.

“Me dê a carta.”

“Não tive coragem de trazê-la, senhor.”

“Por que não?”

“Por medo que alguém a pegasse.”

“José escreve para mim todos os anos. Por que você estaria com uma carta que ele escreveu para mim?”

“A gente acha que ele escreveu antes de ser pego pela polícia. Nós encontramos e...”

“Por que a polícia o levou? Onde ele está?”

“A polícia matou José, senhor. Ele foi morto durante o interrogatório.”

Por mais que Gardo tenha dito aquelas palavras com suavidade, elas ainda soaram como um golpe. Vi o homem se encolher e desabar na cadeira. Gardo se afastou um pouco. Continuou conversando com o velho na língua deles, e tive a impressão de que o homem sentia que estava recebendo outros golpes — observei suas mãos se crisparem até cerrar os punhos. Quando olhou para cima, estava com o rosto molhado, e pude notar que era de dor.

Ele tremia. Algo dentro dele se agitava violentamente, e não podíamos fazer nada além de assistir.

OITO

Aqui é o Raphael.

A irmã Olivia se revelou uma grande amiga naquele dia, e — por razões que em breve se tornarão claras — não a vimos de novo para nos despedir. Escrever isto é uma forma de agradecimento, e um dia talvez nos encontremos, daí poderemos agradecer da maneira como deveríamos.

Peço desculpas por enganar você, irmã.

Preciso contar sobre o que fizemos enquanto Gardo tinha ido à prisão — foi superimportante. Depois passo a bola para o Rato, e vou escrever por ele. Veja bem, ele e eu decidimos agir também, pois a gente não aguentava ficar sentado esperando o dia todo, e eu não estou me sentindo bem desde o episódio da delegacia — não consigo ficar parado, e todo mundo está sempre de olho em mim. Pegamos a carta e fomos pelo canal até um lugar que ninguém frequenta — um lugar onde eu me sentia seguro, de onde dá para ver se alguém está chegando. Nos agachamos e reli em voz alta os recortes de jornal. Reli a carta também, que a essa altura quase se desintegrava em minhas mãos. Nós já sabíamos quase de cor o texto, pois ajudamos Gardo a memorizá-la — conhecíamos até o amontoado de números no final. Mais uma vez aqueles nomes voltavam para nós: José Angelico, o homem morto na delegacia. Eu sentia que ele era uma espécie de irmão para mim, e chegava a sonhar com ele. Gabriel Olondriz, seu amigo na cadeia de Colva. E o senador gorducho, Zapanta... Quando li a frase sobre o senador Zapanta, Rato me interrompeu e pediu para que eu lesse de novo: *“Se você pudesse ir à casa de Zapanta agora, a sua alma cantaria”*.

“O que isso significa?”, perguntou o Rato.

Eu não sabia. Sempre que eu lia essa frase, a gente repetia: *Eu não sei, eu não sei, eu não sei.*

“Onde fica essa casa, hein? A gente devia ir até lá.”

“Morros Verdejantes”, respondi. “Todo mundo sabe disso. Mesmo lugar onde José Angelico morava.”

O senador era um homem famoso, e todo mundo sabia que ele tinha uma casa lá, fora da cidade, uma verdadeira mansão. Todo mundo sabia que ele era rico e velho, e eu via sempre o rosto dele nos jornais — jornais que, na grande maioria, serviam para enrolar barro. E todo mundo sabia que ele era dono de boa parte da cidade — só há cinco ou seis famílias que trabalham fora de Behala, e o nome dele estava pelas ruas, em um shopping na parte chique da cidade, em arranha-céus... Ele era um homem importante em todos os sentidos. Vice-presidente por dois anos, e o seu rosto sorridente espalhado por todos os cantos.

Foi ideia do Rato ir visitá-lo, e eu gostei da ideia, pois assim sairia um pouco de Behala.

“Por que ir até a casa dele faria a alma cantar?”, Rato perguntou. Ficamos pensando, e concordamos que uma visita ao lugar podia trazer a resposta.

O problema era o mesmo de sempre. Dinheiro para o ônibus. Tinha dado tudo à minha tia, então estava duro outra vez.

Rato respondeu: “Tudo bem. Tenho grana o bastante”.

Falei que não acreditava nele. “Como é que você tem dinheiro?” Não quis ser malcriado — é só porque ele é um dos meninos que parecem mais pobres de todo o lixão, então era absurdo que ele tivesse mais de um peso.

Ele sorriu e sacudiu a cabeça. “Tenho mais do que você imagina”, disse devagar. “Vem comigo, vou te mostrar quem é pobre.”

E foi assim que descobri coisas sobre Rato que desconhecia e sobre as quais nunca tinha perguntado.

Voltamos pela trilha que leva ao guindaste desativado — o

de número catorze — conferindo se ninguém estava vigiando a gente. Não interessa o que eu fizesse, eu ficava com medo — não afastava a sensação de que sempre havia alguém me seguindo. Quando descemos os degraus, os ratos subiram correndo. Dei um grito e ele teve que me segurar como uma criancinha.

“Como você pode viver aqui embaixo?”, perguntei. Era o lugar mais nojento de todo o lixão.

Ele apenas gargalhou. “Nunca morei numa casa melhor”, comentou. “Você não gosta porque é um cara de sorte. Sempre teve uma casa.”

“Não sei como você aguenta.”

“Os ratos não me incomodam, juro. Você logo aprende que alguns deles são amigáveis.”

“E à noite?”, perguntei. “Eles nunca mordem você?”

Rato riu. “Eles ficam me cafungando quando estou dormindo. Mas o que eles têm para morder? Não tenho nada de carne!”

Ele acendeu umas velas. Pude escutar os ratos se mexendo dentro da parede, choramingando e guinchando.

“Tem um ninho por aqui”, falei. “Não dormiria aqui nem se você me pagasse.”

“Tem ninho em todo lugar. Esse é dos grandes, né? Não me deixaram dormir direito ontem — deve ter centenas de ratos. Ah, por sinal — quanto à bolsa...”

“O que tem a bolsa?”

Congelei só de pensar nela.

“Pode dizer para os policiais virem até aqui e procurar a bolsa, porque ela já era, Raphael. Duas noites e comeram toda a bolsa. A carteira também. Mastigada. Não sobrou nada.”

Ele rolava um tijolo para a frente e para trás. Então se virou e ficou sério de repente. Olhou para mim e disse:

“Por sinal, vou confiar em você, viu? Vou confiar em você e espero que você seja um cara de confiança. Vou contar um negócio e você não pode espalhar pra ninguém!”

“Contar o quê?” Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

“Tô aqui pensando. Você aí, eu mostrando meus segredos. Você pode me roubar na maior. Você e o Gardo. E o que eu faria, daí?”

Ele estava irado, mas tudo que consegui fazer foi soltar uma gargalhada. Não por maldade — mas a ideia de roubar o Rato era loucura.

“O que eu roubaria daqui? A bermuda que você está usando?”

Foi a vez do Rato cair na risada. Ele deu uma gargalhada aguda, como um guincho. Tinha tirado o tijolo e pegou alguma coisa guardada dentro da parede. Cuidadosamente, com seus dedinhos finos — e com os ratos ao nosso redor enlouquecendo —, puxou uma caixa pequena de metal, que não era muito maior do que um maço de cigarros, e estava totalmente lacrada. Colocou a caixa entre os pés e abriu.

Ele sorriu para mim. “Não tem muito o que roubar, é? Quer ver o que eu tenho aqui? Muito mais do que você pensa.”

“O que tem aí dentro?”

“Um tesouro enterrado, rapaz. Dois mil trezentos e vinte e seis pesos. Minhas economias para sair daqui.”

Ele mostrou as notas e contou em voz alta. Deve ter percebido a minha expressão de surpresa, pois caiu para trás de tanto rir. “E tenho outra caixa com o dinheiro que uso no dia a dia”, ele disse. “Outra lata de metal, assim os ratos não comem. Nessa outra eu guardo duzentos e sessenta pesos. Hoje é como se a gente fosse sair de férias, então vou pegar um pouco de grana dessa lata maior — a caixa de viagem.”

“Mas como você tem tanta grana?”, perguntei. Eu estava bastante impressionado. Dois mil era uma fortuna para garotos como nós.

“Vou ganhando aos poucos e guardo. Todo mundo me dá um pouquinho. Não como muito, ganho comida e vou

juntando os trocos. A irmã Olivia, por exemplo, me deu cinquenta pesos ontem, e depois voltei lá para comer um sanduíche.”

“E por que você está economizando esse dinheiro?”

Rato abaixou a cabeça e ficou pensando. Foi até a escadaria e olhou para cima, como se achasse que alguém estava ali escutando tudo. Voltou até onde estava a caixa, se abaixou, colocou uma nota no bolso e tampou a caixa. Depois, colocou a mão no meu ombro e olhou fixo nos meus olhos.

“Você e eu somos amigos agora, certo?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Amigos de verdade?”, ele perguntou.

“Claro”, respondi.

“Tá bom, vou contar uma coisa que nunca contei para nenhum outro garoto. Falei para a Olivia, mas pedi para ela prometer que não contaria para ninguém, só porque cansei de guardar segredo.” Ele baixou o tom da voz até ela se tornar apenas um sussurro. Tinha um rato entre nós no escuro; tive que me controlar para não sair correndo. “Não sou daqui”, ele disse. “Você sabe disso, né? Tipo, sei que a maioria dos garotos é daqui de Behala mesmo, mas eu vim do sul. Morei quase um ano na estação de trem, e ouvi falar da Escola Missionária, por isso vim para cá.”

Concordei outra vez, e ele ficou em silêncio. Como se o segredo dele fosse tão grande que não conseguisse revelar.

“Quero voltar para casa, Raphael”, confessou. Falou isso tão baixo que mal escutei. “Eu fui embora das ilhas quando não tive outra opção. Agora, quero voltar.”

“E onde fica a sua casa?”

“Sampalo. Foi onde nasci.”

“Volte para casa, então”, respondi. “Você pode viajar com dois mil, não? Uma viagem de balsa custa... não sei...”

Ele fungou e eu fiquei quieto.

“Consigo voltar de balsa, certo — amanhã mesmo, se eu quiser. E, chegando lá, o que acontece? Mil pesos só a

passagem. O que acontece quando eu chegar lá? Você acha que as pessoas em Sampalo vivem na areia? Por isso todo mundo vem pra cá, rapaz — por isso que eu vim. Por isso me mandaram para cá. Eu preciso investir. Cinquenta mil. Com essa grana, compro um barco, vou para casa e viro pescador.”

“Você sabe pescar?”

“Claro que sei! Eu pescava antes mesmo de aprender a falar! Sabia nadar antes de aprender a engatinhar! Vou comprar um barco e pescar a vida inteira.”

Olhei para o Rato. Ele parecia tão elétrico. Aquele rosto envelhecido, de olhos esbugalhados, retribuiu o olhar. Tentei imaginá-lo na sua ilha natal, Sampalo, manobrando o barco de pesca, lançando a linha no mar. Ouvi falar desse lugar, é claro — mas não sabia que era de lá que Rato tinha vindo. As pessoas comentavam dessa ilha, e eu sabia que ficava muito distante. Os turistas viajavam até ela, e diziam que era bela como o paraíso. Você chorava ao chegar, você chorava ao partir — era o que contavam.

“Com um barco, vou poder pescar”, ele continuou. “Melhor pescar do que fazer o que a gente faz aqui, vai dizer? Uma casinha na praia?” Ele estava com os olhos cravados em mim. “Um barco de pesca na areia? Longe desse fedor — isso não é jeito de ganhar a vida. Você e eu. Gardo também. Nós três juntos. Quando o sol nasce, já estamos no mar. Passar a noite toda no mar — pensa bem.”

“Não sei pescar.”

“E daí?”, ele retrucou. “Eu ensino. Você cozinha a própria comida, vende o resto dos peixes no mercado — planta umas flores. Eu tinha uma irmã que plantava flores na areia mesmo. Já pensou nisso?”

“A gente precisa de mais dinheiro”, falei. “Para comprar três barcos, não um só.”

“Sim”, disse o Rato. “Talvez. Mas...”

Ele ficou em silêncio, imerso em pensamentos. “Seja lá o que aconteça, a gente não pode ficar aqui muito mais

tempo, né?”

Senti que ele tocou o meu rosto com carinho.

“Não sei”, respondi. “A gente vai ter que esperar para ver o que acontece.”

“Você não pode ficar aqui, Raphael. Sempre vai achar que vão prender você de novo.”

Meu rosto ainda estava inchado e ferido, mas os cortes já tinham cicatrizado. Minhas costelas doíam de quando me penduraram na janela, e eu sentia náuseas só de passar a mão por essa parte do corpo. Aquele episódio com a polícia mudou tudo, e as pessoas me tratavam de um jeito diferente também — me olhavam como se eu trouxesse má sorte. Todos ficaram felizes com o meu retorno — mas... a minha tia ficou assustada, e eu fiquei assustado. Tinha uma coisa que eu nunca contei para o Rato também, porque tinha vergonha.

A hora de dormir.

Eu não conseguia dormir direito. Tinha pesadelos e acordava chorando. Vou contar a verdade — como prometi —, eu estava molhando a cama. Acordava com Gardo me abraçando como se eu fosse um bebê e os meus primos despertavam assustados, com um sobressalto, e os vizinhos batiam nas paredes porque eu gritava muito alto.

Acho que a minha tia queria que eu fosse embora, e eu não sabia o que fazer com isso.

NOVE

Aqui é o Rato, também conhecido como Jun-Jun — e a minha história vai ficar por escrito!

Pegamos um ônibus do lixão e fomos parar na estação grande e loucona da cidade. Raphael foi na frente e conversou com os caras. Está certo que ele estava com o rosto machucado, então parecia todo esculhambado — mas, quando você se parece comigo, não consegue nem embarcar num ônibus: te expulsam como se fosse uma praga. Então ele foi na frente, e eu atrás, orientando o caminho, enquanto escondia o meu rosto, até a hora de sentar no fundão do ônibus.

Quando chegamos ao caixa, descobrimos que os ônibus que iam até a terra de Zapanta saíam de outro lugar, então corremos uns metros e entramos num ônibus vermelho e grande. Passamos por baixo de pontes, por cima de pontes. Fiquei na janela olhando pra fora. Vi um shopping que tinha o tamanho de uma cidade com um estádio esportivo que anunciava uma luta de boxe importante. Tinha fotos dos lutadores penduradas nos andaimes, pareciam gigantes sorrindo com os dentes à mostra. As pessoas entravam e desciam, corriam para pegar o ônibus, e o cobrador batia na lateral, gritando. Duas horas depois, estávamos passeando pelos campos com o sol entrando pela janela. Subimos um morro e fomos parar em um vale. A sensação de estar bem longe de Behala era boa, e pude sentir que Raphael também estava tranquilo. A gente cantava ao som da música e brincava com uma criança simpática sentada na nossa frente. Até conseguimos uma boa vista do mar, porque os Morros Verdejantes ficam próximos do mar. Os ricos adoram o mar, vai dizer? O cheiro é com certeza

melhor que a podreira que chamamos de Behala.

Então, o motorista parou na frente de um portão enorme e fez um sinal pra gente.

Os passageiros nos viram descer e eu dei tchau a todos, apertando a mão deles por diversão — devem ter achado que eu era uma criança maluca que o amigo levou para passear, então sorriram para mim. Quando saímos do ônibus, caí na gargalhada, dei uma boa olhada para o portão, mas fiz questão de que a gente continuasse andando. Não podia deixar Raphael muito tempo parado, pois sabia que ele estava apavorado com tudo, e, se alguma coisa acontecesse, Gardo provavelmente arrancaria a minha cabeça com o seu gancho.

Dois guardas ao lado do portão olharam para nós, e senti que ele ficou tenso, mas seguimos adiante, eu na frente, ele logo atrás, segurando a minha mão. Vi um guarda com um cachorro lá dentro, e havia dois outros com metralhadoras na mão. Tinha cones para impedir que carros entrassem e espetos de proteção logo em seguida, caso alguém tentasse entrar mesmo assim. A estrada continuava até sumir de vista, e o lugar parecia um parque, por causa das árvores e da grama — parecia um paraíso, como se o senhor vice-presidente tivesse comprado o paraíso e colocado guardas na porta caso surgisse alguém querendo um pedacinho daquilo. Saímos correndo como crianças risonhas se divertindo — crianças das quais ninguém desconfia — e fomos seguindo os muros. Logo encontramos outra guarita, tão grande quanto a anterior, com grades altas — e continuamos andando. Imaginei que havia câmeras no local, mas as únicas que eu vi estavam nos portões, então fiquei mais tranquilo. Tinha certeza de que conseguiríamos entrar na propriedade se subíssemos em uma árvore. Como a gente ia se aproximar da casa era outra história.

E por que as nossas almas cantariam? Talvez a casa estivesse pegando fogo, e a bunda do homem iria assar como um porco. Isso seria uma visão e tanto. Enfim, de

repente Raphael parou, sem fôlego e sentindo enjoo. Ele me segurou e perguntou: “Tem certeza que isso é uma boa ideia?”.

“Quê?”, retruquei. Fingi não entender, para que ele continuasse andando.

“Será que é uma boa ideia. Rato? Se alguém me encontrar...”

Coloquei o meu braço ao redor dos ombros dele e o empurrei para o lado. “Quem é que vai ver você?”, perguntei. “E você está me perguntando isso agora? Depois que gastei o meu dinheiro, tudo que você quer é voltar para casa?”

“Só estava pensando...” Ele tentou se acalmar, mas suava sem parar. “O que a gente vai descobrir? Ainda vamos ser perseguidos e talvez a gente ainda leve uma surra...”

“A gente já foi perseguido uma vez, Raphael, e não nos pegaram.”

“Mas o negócio é diferente, esse cara é importante. Você viu o tamanho daquele cachorro!”

“É só pra assustar. Esses bichos são preguiçosos pra burro...”

“Nós *vimos* o lugar”, ele interrompeu. “Já deu para perceber que tipo de lugar é esse!”

Continuei andando em direção a uma árvore. Senti que ele não podia parar de andar, então o puxei para perto da árvore.

“Só me segue”, comandi. “Você é mais corajoso que eu. A gente vai conseguir!”

Me apoiei no tronco e fui subindo. Raphael me seguiu, ainda bem, e logo estávamos em um galho, olhando por cima da cerca para a terra prometida. Fiz uma aula de estudos bíblicos na Escola Missionária, e isso me ajudava naquele momento: eu me sentia um pouco como Moisés. Saltamos do galho mais longo e fino (mas capaz de suportar o nosso peso) e caímos rolando na grama. Ficamos de pé e saímos correndo em direção a um pequeno grupo de

árvores. Passamos por uma lagoa pequena e fomos parar no que eu sabia que era um campo de golfe, com gramado verde, uma bandeirinha e um banco de areia para as crianças. Não havia ninguém ali, só regadores disparando água, o que deixava a grama tão fresquinha que dava vontade de ficar rolando nela. Andávamos abaixados, sempre tentando nos esconder atrás de pequenos moinhos, se possível — mas não vimos ninguém.

Alcançamos uma fileira de árvores enormes, cujos galhos desciam e roçavam a grama. Era um bom lugar para ficar — havia sombra e podíamos nos esconder ali. Nos esprememos por entre as árvores para chegar do outro lado, quando vimos... aquilo.

“Rapaz!”, exclamou Raphael.

Eu só fiquei olhando, sem palavras.

“Quantas pessoas moram aí dentro?”, ele perguntou.

Gargalhei um bom tempo, e finalmente disse: “Quer saber? Aposto que ele mora sozinho. Um cara grandalhão caminhando por aí, olhando para o seu dinheiro, morrendo de medo que alguém apareça para roubá-lo”.

“Mas quanto dinheiro você precisa ter para construir isso?”, perguntou Raphael. “Olha só o lugar!”

“Olha as torres, cara. Ele acha que é um castelo. Acha que mora num conto de fadas.”

Eu também estava impressionado, pois nunca tinha visto nada assim. O homem escolheu bem o lugar, preciso admitir. Comprou o pedaço mais bonito do território, e, justo onde a grama é baixa e retinha, ele construiu um palácio para o rei que achava ser. Era de madeira preta e branca, como listras e cruces, com tantas janelas que era impossível contá-las, imagina limpar. A casa era toda empilhada em camadas, e tinha um domo dourado no meio, reluzindo no sol — como se, na metade da construção, os pedreiros tivessem resolvido construir uma catedral, só por diversão. Em cada ponta havia uma torre amuralhada com bandeiras do nosso país flamejando orgulhosas, e por todo o lugar

tinha estátuas e hastes cumes. Havia também uma fonte enorme, bem na frente, e jorrava água naquele momento, em plena época de seca, sem ninguém para contemplá-la além de nós.

Vimos que um carro de polícia estava entrando pelo portão. Então, logo atrás de nós — quando finalmente assimilamos o tamanho da mansão — uma voz baixa, muito próxima, disse: “O que vocês querem aí, garotos?”.

Dei um grito e me virei — e o coitado do Raphael partiu em disparada. Saiu correndo pela grama, e depois ficou parado, sem saber o que fazer, como se fosse um gato preso na árvore. Decidido, gritei: “Pare! Está tudo bem!”. Às vezes você percebe que não tem perigo, e eu sabia que o maior risco era o de Raphael ser visto correndo a céu aberto.

A voz do homem era tranquila.

O homem que disse aquilo não estava irritado conosco. Ele estava em uma árvore próxima, logo atrás da nossa, e a gente não o tinha visto — e nem quis nos assustar, eu tinha certeza disso. Estava tão agachado e parado que passamos reto pelo sujeito. Pude ver que tinha uma tesoura de jardinagem nas mãos e um chapéu largo para se proteger do sol. Ficou claro que era apenas um jardineiro velho e humilde, um dos mais de cem que devem trabalhar para deixar o lugar bonito assim.

Raphael voltou até nós e ficou atrás de mim, tremendo e ofegando.

“Vocês estão procurando algo em particular?”, perguntou o homem.

“Não, senhor”, respondi.

“Ah, estão só de passagem. Vieram dar umas risadas?”

“O que tem de engraçado?”

O homem sorriu para nós dois. Vi que Raphael estava em pânico. “Achei que vocês tinham ouvido falar, e por isso vieram para cá. Sentem aí um tempinho”, ele sugeriu. “Fumem um cigarro. O pessoal que trabalha nos portões

disse que tem um monte de gente aparecendo na casa para perguntar se o que saiu nos jornais é verdade.”

“A gente só está perambulando por aí”, falei. “O que saiu nos jornais?”

O homem sorriu outra vez e tirou o chapéu. O seu rosto era tão enrugado que parecia uma fruta que passou do ponto — o homem estava totalmente queimado pelo sol e aparentava ser muito velho. Ele soltou uma gargalhada que parece ter saído das entranhas, e continuou rindo enquanto tossia. Tirou um cigarro sabe-se lá de onde e acendeu, oferecendo o maço.

“Só saiu em alguns jornais”, ele disse. “Mas ninguém tem certeza da história. Não querem admitir, essa é a minha opinião. Mas por que tantos carros de polícia? É isso que a gente está se perguntando.”

“*Por que* tem carros de polícia aqui?”, perguntei, aceitando um cigarro.

“Você contou quantos? Quantos apareceram hoje?”

“Sete”, respondi, tapando meus olhos do sol. Passei um cigarro para Raphael. Nós nos reunimos na sombra.

“Um monte de policial por aí, de bobeira. Caminhando pela mansão do chefe. Não sei o motivo. Acabou tudo, que eu saiba — acabou o show. Então o que se pode fazer? Acho que eles estão andando por aí, repetindo as mesmas perguntas. Vocês sabem quem vive aqui, não? Sabem quem vocês estão visitando, certo?”

“Sim”, respondi. “O senador.”

O jardineiro abriu um sorriso e curvou a cabeça para o lado. “Trabalho aqui faz vinte e dois anos”, ele contou. “Falei com ele duas vezes. Na primeira, disse ‘Sim, senhor’, e na segunda, ‘Obrigado, senhor’. Ele é o homem mais gordo que já vi — tiveram que mandar fazer um carro maior para comportar o tamanho do sujeito. Eu conseguiria comer até explodir só com os restos que ele joga fora!” O jardineiro tossiu e tragou com mais força o cigarro. “Sabem, eu gostaria de poder entrar na casa. Entrar lá e escutar o que

estão falando. Mas consigo imaginar! Não é nada difícil de imaginar!”

“Sobre o que estão falando?”, perguntei outra vez. “O que aconteceu ali, senhor?”

“Ele deve estar trabalhando pesado para acobertar tudo e se safar dessa. Ele gasta o que for preciso para não parecer um idiota.”

Não falei nada. *Deixe ele contar*, pensei, *já está entrando no assunto*. Raphael estava logo atrás de mim, ouvindo com atenção, e o cigarro o acalmava.

O velho fechou os olhos e tragou. “Fico feliz”, comentou, “só de pensar nisso. Acho que todos esses policiais estão por aí, educados, perguntando: ‘Senhor? Conte outra vez a história. Como deixou um empregado doméstico sair pela porta com seis milhões de dólares?’.” Ele deu uma gargalhada alta e demorada, e Raphael começou a rir também. Acabei sorrindo.

“Seis milhões de dólares”, o jardineiro enfim disse. “Pegou e saiu pela porta. Sabe como?”

Nós dois fizemos que não com a cabeça. Rimos ainda mais, porque era muito legal ver o velho se divertindo tanto assim, só de se lembrar de uma história.

“Todo mundo aqui está sabendo”, o jardineiro disse, “mas os jornais não sabem a história toda. Foi um rapaz de confiança.”

“O que foi que ele fez?”, perguntei. Raphael me apertava com força, pois parecia que as peças estavam prestes a se encaixar. Tivemos outra vez a sensação de que estávamos perto de seja lá o que estivéssemos procurando.

“Dizem que ele conseguiu fazer isso com uma geladeira.”

“Quê?”, perguntei. “Fazer o quê? Seis milhões de dólares... como...”

“É o que os guardas dizem”, ele continuou. “Uma das faxineiras também. O nome está nos jornais, mas não contam o que foi que ele fez. Também não revelam que mataram o sujeito.” O velho cuspiu na grama. “Bom, ele era

funcionário da casa. Trabalhou aqui por não sei quanto tempo. Não tanto quanto eu, mas bastante tempo. Eu conversava com ele de vez em quando, fumava um cigarro. Era um rapaz simpático. Escutei que pediram para ele comprar uma geladeira nova. A velha tinha estragado e o homem precisava de uma nova para guardar tanta comida! Então o rapaz encomendou uma geladeira e entregaram. Ele pediu: ‘Levem a velha com vocês, por favor?’. Justo, a geladeira antiga era só uma tralha para o senador. Os entregadores aceitaram — afinal, poderiam vender umas peças depois. Então colocaram a geladeira no caminhão e o rapaz foi junto com os entregadores, passou pelo portão, conversou com os guardas, deu risada — tudo tranquilo. Foi tudo filmado, dizem. A geladeira amarrada em lençóis. Mas ele não desceu do caminhão. Ficou com os entregadores para mostrar um atalho para eles. E foi ficando. Ele disse que queria a geladeira, porque podia fazer algo com ela. Deu dois mil pesos para que os entregadores o deixassem onde ele queria. Era uma boa quantia, ninguém iria reclamar de receber esse dinheiro. Pediu para ficar num cemitério, contaram. Não era nem em uma casa. E foi o fim da trilha. Nunca mais o viram.”

“Ele guardou o dinheiro na geladeira?”, perguntei.

O jardineiro riu outra vez. “É o que todo mundo acha. Seis milhões de dólares em uma geladeira estragada!”

Ele fez um sinal com a cabeça apontando para a casa e para os carros de polícia.

“E lá estão eles parados. Não fazem ideia de onde foi parar o dinheiro. Que rapaz esperto! Queria poder cumprimentá-lo.”

O jardineiro parou de sorrir.

“Como foi que pegaram o rapaz?”, perguntei.

“Nem ideia. Os jornais não dizem nada.” Ele jogou o cigarro na grama. “Sei que ele tinha uma filha pequena, então devem ter chegado através dela, talvez.”

Raphael falou pela primeira vez. “O nome dele era José

Angelico, não?”

O homem olhou fixamente para Raphael. Concordou. “Você leu sobre o assunto, é? Sabe se encontraram a geladeira? Devem estar se perguntando onde ele guardou o dinheiro — é isso que eles querem. Espero que ele tenha passado a grana adiante antes que o matassem, pois acho que aquele filho da puta ali vem roubando dinheiro há anos. Roubando até mesmo de mim e de vocês — dá para acreditar?”

Ele balançava a cabeça.

“Vice-presidente”, disse, e cuspiu na grama. “Espero que nunca recupere o dinheiro, nem um centavo. Espero que ele tenha um ataque cardíaco e morra.”

DEZ

A história da Olivia — última parte.

“José Angelico era o meu neto”, disse o velho.

Gardo levou o copo à boca dele outra vez. O homem bebeu um gole e enxugou os olhos.

Deu uma risada curta. “Tenho muitos netos”, comentou. “Sabe por quê? Porque Dante — você perguntou dele, Dante Jerome, meu filho — adotou treze garotos e dezenove garotas.” Ele sorriu, mas era um sorriso cansado. “Sei que parece impossível, mas era um programa do governo. Você podia adotar uma criança com a mesma facilidade que chamaria um táxi. Dante abriu uma escola, veja bem — talvez muito parecida com a sua, senhora Olivia. E ele tinha quatro filhos de sangue, e achou que a melhor maneira de cuidar das crianças seria adotando-as. Sempre que eu o via, dizia...” A sua voz enfraqueceu. “Nossa Senhora.” Ele coçou a cabeça. “Pequeno José, pequeno José... Que maneira de morrer.”

Gardo falou alguma coisa na língua deles.

O velho grunhiu, depois tossiu e ficou sem ar. Ficamos esperando que ele se recuperasse.

“José era um dos meus preferidos. Sei que um avô não deve ter favoritos, mas José Angelico era o menino mais simpático de todos. Ele também era inteligente, e quase não dormia — estava sempre trabalhando! ‘Vou ser médico’, dizia — tantos garotos falam isso. Mas... Poxa vida, pensamos por um tempo que seria mesmo possível. Olivia, isso faz sentido para você?”

Assenti. “Sim”. Era mentira, pois eu estava muito confusa.

“Ah, Gardo... você não trouxe a carta”, ele lamentou. “Você acha que tem algo perigoso escrito nela?”

“Acho que sim”, respondeu Gardo. “Pensei que a polícia poderia pegar a carta. Meu amigo foi preso, então eles sabem o que estão procurando.”

“E a filha dele? Onde está Pia Dante?”

“Não sabemos, senhor.”

“Ela vai ficar sem ninguém.” Gabriel ficou perdido em pensamentos por um tempo e depois me disse: “José me escrevia todos os anos. No meu aniversário e no Natal. Ele queria ser médico, depois advogado. Dante teria conseguido arrecadar dinheiro para isso — ele sempre conseguia arranjar dinheiro! Tantas negociações, os jovens que ele pôs na faculdade — os inteligentes, é claro. Mas o pequeno José...”. Ele fez uma expressão de dor e enxugou os olhos. “Não é mais tão pequeno. Eu o vi ano passado — um homem feito. Queria que eu conhecesse a filha dele — ela é minha bisneta. Ah...” Secou os olhos. “Ele abandonou os estudos muitos anos atrás — era apenas um empregado doméstico, sabem. Melhor que muitos empregos, sem dúvida, mas esperávamos que ele fosse seguir uma carreira melhor... Acho que perdeu a paciência.”

“Paciência com o quê?”, perguntei.

O velho parou por um instante. “Você não pode esperar para sempre. Deixam a gente esperando para sempre. Dá para ficar batendo na porta eternamente? José perdeu a paciência, a ambição, saiu do colégio. Não me contou onde foi trabalhar. Rapaz”, ele disse, se virando para Gardo. “Por favor, vamos ao assunto. Estou muito cansado.”

“Senhor”, falou Gardo.

“Você me perguntou o que significa *Está consumado* — isso estava na carta. Fale a verdade.”

“Sim”, respondeu Gardo.

“Você lembra exatamente o que foi que ele disse? É por isso que veio até aqui?”

“Senhor”, interrompeu Gardo, “eu decorei toda a carta. Se quiser...” Ele olhou para a porta. “Posso repeti-la para o senhor.”

Nós dois olhamos para o garoto. “Você decorou toda a carta?”, perguntou impressionado o velho. “Sabe toda ela de cabeça?”

Gardo fez que sim com a cabeça. “Não é tão comprida”, ele disse, sorrindo.

O velho se recostou e Gardo molhou os lábios.

“Vamos lá.”

Gardo se endireitou. Colocou as mãos nas costas e o viu diante de uma sala de aula, recitando.

“Ao Prisioneiro 746229”, começou. “Bloco 34K, Ala Sul, Cadeia de Colva.” Respirou fundo. “Querido vô, faz muito tempo que não lhe escrevo, mas você está sempre em meus pensamentos, ainda mais nos últimos dias, e ficará feliz de saber que, no seu aniversário, muitos copos foram erguidos em sua homenagem. Não tem um dia que passe em que não penso em você, apesar de ser difícil conseguir falar com você agora, ainda mais quando minhas obrigações me levam para longe da cidade.”

Gardo parou por um momento.

“Também penso em Dante Jerome, seu querido filho — in memoriam. Ensino minha filha a honrar a memória dele e a sua. Vou lhe contar uma coisa muito importante, e talvez nunca mais o encontre ao vivo. É o seguinte: a semente foi plantada, mas não da maneira como você esperava. Em breve, a colheita — espero e rezo por isso. Em breve, a colheita, porque está consumado, está consumado, está consumado. Repito três vezes, mas, se eu pudesse fazer um cartaz — se eu pudesse escrever no céu para que você visse —, eu o faria. Meu amigo, está consumado. Escrevo com pressa, pois nada é certo neste mundo, e tenho muitos motivos para ser cuidadoso, como você me recomendou tantas vezes. Sei que vão me encontrar. Esta carta ficará em um lugar à parte, com instruções. Se ela chegar até você, é porque fui preso. Descubra o que aconteceu com minha filha, por favor — use qualquer poder que você tenha, pois temo pela vida de Pia Dante. Mas as sementes

estão em segurança — e o véu do templo está rasgado ao meio. Se você pudesse ir à casa de Zapanta agora, a sua alma cantaria. Seu neto, José Angelico. Deus abençoe o senhor, sua esposa, seus muitos filhos e suas memórias, e todos nós que tivemos a sorte de compartilhar a sua luz.”

Gardo parou, e pude ver que o velho tinha empalidecido. Fechou os olhos e ficou estático. Sua boca se abriu, e pensei por um momento horrível que ele ia ter um ataque cardíaco. Pude ver o seu peito inflando e murchando. Gardo ergueu o copo de água.

“Não”, falou o homem. “O que ele disse é impossível.”

“Estava na carta, senhor.”

“Tinha algo a mais”, sussurrou o homem. “Ele falou que havia instruções.”

“Senhor?”

Ele conseguiu abrir os olhos e seu rosto encharcado de suor mudou de cor. Gabriel se virou para Gardo e pegou o braço do garoto. “Tinha mais alguma coisa? Um pedaço de papel?”

“Sim, senhor.”

“É claro que sim. Sempre tinha. Você trouxe o papel?”

“Não. Eu decorei... uma parte.”

“Por que só uma parte?”

“Porque era...”

“Porque era muito longa? Porque não fazia sentido?”

Gardo concordou.

“Eram só números e pontos, não? Rapaz, você foi escolhido.”

“Sim, senhor. Só números, começando por 940.4.18.13.14. Depois acho que vinha 5.3.6.4. Não lembro o resto.”

Gardo parou de falar e o velho sussurrou: “Você não sabe o que isso significa. Você recebeu instruções, Gardo. Você está com a chave nas mãos... os números são um código”. Ele falou na língua dele. Gabriel se remexia na cadeira, tentando se levantar.

“Você fez bem em não trazer a carta”, sibilou. “Ah, garoto, você é... você é um anjo. Você é um jovem e puro anjo. É um código que José e eu usávamos — outras pessoas também. É o que chamam de código de livro, algo fácil de resolver quando se tem o livro em mãos. Brincávamos com isso, mas servia para coisas especiais. Esses números... correspondem a letras de determinadas páginas. Preciso pegar a minha Bíblia. Se você souber onde procurar, e conhecer as regras... o código é tão simples!” Ele falou isso na própria língua novamente. Ficou de pé, apoiado na mesa.

“O que ele está dizendo, Gardo?”

“Preciso da minha Bíblia. Era a minha Bíblia que nós usávamos.”

“Não estou entendendo”, eu disse. A porta se abriu: um guarda ficou ali parado, nos observando.

“Claro que não. Como entenderia? Não expliquei nada, Olivia. O garoto precisa ficar com a minha Bíblia, e eu acho que vai... ai, Jesus. Não consigo... Acho que pode revelar onde foram plantadas as sementes. Se ele estiver falando sério, e ele deve estar falando sério! Ele não... falaria assim, não escreveria isso se não fosse verdade.” O guarda caminhou até nós. O velho não deu bola. “*Está consumado* era a frase que usávamos — são as palavras de Cristo, não? A melhor tradução. Você leu a Bíblia? São João, durante a crucificação: *Está consumado* — nós usávamos isso, de modo frívolo, para nos referir ao achado da... da recuperação de tudo que foi roubado. Lutamos a vida toda por isso. Entende agora?”

Uma luz brilhava, chegando até mim. Falei: “Você quer dizer que José encontrou dinheiro...?”

Ele me interrompeu e virou para o guarda: “Preciso da minha Bíblia, senhor. Está do lado da minha cama”.

O guarda informou: “Acabou o tempo de visita, senhor”.

“Preciso da minha Bíblia”, ele repetiu.

O guarda assentiu, mas não se mexeu. Ele falou algo na língua dele de novo.

O velho disse: “Por favor, preciso dar algo aos meus amigos. Eles viajaram de longe para me encontrar”. Falava na própria língua, e o guarda olhou fixo para ele. Quando o guarda voltou a falar, foi curto e ríspido.

Gabriel me olhou. “Ele não pode nos ajudar”, disse. “Falou que a visita acabou, e nada pode sair da prisão. Mas disse que irá nos ajudar. O nome dele é Marco, e ele insiste que vocês precisam ir embora.”

“Não dá para a gente levar a Bíblia?”, perguntei ao guarda. “Onde está a Bíblia?”

“Ele disse que entrega para vocês depois. O nome dele é Marco e falei que era importante. Ele prometeu. Você prometeu, não?”

O guarda concordou com a cabeça, e dez minutos depois eu estava do lado de fora da prisão, com Gardo do meu lado. Esperamos, mas ninguém apareceu com uma Bíblia, e o guarda desapareceu. Ele tinha dito algo em voz baixa a Gardo, e Gardo respondeu de forma educada, e os dois apertaram as mãos.

“Ele falou que era impossível me entregar agora”, Gardo me contou enquanto procurávamos um táxi. “Mas disse que vai levar a Bíblia a Behala.”

“Quando?”

“Não sei.”

“Você não perguntou? O que foi que você disse? Isso... Não entendi nada do que aconteceu. Ele vai levar?”

“Vai pedir dinheiro em troca”, Gardo explicou com calma. “Acho que ele vai pedir muita grana, mas vai levar a Bíblia. Isso ficou muito perigoso agora, até mesmo para você. Ele pode nos trair.”

Na manhã seguinte, muita coisa aconteceu, e esse é o fim da minha história.

Gabriel Olondriz morreu em paz no hospital da cadeia. A sua morte foi noticiada em diversos jornais. Imagino que o

guarda — aquele que ficou com a Bíblia — se deu conta de que estava em posse de uma relíquia preciosa de um soldado político velho e famoso. Isso significava que o preço da Bíblia ia subir às alturas. Talvez tivesse escutado o que o velho falou e entendido parte da história. Talvez tenha visto o brilho nos olhos do homem, e sentiu que poderia ganhar uma fortuna com aquilo.

Nunca mais vi o guarda, porque foi o fim da minha participação na história — as coisas aconteceram rapidamente e nunca fiquei tão assustada.

Quando cheguei em casa, fui jantar conforme planejado, e, apesar de tudo que tinha presenciado, consegui dormir tranquilamente. Na manhã seguinte, porém, bem cedo, três policiais apareceram no meu albergue e fui levada a uma delegacia. Meu amigo, o sr. Oliva, tinha mandado um fax contando tudo ao chefe de segurança, e algum funcionário eficaz pesquisou o meu nome e o de Gardo em um computador. Apareceu o endereço de Behala, e isso deve ter acionado um alarme. É claro, Behala estava sendo vigiada, e qualquer atividade que partisse do lixão — qualquer coisa estranha — chamaria a atenção e alertaria as pessoas.

Três policiais na minha porta. Fiquei apavorada — não sabia o que fazer. Mandei uma mensagem ao padre Juilliard, e ele veio correndo, ainda bem, e avisei o meu pai. A polícia me avisou que iriam descobrir tudo: protegi os garotos o máximo que pude, torcendo para que não fossem pegos outra vez. Acho que a minha sorte foi que não conhecia direito a história. Não mencionei a Bíblia, e falei que Gardo e o velho tinham falado na língua deles — e, pelo que eu sabia, conversaram sobre uma casa, de avô para neto.

Graças ao meu pai, apareceu uma pessoa da Embaixada Britânica que afirmou que eu era ingênua e inocente. Além disso, não tinha violado nenhuma lei. Não havia queixa alguma — o oficial repetia isso, persuasivo.

Depois de um tempo, fui liberada e me devolveram o

passaporte. Segui o conselho de tomar o primeiro avião e voltar para casa no mesmo dia.

E esta é a minha história. Agradeço pela oportunidade de contá-la. Deixei parte do meu coração no país de vocês, garotos, e nunca mais poderei retornar. Eu me pergunto: o que foi que aprendi? O que foi que aprendi no lixão de Behala, e como isso me transformou?

Aprendi mais do que seria possível aprender em qualquer faculdade. Aprendi que o mundo gira em torno de dinheiro. Há valores, virtudes e morais; há relacionamentos, confiança e amor — tudo isso importa. No entanto, o dinheiro é mais importante, e pinga o tempo todo, como se fosse água. Alguns bebem muito dessa água; outros passam sede. Sem dinheiro, você encolhe e morre. A falta de dinheiro cria um deserto onde nada cresce. Ninguém sabe o valor da água até morar em um lugar árido e seco — como Behala. Tantas pessoas moram lá, esperando a chuva chegar.

Só consegui me despedir de poucas pessoas e nunca mais poderei voltar ao país. É uma pena, e me sinto mal por isso, pois deixei parte do meu coração com Gardo, com Raphael e talvez, mais do que todos, com Rato. Escrever essas palavras só me enche de vontade de reencontrar vocês, e esta página está molhada de lágrimas, garotos.

Adeus, e obrigado, outra vez, por terem me usado.

PARTE QUATRO

UM

É o Rato de novo, também conhecido como Jun-Jun, e vou contar a parte na qual fui o líder da gangue. A parte em que a história fica feia, sangrenta e superperigosa!

O sol estava se pondo quando Gardo voltou. Raphael e eu estávamos esperando perto do canal. Ele voltou e a polícia veio atrás. Antes de trocarmos uma só palavra, escutamos uma sirene, e meu Deus, era um mar de luzes azuis! Se eles tivessem aparecido discretamente, beleza — talvez teriam nos prendido, mas, graças ao meu bom Jesus, eles adoram fazer barulho e chegar de forma carnavalesca, com o som das sirenes ecoando pela cidade. Tomamos a atitude mais óbvia: assim que vimos a polícia, saímos correndo sem nos despedir, pegamos o meu dinheiro em meio minuto e sumimos. Behala tem um quilômetro e meio, e há muitos caminhos atravessando o lugar, então levei Raphael e Gardo até as docas. Saltamos numa balsa de lixo, atravessamos a baía e depois saímos andando.

O Gardo tem um amigo de um tio ou algo assim que é dono de uma loja de tecidos. Entramos no local e dormimos lá dentro, enquanto nos perguntávamos o que diabos íamos fazer agora que estavam realmente atrás da gente.

Isso mesmo: *éramos foragidos*, procurados, homens que não tinham aonde ir! Ainda estávamos com a carta e o mapa — Gardo nos contou sobre o código da Bíblia, ou pelo menos o que ele tinha entendido da história. Contamos sobre a geladeira cheia de dinheiro e da casa de Zapanta, e nos sentamos ali, pensando no que fazer — todo mundo tinha certeza de que precisávamos da Bíblia, mas ninguém sabia qual seria o próximo passo.

Tive uma ideia bacana naquele momento, porque ficou

claro que a gente precisava ir para um lugar seguro. Falei que devíamos ir para uma daquelas zonas turísticas onde crianças pedem esmola. Tem uma rapaziada por lá, e conheço um pessoal da época em que morei na estação. Foi isso que a gente fez: fomos até os bares de *strip* perto de Buendía e achei um lugar perto de um hotel barato. Ficamos meio longe da multidão e tentamos não chamar atenção. Cortei o cabelo de Raphael, caso alguém viesse nos procurar — ele ficou parecendo um doido de hospício, mas continuava meigo, meigo o suficiente para pedir esmola a estrangeiros, embora se recusasse a fazer isso.

Insisti que precisava pedir, e ele se recusou. Expliquei que meu dinheiro não ia durar muito, e Gardo me mandou calar a boca. Então, enfiei a grana na bermuda e tentei tomar conta de todos nós com o dinheiro. Comíamos na rua e fumávamos para parecer durões. Ficamos unidos e no escuro — passamos uma noite com uns meninos de rua numas ruínas que eles conheciam, mas nenhum de nós se sentiu seguro. Eles não eram malvados como os garotos da estação, até mesmo porque tem sempre gente indo e vindo no grupo, mas tínhamos nos acostumado a andar só nós três. Raphael ficava nervoso perto de muita gente. Encontramos um quartinho pequeno que ficava em um barraco em cima de uma lavanderia. Não era muito maior que um caixão, mas era melhor do que não ter porta ou janela, e o aluguel era baixo. Podíamos ficar de pé lá e discutir em voz baixa os nossos planos.

Fiz uma pequena mudança no lugar, e Gardo debochou de mim — mas eu não acabei sendo o herói da história, no final das contas? Nunca gostei da ideia de ficar trancado numa casa, e Raphael não conseguia dormir direito, então peguei uma chave de roda e afrouxei um pedaço do teto. Uma saída de emergência, nunca se sabe. Afinal, a história ficava cada vez mais quente. Sentíamos algo assustador ao nosso redor — tinha um vento forte pelas ruas, e com o tufão percorrendo o mar, tínhamos certeza de que alguma coisa

bem grande se aproximava. Não tinha volta. Os garotos sabiam que nunca mais veriam a família outra vez — ouvi os dois conversando e sussurrando, e Raphael, à noite, chamou em voz alta a tia e os primos.

Eles não poderiam mais voltar ao lixão. Tinham perdido seus lares.

Sabíamos que quase tudo dependia da maldita Bíblia e daquele pedacinho de papel cheio de números. Precisávamos pegar a Bíblia e juntar os dois.

Então Gardo decidiu arriscar. Pegou emprestadas as minhas roupas sujas e foi a pé até a cadeia de Colva.

Ficou ali sentado, observando de onde saíam os guardas, e passou dois dias prestando atenção nas mudanças de turno. Ele fingia, enquanto isso, ser surdo-mudo. Quando viu o guarda que procurava, Gardo o seguiu.

Ele o acompanhou para longe da prisão, deixou que o guarda o visse, e continuou seguindo. Marco continuou andando sem parar, até encontrar uma pequena casa de chá no bairro chinês. Só os dois. Foi uma atitude muito corajosa por parte de Gardo, pois o guarda deveria saber que o menino estava com a cabeça a prêmio. Pensamos muito sobre o que provavelmente aconteceu: a cadeia deve ter se dado conta da ligação de Gardo com o lixão, e falou com a polícia. Dariam tudo para saber sobre o que Gabriel e Gardo conversaram.

A grande dúvida, portanto, era se a gente podia confiar em Marco.

Quando Gardo voltou, ele nos deu a má notícia.

“Ele quer vinte”, falou.

Vinte mil, é claro. Esse era o preço da Bíblia.

Raphael praguejou e disse: “E ele está realmente com a Bíblia? E vai nos entregar mesmo?”.

Gardo achava que ele estava com ela, mas o risco era saber se ele a entregaria. Ele poderia muito bem pegar metade do dinheiro e daí nos dar a Bíblia. Qual seria a recompensa oferecida para quem desse informações sobre

o paradeiro de Gardo? A única coisa que não discutíamos era o que aconteceria se um de nós fosse preso. Todos sabíamos que, se fôssemos pegos outra vez, nunca escaparíamos com vida. Também passei a ter pesadelos, a acordar chorando. Nós três parecíamos criancinhas.

Mas continuamos unidos como uma gangue.

“Você acha que ele vai entregar?”, perguntou Raphael pela centésima vez. “Mesmo que a gente arranje a grana, você acha que é seguro?”

Gardo deu de ombros. “Ou a gente esquece a história”, disse, “e mora aqui pelo resto da vida... Ou arriscamos.”

Vinte mil pesos era muito dinheiro, e eu tinha um pouco menos de dois mil. Minhas economias para voltar para casa sendo gastas para ficarmos sentados esperando. Como expliquei, todos nós sabíamos que estávamos perto de encontrar algo enorme, mas essa coisa estava cercada de grades. Raphael lia os jornais para mim, com mais indícios do que aconteceu. *A polícia segue pistas e espera prender alguém em breve.* O senador gordo não disse nada, mas o antigo escândalo do que ele roubou ou não voltou a aparecer nas notícias, e o rosto dele parecia mais corrupto. Ele não sorria mais para as fotos. As notícias terminavam sempre do mesmo jeito: *Nenhuma queixa contra ele foi provada.* Gardo nos contou várias vezes o que o velho na prisão tinha dito, e todos nós sabíamos em quem acreditar.

Queria tanto pegar o dinheiro daquele porco gordo que chegava a doer. Só conseguia pensar em geladeiras, e naquele funcionário corajoso no caminhão parando em um cemitério. Como ele colocou a chave e a carteira no lixo: sempre nos perguntamos se ele jogou a bolsa enquanto o perseguiram ou se ele a deixou ali para que alguém a encontrasse. Conversamos muito sobre isso, mas nunca chegamos a uma resposta — acho que foi uma atitude tomada de última hora, no desespero. Devem ter arrancado a explicação dele no interrogatório, pouco antes de matá-lo. Se eu for para o céu, esta é a primeira coisa que

perguntarei a ele. Não tenho dúvidas de que ele foi para o céu. Nenhuma dúvida.

Enfim, voltando à história. Depois de uma semana sem avanços, resolvi agir, e pegar os vinte mil do Marco. Fiquei pensando um tempão sobre isso, mas não falei nada para eles. Quanto mais eu pensava, mais me dava conta de que era a única saída.

Falei para Raphael e Gardo que voltaria ao lixão de Behala “só para pegar uma coisinha”, e pensei que não iriam me deixar fazer isso. Disseram que enlouqueci e que era muito perigoso. Se alguém me visse, eu seria entregue à polícia — com certeza tinha uma recompensa oferecida a quem nos achasse.

Eles não imaginavam o que eu queria pegar, claro, e eu não quis contar a eles para não dar azar. Estou tão acostumado a não compartilhar nada com ninguém que não dividi com meus amigos o meu plano — nem que precisava fazer isso antes do fim do mês, que se aproximava rapidamente. O Dia de Finados logo chegaria, e eu precisava resolver isso antes.

Repeti várias vezes: “Tô indo”. À meia-noite, saí pela abertura no teto enquanto os garotos dormiam.

Acho que comentei que, quando você se parece com o filho do diabo, não consegue nem pegar um ônibus.

Você pode ter dinheiro para pagar a passagem, mas ainda assim vão te esmagar como uma mosca — aquela vez que andei com Raphael foi um lance de sorte. Além disso, ele tinha um belo sorriso e me escondi atrás dele. Então andei uma parte do caminho e o resto fui na traseira de caminhões. Tive sorte e encontrei um caminhão de lixo no zoológico da cidade. Adivinha para onde ia o caminhão? Para Behala, e assim consegui entrar no lixão. Quanto mais me aproximava da minha velha casa, mais precisava ficar de olho. Outros garotos poderiam saltar no caminhão, e, se eu fosse visto, Raphael e Gardo tinham razão, como era um menino sem família, eu seria vendido como um cão.

Passamos pelo portão. Havia um carro de polícia estacionado com as portas abertas, e isso me deixou preocupado. Mas os policiais estavam de papo furado com os guardas, coçando o saco, e os cães não perceberam nada.

O caminhão passou pela Escola Missionária e diminuiu a velocidade como se fosse o meu motorista particular. Saltei rápido no chão e saí rolando. Mergulhei por baixo do prédio. A escola é composta de caixas de metal aparafusadas umas nas outras. As de baixo ficam apoiadas em uns suportes, então há um pequeno espaço debaixo delas. Rastejei até lá e fiquei esperando o meu coração se acalmar um pouco. Ninguém apareceu, então saí e fui para os fundos da escola.

Há um guarda na frente, mas ele sempre cochila, afinal, quem invadiria o lugar? Quem vai roubar livros didáticos? Seria como roubar a sua família, e por isso que eu me sentia tão mal. Estava prestes a roubar não apenas dos moradores de Behala, onde eu vivia, mas do padre Juilliard, que era a figura mais próxima de um pai que já tive. Nunca conheci meu pai de verdade. O padre Juilliard era um tanto enrolado e confiava demais nas pessoas — todo mundo sabia disso. Mas ele era um bom sujeito e eu o amava.

Comecei a escalar a escola pelo canto.

As janelas do andar inferior tinham persianas que ficavam fechadas à noite. As janelas de cima tinham grades, mas não persianas, e sempre dei um jeito de entrar. A verdade é que de vez em quando eu gostava de dormir em um quarto amplo, mas não me acostumei com isso. Também é verdade que desenvolvi o péssimo hábito de pegar um pouco de dinheiro do cofre da escola — uma vez por mês, só um pouquinho. Tinha duas grades que eu conseguia dobrar. Ninguém percebia a abertura, mas era suficiente para passar a minha cabeça. Entrei como uma sombra e caí sobre o tapete do padre Juilliard.

Como eu conseguia roubar dinheiro do cofre?

Então. O cofre fica sobre uma mesa, preso à parede. Não

é grande e nem precisa ser, pois não guarda muita grana. O dinheiro entra em grande quantidade através dos bancos, e eles só guardam um pouco de dinheiro vivo para o dia a dia — e um pouco para emergências, imagino. Mas, ainda assim, devia ter uns vinte ou vinte e cinco mil — eu esperava. Eu nunca roubava muito, só uns cem pesos ou algo assim, torcendo para que o padre Juilliard nunca desse pela falta, e, se percebesse, achasse que tinha contado errado. Uma, no máximo duas vezes por mês — e era assim que as minhas economias aumentavam. Mantive isso em segredo do Raphael, que é um garoto mais honesto do que eu. Mas agora estou contando isso.

Você deve estar pensando: *Como pode um garoto burro como um rato abrir um cofre?* E a resposta é tão simples que dá vontade de rir. Padre Juilliard, meu amigo, o senhor deve ter uma péssima memória, pois sempre anota a senha no seu diário. Muda todos os meses — no final de cada mês — e anota o novo código. Eu sempre via o número no seu diário aberto sobre a mesa. O código deste mês era 20861 — pude ver quando fomos mexer no computador e o senhor nos serviu limonada... Mas o código mudaria depois do Dia de Finados. Por isso precisei vir antes disso.

Digitei o código e a porta abriu. Encontrei vinte e três mil e pouco. Era o nosso dinheiro para pagar a Bíblia ao sr. Marco.

Coloquei a grana na bermuda e me preparei para sair.

Morrendo de vergonha, parei por um instante antes de escapar pela janela. A mesa do padre estava cheia de papéis, e tinha uma caneta na gaveta. Sabia que era arriscado, mas odiava pensar que o senhor nunca ficaria sabendo quem o traiu, então fiz um desenho. Sabia escrever meu nome, Jun-Jun, então coloquei as palavras em cima do desenho que fiz de mim, junto com uma seta. Tentei me desenhar como se estivesse abraçando o padre Juilliard. Coloquei um crucifixo enorme nele, caso o desenho não ficasse parecido. Acrescentei muitos “bjs” porque sei que as

peças usavam isso como sigla para “beijos” — e coloquei o papel no cofre. Meus olhos se encheram de água. Isso era uma espécie de adeus. Por mais que eu não me importasse se o lixo de Behala pegasse fogo, a Escola Missionária foi um lugar bom, seguro, amigável, alegre e divertido. A irmã Olivia sempre me tratou muito bem, assim como as outras voluntárias antes dela. O padre Juilliard me contava histórias, me dava comida e dinheiro. Uma vez ele até me deu um beijo, o que nunca ninguém tinha feito.

Quando pensei nisso tudo, tive dificuldade de descer dali com o dinheiro. Mas me lembrei de Raphael e Gardo, e do que precisávamos fazer. Pensei também em José Angelico, surrado pela polícia, e segui adiante.

Esperei pelo caminhão de lixo. Esperei que diminuísse a velocidade e saltei dentro dele. Saímos pelos portões e ganhamos a rua. Voltei à nossa pequena casa antes do amanhecer, e me deitei discretamente ao lado dos garotos, para que não me escutassem. Uma das melhores coisas do Raphael é que — como ele dormia com seus priminhos, imagino — tem o costume de dormir perto dos outros. Entrei debaixo do cobertor e senti na mesma hora o seu braço me cobrir e me apertar com força. Não me senti mais um ladrão traidor, sacana e ingrato.

Ele não teve pesadelos naquela noite — dormiu tranquilamente até o sol raiar, respirando com suavidade no meu pescoço.

DOIS

Gardo outra vez.

Rato ficou dois dias sem contar para a gente de onde tirou o dinheiro, e, quando enfim revelou, não me incomodei tanto, mas pude perceber que ele se sentia mal com a história, então eu disse que se a gente conseguisse a Bíblia, e se a Bíblia ajudasse a resolver o mistério de José Angelico — e encontrássemos aquele monte de dinheiro —, devolveríamos os vinte mil à Escola Missionária, e ainda acrescentaríamos um pouco mais como forma de agradecimento.

Rato ficou feliz de novo. Nós fizemos algumas jornadas à cidade para encontrar o guarda. Conseguimos encontrá-lo e combinamos a entrega. Tinha certeza de que isso seria a parte mais perigosa de todas, pois ele sabia que eu estava desesperado pelo livro, ou seja, sabia que era valioso, e além disso devia saber que tinha alguma coisa muito estranha acontecendo.

Continuava lembrando da minha ida à prisão com a irmã Olivia, onde tiraram a minha foto. E eu pensava o tempo todo: *E se, e se, e se?* — até perder o sono.

E se eles armarem uma emboscada na casa de chá?

E se eles me pegarem?

E se eles saírem atirando em mim?

E se todo o lugar estiver cercado?

E se eles estiverem lá, disfarçados com roupas comuns, só me esperando, e eu notar a presença deles tarde demais?

Eles quebrariam todos os ossos do nosso corpo, de um modo lento e doloroso. Sentiriam prazer nisso.

Raphael me contou tudo sobre a janela na sala da delegacia, e eu sabia que, se fôssemos presos, nenhum de

nós sairia vivo dali. Sei que eu morreria antes de deixar que me levassem ou prendessem os outros: lutaria até que tivessem de me matar, porque a história de Raphael me assustou muito, e eu sabia que não aguentaria como ele.

Combinamos de nos encontrar na quinta de tarde, depois do fim do turno de Marco. Marcamos no mesmo lugar: casa de chá no bairro chinês. Lavei as roupas bonitas que a irmã Olivia me comprou, pois não se veem tantos meninos de rua naquela região, e eu não queria chamar atenção. Raphael e Rato me seguiram por todo o caminho, mas sempre mantendo certa distância não queríamos estar juntos caso os policiais estivessem nos esperando na casa de chá.

Comprei, com cinquenta pesos, um boné de beisebol, e de tênis eu não parecia nem um pouco com um menino de rua. Caminhei rapidamente, sem olhar para nada ou ninguém. Estava com meu gancho escondido, os outros garotos também, prontos para cortá-los e arranhá-los. Coloquei o meu na parte de trás da calça jeans, fácil de pegar. A ponta era muito afiada, e já me meti em brigas e me dei mal quando estava sem o gancho.

A pequena casa de chá estava bastante escura, com as persianas abaixadas, e entrei direto, sem olhar para cima, fui até a mesa onde sentamos da outra vez, perto da cozinha, onde brilhava uma lâmpada vermelha com luz suficiente apenas para contar notas. Marco já estava lá, sozinho. Era um homem grande, de pescoço largo, e fiquei diante dele pensando: *Rápido, rápido*. Mentalmente, eu continuava caminhando, e senti vontade de sair logo dali, mesmo sem ninguém por perto, mesmo parecendo seguro. Até a cozinha estava silenciosa.

Marco, é claro, quis ver o dinheiro antes, então contei todas as notas. Pude ver a ganância naqueles olhos, então achei que não ia acontecer nada, ele ficaria feliz com os vinte mil. Contei as notas sentado na beira da cadeira, pronto para sair dali — e ele tirou a Bíblia do saco que carregava e a colocou na mesa da mesma maneira que os

donos chineses colocam copos na nossa frente.

Falei para Marco que ele teria de provar que aquela era mesmo a Bíblia de Gabriel Olondriz, pois ele poderia facilmente me entregar um livro velho qualquer e pedir mais dinheiro depois. Ele abriu o livro assim que pedi, e pude ver a assinatura de Gabriel, além de várias anotações — o melhor de tudo foi que vi linhas de números e letras, como o código de que ele tinha falado. Além disso, o livro estava tão gasto que só podia ser aquele.

Então deixei o dinheiro ali, peguei o livro e saí andando rapidamente.

Talvez Marco não tivesse esperado que eu fosse tão veloz assim, mas tinha calculado os meus movimentos: como a cozinha estava próxima, entraria ali correndo. Mas, não fui rápido o bastante, e ele me pegou: Marco se jogou por cima da mesa e me agarrou com força, gritando, e os copos se espatifaram no chão. O dinheiro voou pelo lugar. Ele me soltou um pouco, em pânico por causa do dinheiro, acho, então fiquei com um braço livre. Me revirei como um peixe e vi que alguém corria na direção da casa de chá. Escutei um assovio e pessoas gritando. Marco segurou meu braço com mais força, mas consegui me livrar dele, lutando pela minha vida, enquanto o homem gritava: “Peguei ele! Peguei ele!”.

Naquele momento, o gancho já estava na minha mão.

Sim, tirei o gancho do bolso, me virei e rasguei o rosto dele: não sei o que foi que cortei, mas senti rasgar alguma coisa, e o homem gritou e caiu para trás. Ele me soltou, é claro, e acho que acertei o olho dele — vou ser sincero, torço para ter acertado o olho: espero que hoje em dia ele seja um guarda carcerário caolho, que conta sobre como tentou enganar um garoto depois de realizar uma troca, e que o garoto se virou e arrancou o olho dele. Espero que o rosto desse desgraçado mentiroso tenha ficado todo cortado. Meu presente ao traidor.

Não tive tempo de olhar, pois entrei correndo na cozinha, e dei de cara em um policial que entrava correndo. Passei

por baixo dele e ele tropeçou. Tentei golpeá-lo com meu gancho, mas errei. Fui parar num quintal, saltei a cerca e saí correndo.

“Gardo! Gardo! Gardo!”

Era o Rato, correndo atrás de mim. Escutei dois tiros, não senti nenhuma bala me atingindo, mas alguém começou a gritar. Entreguei a Bíblia a Rato e nos separamos. Passei por baixo da ponte, atravessando a rua no meio do trânsito. Estavam me vendo, mas ninguém me pegou, nem mesmo quando saltei sobre um táxi que vinha na minha direção. Pulei no teto do carro e caí rolando na calçada. Logo em seguida, entrei agachado em um mercado de peixe, e tirei a camiseta, jogando-a longe — aquela camiseta era tão linda — e segui o caminho menos iluminado, onde tinha garotos limpando peixes em cima dos bueiros. Não tinha ninguém na minha cola, mas continuei correndo até chegar ao canal. Nadei com rapidez até atingir a parte onde há barracos quase na altura da água. Saindo do canal, usei meu gancho para cortar meu jeans e transformá-lo numa bermuda. Tirei os tênis e os dei de presente para um menino que me olhava, e saí andando pelas cabanas e barracos, rezando a Deus para que meus amigos estivessem em segurança, enquanto tremia sem parar.

TRÊS

Estávamos em segurança, mas sabíamos que aquilo não iria durar.

Aqui é o Raphael outra vez, estou escrevendo a história junto com Rato para contar tudo do jeito certo — até porque, os próximos acontecimentos são culpa minha, acho. Tinha visto Gardo correndo e Rato partindo atrás dele, e vi um policial gritar na minha direção, então também saí em disparada. Atravessei a rua, com os ônibus freando e buzinando loucamente. Acho que me seguiram, e não sou tão rápido como os outros. Apesar de eu ter tomado uns caminhos obscuros por dentro do bairro, devem ter visto a direção que segui e calculado o trajeto. O Rato acha que fotografaram Gardo e eu quando chegamos à casa de chá.

Enfim, por pouco não fomos presos, e não sei ao certo por que não nos prenderam antes. Talvez quisessem ter certeza de que era a Bíblia que estávamos procurando e precisavam saber o motivo. Talvez tenham pensado que um guarda carcerário conseguiria agarrar um garoto como o Gardo, e tinham certeza de que ele não escaparia da casa de chá. Não sei.

Seja como for, deviam ter fotos nossas, pois na manhã seguinte bateram na porta da nossa casa provisória. O Rato acha que colocaram uns policiais na rua mostrando a nossa foto por aí, oferecendo dinheiro, porque alguém nos denunciou...

QUATRO

Raphael.

Nos reencontramos no fim da tarde. Fugimos por caminhos diferentes, conforme planejado, e escalamos a pequena caixa que chamávamos de casa, pelas escadas, até o topo da pilha. Ficamos tão felizes com o reencontro que rimos e nos abraçamos.

Rato foi pegar comida, já que ele não sabia ler, e Gardo e eu nos dedicamos a tentar resolver o enigma logo de cara. Sem enrolação.

Sabíamos que o tempo era escasso, então nos empenhamos naquilo — você acha que eu conseguiria dormir?

Acendemos uma dúzia de velas ao redor da Bíblia e do papel. Primeiro tínhamos de descobrir o que, exatamente, era um código de livro, e, apesar de Gardo ter conversado sobre isso com o velho, fui eu que descobri como funcionava o esquema — não quero menosprezar Gardo, mas tenho olhos mais velozes. Ele conta que resolvemos juntos, e é verdade.

Nos sentamos e estudamos como dois alunos. A capa da Bíblia estava gasta e as páginas, sujas. Na parte de dentro da capa havia uma coluna de números: 937, 940, 922... Números grandes, dez deles, anotados em uma coluna. Nunca aprendemos matemática, mas para sobreviver você precisa saber somar e subtrair. Nenhum de nós era burro, então tínhamos algumas ideias.

As páginas marcadas estavam todas quase no fim da Bíblia, e Gardo lembrou que o velho tinha falado algo do evangelho.

“São João”, ele disse. “*Está consumado.*”

Começamos a procurar por aí, e pelo jeito muitos dedos folhearam aquela seção. As páginas desbotadas e mais finas que as outras eram prova de que tinham sido muito manuseadas. Precisávamos tomar cuidado para não arrancar um pedaço das folhas. A parte sobre a crucificação ficava na página 940 — o primeiro número no papel. Nos concentramos naquela página. Na margem inferior, alguém tinha anotado a lápis:

O céu escureceu e Jesus declarou: “Está consumado” — e a cortina do templo foi rasgada ao meio, de cima a baixo — e a terra tremeu e os túmulos se abriram e os santos ascenderam...

Gardo percebeu que cada linha de texto tinha um número pequeno ao lado indicando o versículo da Bíblia, então tentamos centenas de combinações, indo e voltando sem parar. Comparamos o número no papel com os números na coluna. Tentamos cruzar os dados, sem sucesso, pois não sabíamos o que esperávamos encontrar. Ele conferia de uma maneira, eu de outra, as informações se contradiziam. Chegou uma hora que ficou claro que andávamos em círculos. Tudo que a gente sabia era que os números à nossa disposição — 940.4.18.13.14 — tinham que equivaler a linhas, para que fossem transformados em letras. Foi isso que Gabriel disse. Mas, por mais que tentássemos, só encontrávamos bobagem.

Rato voltou cheirando a rum, e trouxe um pouco de comida para cada um de nós. Comemos e ele se deitou para dormir um pouco.

Gardo e eu tentamos outras variações. Acendemos mais velas e paramos de brigar. Ele fazia uma tentativa e passava a Bíblia para mim. Enquanto ele tentava outra coisa, eu ficava sentado, pensando e pensando, e ele fazia o mesmo.

Passou da meia-noite e acho que foi quando então a

mágica aconteceu. Era final do mês, e entrávamos no Dia de Finados — aqui, chamam de Dia dos Mortos. Talvez José Angelico e Gabriel Olondriz tenham aparecido e sentado do nosso lado — juro que tinha a impressão de que aquele lugar estava lotado. Talvez eles tenham colocado a ideia na cabeça dele — pois foi Gardo que fez a descoberta. Em vez de ler da esquerda para a direita, olhou os números da direita para a esquerda. Quatro linhas para baixo, dezoito palavras para a esquerda, ele encontrou a letra maiúscula “V”. Treze para baixo, catorze palavras para a esquerda, achou um “á”. Pela primeira vez, conseguimos formar uma palavra.

Buscou mais cinco letras, e não formamos nada, então concluímos que aquela barra podia significar “mude de página”, então viramos a folha. Isso não ajudou, então voltamos à página anterior. Cinco linhas para baixo, a terceira letra, e encontramos um “a”; seis para baixo, quarta letra, “o”. A barra significava “volte uma página”, e agora tínhamos duas palavras muito significativas. Olhamos para elas, quase sem fôlego:

“Vá ao”

Voltávamos uma página sempre que havia uma barra, então avançamos de trás para a frente pelo livro de João. A mensagem se revelava diante de nós, e continuamos contando cuidadosamente as linhas, espremendo os olhos para enxergar as letras miúdas. Cometemos alguns erros, mas demos gargalhadas, pois acabamos revelando a frase secreta.

Vá ao mapa ref onde jazemos procure a luz mais brilhante minha filha.

Rato acordou e lemos a frase em voz alta para ele.

Ele nos deu os parabéns e nós o abraçamos. Então o Rato disse: “Eu sei o que é ‘mapa ref’”. Os olhos dele brilhavam. “Tive uma aula”, explicou, “em que todo mundo fez um mapa. Isso é uma ‘referência’ de mapa, é disso que estou falando. *Onde jazemos* é o lugar onde nós estivemos —

onde nos conhecemos, talvez? E ele acha que a sua filhinha está lendo isso.”

“Abra o mapa”, ordenei. Achei que ele queria bancar o sabichão, mas aprendemos a respeitar qualquer ideia, vinda de qualquer lado. “Vamos olhar outra vez.”

Observamos o mapa centenas de vezes, caçando setas ou cruzes, nos perguntando se tinham sido marcadas e apagadas. Vasculhamos o mapa, e Rato disse: “Mapa ref é uma referência aos números, certo? É uma fileira de números”.

“Mais números?”, perguntei. Minha cabeça já estava doendo, mas voltamos a estudar a carta. Não tinha nenhum número além do código que deciframos, então voltamos a olhar o mapa. Tinha números nas bordas do mapa, mas não sabíamos o que fazer com aquilo. Até olharmos o envelope e ver: *Prisioneiro 746229*.

Li em voz alta o número.

“Esse não era o número”, comentou Gardo em voz baixa.

“O que não era o número? Do que você está falando?”

“Quando fomos à prisão. Na sala de espera, o chefe apareceu e perguntou o nome do prisioneiro à irmã Olivia. Ele disse que demos o número errado, e eu achei que tínhamos errado o cara.”

“Sobe e desce, só lembro disso”, falou Rato — e foi quando resolvemos o enigma do mapa. Dividimos os seis números em dois: 746 e 229. O mapa tinha 74 e 22 anotados na lateral, e apontavam para um quadrado no meio. Era um cemitério. Na verdade, o cemitério cobria o quadrado, e não descobrimos o que era o 6 e o 9.

“Ele colocou a geladeira no cemitério”, Rato falou baixinho. “Foi o que o jardineiro disse.”

“*Onde jazemos*”, murmurei. “Isso significa: onde fomos... enterrados.”

Ficamos em silêncio por um tempo e caímos na gargalhada, rindo baixinho para não chamar a atenção. Uma luz passava pela fresta — varamos a noite trabalhando

e encontramos as respostas. Demos as mãos, nos cumprimentamos e Gardo me deu um beijo na testa. Estávamos muito próximos de resolver a história. Um cemitério no centro da cidade — o Naravo. Procurar *a luz mais brilhante* — um túmulo especial, talvez? Ou parte da igreja? Seja como for, mais uma vez os garotos do lixo estavam à frente da polícia do lixo.

Ou era o que a gente pensava.

CINCO

Desta vez, atacaram silenciosamente.

Aqui é o Jun-Jun, pois lembro exatamente o que aconteceu. Tenho o melhor ouvido, sou o que melhor pula e o que melhor corre — me acham convencido, mas é a mais pura verdade!

Eles apareceram de manhã, na esperança de nos pegar dormindo — policiais à paisana e de uniforme, todos querendo nos prender. Os garotos apagaram as velas. Enquanto dobrávamos os papéis, escutamos um passo pesado na escada lá embaixo.

Não sei como foi que me dei conta. José e Gabriel de novo, como disse Raphael — e no Dia dos Mortos, os mortos cuidam de você. Enfim, comentei que tudo estava muito silencioso — geralmente escutamos a velhinha de baixo gritando e batendo coisas porque tem uns dez filhos, que sempre aprontavam bagunça antes mesmo do sol raiar. Então ficamos paralisados, tentando entender o que tinha acontecido com os ruídos matinais.

Talvez tenha sido ela que nos denunciou. Nunca saberemos.

Escutei alguém conversando lá embaixo, com uma voz preocupada. E daí o passo na escada soou muito pesado, é só isso que consigo explicar. Foi um passo que soou mais pesado do que o de qualquer homem que vivia nesta parte do prédio.

Fui direto escancarar a abertura do teto.

Raphael mal conseguia se mexer, de tão assustado. Tive que dar um tapa nele. Gardo e Raphael pegaram o que podiam carregar e saímos lentamente e em silêncio — não queríamos emitir um só ruído. Se fosse a polícia, queríamos

que entrassem e dessem de cara com um quarto vazio. Talvez ficassem ali, pensando que estávamos por perto, e invadissem de repente o quartinho. Não podíamos entrar em pânico e eles não podiam nos ver fugindo. Foi por isso que, embora minha vontade fosse de gritar: *Vamos embora, pessoal!*, saímos lentamente do lugar.

Fui na frente, Raphael atrás de mim e Gardo por último. Fiquei esperando ouvir um berro ou um tiro — pensei que tinham cercado o local, não seriam idiotas de novo —, mas não havia ninguém no telhado.

Escutei alguém chamar o nome de Gardo lá embaixo:

“Ei, Gardo! É o seu primo!”

Mentira.

“Gardo? Ei! Ele está doente.”

Mentiras idiotas que só serviram para reforçar o fato de que não podíamos ficar parados.

Ficamos os três agachados no telhado por um tempo, como três gatos amedrontados. Fiz um sinal e saltamos para o telhado ao lado com o auxílio de uma antena de TV. Havia cabos pendurados, mas não nos arriscamos a tocar neles e tomar um choque — você aprende a tomar cuidado depois de um choque elétrico. Fomos nas pontas dos pés seguindo o caimento dos telhados, até um local onde poderíamos nos esconder.

Dependíamos da sorte.

Um homem nos observava, sentado na janela, fumando um cigarro. Vi outras pessoas também — uma mulher estendendo roupa, duas crianças brincando com um cachorro. Todos pararam o que faziam e olharam para nós.

Escutamos ruídos de pessoas batendo nas portas, e sabíamos que a polícia estava em ação. Ouvimos passos, gritaria, cães latindo e motores rugindo. De repente, apareceu um policial subindo uma escada em um telhado da mesma altura que o nosso esconderijo — e ele olhava diretamente para mim.

O homem gritou alguma coisa e soprou um apito. Vi que

ele ia pegar a arma, mas, como estava pendurado na escada, demorou muito, e fugimos antes que pudesse apontar o revólver. Ao nosso redor, o mundo explodia em ruídos.

SEIS

Raphael.

Fugir para escapar da morte duas vezes num só dia? Ficamos tão assustados que pensamos que o nosso coração ia sair pela garganta. Quando lembramos os acontecimentos, concluimos que Rato foi perseguido tantas vezes e pego tantas outras que deve ter desenvolvido um talento especial para isso. Era complicada a vida na estação de trem, mas em Behala não era tão diferente — algumas pessoas achavam divertido agarrar o menino magricela com dentes saltando para fora. Quando Rato vê alguém indo na direção dele, já se prepara para tocar em disparada.

O policial armado foi lento, mas o perigo é que deviam ter muitos outros, e teríamos de ser muito rápidos. Rato ia à frente. Ele pulou um muro baixo que ficava na borda do nosso telhado. Caímos num telhado comprido de um depósito, e saímos correndo pelas calhas. A barra ficou limpa por um tempo, mas aí vimos um policial no gramado lá embaixo, entrando por um portão, e a cena se repetiu: puxou o revólver e soprou o apito. Não teve tempo de disparar porque saímos na direção de umas chaminés e subimos uma rampa. Mas ele devia ter um rádio, e logo estaríamos cercados. Precisávamos pensar rápido no que fazer — e preciso agradecer mais uma vez ao Rato porque ele conhece a área. Era Rato que confabulava com os meninos de rua, então foi ele que viu a oportunidade de salvação.

Esses meninos moravam no prédio ao lado, o lugar onde passamos uma noite. O Rato se deu conta de que a gente tinha de se juntar a eles. Como a polícia ia prender cem garotos? Foi a ideia mais inteligente de todas.

O lugar onde eles moravam — estávamos diante dele — era um bloco de apartamentos antigo que, fazia muitos anos, pegou fogo. Uma coisa grande, escura e feiosa de cimento. Ninguém sabia o que fazer com aquilo. Uma gangue de cem ou mais garotos morava ali. Fuçavam no lixo, pediam esmola e faziam coisas que você não gostaria de saber. Eram expulsos de lá e retornavam. Expulsavam de novo, e eles voltavam outra vez. É sempre assim nesses lugares antigos.

O telhado em que a gente estava levava ao bloco antigo, e com um pulo daria para entrar pela janela. Chegando à beira do telhado, pude ver uns garotos preparando o café da manhã. Um deles olhou para nós e acenou.

Era um salto grande, e Gardo e eu achamos que não íamos conseguir. Mas lá fomos nós. Rato foi o primeiro, depois Gardo, depois eu... Eu me joguei de qualquer jeito, e eles me pegaram não sei como, me levantaram, e lá estava eu, cheio de sangue outra vez. Continuamos correndo, passando pelos garotos que tinham aparecido para nos ver e nos ajudar. Eles formaram um grupo ao nosso redor — sabiam que estávamos fugindo, porque muitos garotos já passaram pela experiência de correr da polícia — e ficaram loucos. Começamos a correr todos juntos. Descemos uma escadaria gritando e rindo, chamando amigos. Formamos uma poderosa multidão que invadiu o saguão principal.

Foi o que nos salvou, eu juro.

Quando chegamos à rua, nos espalhamos como pássaros selvagens, gritando. Tinha dois carros de polícia e mais um chegando ao local. Os homens, com rádios e armas na mão, de braços abertos para nos pegar, ficaram de queixo caído quando viram a massa de garotos e garotas correndo na direção deles. Um policial agarrou um garoto, e todo mundo saiu correndo dele, uivando e gargalhando como se fosse um jogo. Na rua, um caminhoneiro teve que afundar o pé no freio e um ônibus passou por cima do meio-fio e bateu no carro de polícia.

Então, assim como pássaros, nós nos dispersamos. Nos espalhamos pelos becos e pelas ruas, e os policiais corriam, sem esperança. Nós três ficamos junto com outros cinco ou seis garotos, mas depois eles também se separaram e continuamos correndo até alcançar a estrada.

Foi quando aconteceu uma coisa incrível.

O que Gardo fez foi tão inteligente que acho que Rato chegou a dar um beijo nele, por mais que negue! Como quem não quer nada, ele sacudiu o dinheiro que tinha sobrado para um táxi que passava. O motorista deve ter ficado tão chocado que parou, e entramos antes que ele pudesse sentir o nosso cheiro. Alguns minutos depois, saímos na Autoestrada do Sul, e ele recebeu o dobro do que indicava o taxímetro, então sorriu também.

“Para onde vocês vão?”, ele repetia.

“Cemitério Naravo.”

Para onde mais iríamos? O quadrado no mapa.

E, nesse dia, sabe — outra coisa engraçada —, quase metade da cidade se deslocava para a mesma direção. Apenas seguimos o fluxo. Era Dia dos Mortos, e o cemitério de Naravo é o maior da cidade: pobres e ricos se reúnem lá. Afundamos nos assentos e o nosso motorista contente pisou fundo no acelerador ultrapassando ônibus e caminhões. Ele ligou o rádio e cantamos com a música.

Abaixamos as janelas e cantamos ainda mais alto, enquanto o sol se levantava na altura dos nossos olhos. É verdade que a aventura não tinha acabado, nem estava perto disso. Mas conseguimos sobreviver mais um dia, e valia a pena cantar por isso!

SETE

Meu nome é Frederico Gonz, sou responsável pelas inscrições nas lápides.

O padre Juilliard me pediu para colaborar com um pequeno detalhe. O pedido dele é uma ordem.

Conheci José Angelico da mesma maneira que conheço muitos dos meus clientes. Tenho uma oficina na rua do cemitério, logo depois dos marceneiros de caixões. Sou especialista em pedras pequenas. Sei que a maioria dos meus clientes não tem quase nada de dinheiro, e o aluguel do túmulo consome boa parte das finanças deles. Então faço modificações para reduzir o custo ao mínimo. Os mortos, porém, precisam daquela pedra — é a lembrança eterna de que aquele homem, mulher ou criança existiu.

Em algumas lápides, o nome está escrito a tinta, ou até mesmo a caneta, e todos sabem como isso é triste. Se você fizer alguma coisa de pedra, ninguém mexe no túmulo. Os pobres não são enterrados, veja bem. Não há mais espaço no chão em Naravo, então passaram a construir para cima. Os túmulos dos pobres são caixas de concreto, grandes o suficiente para colocar o caixão. Elas vão sendo empilhadas — há blocos de vinte caixas de altura. Um funeral aqui acontece assim: empurram o caixão para dentro e olham o compartimento ser selado. Parte do meu trabalho envolve cimentar a placa de pedra, selando a sepultura.

José Angelico me contratou quando o filho dele morreu. Fiquei triste de vê-lo outra vez, com a notícia da morte da filha. Isso significava que ele não tinha mais ninguém no mundo.

Era um homem magro e simpático que falava em voz baixa. Sabia que ele era empregado doméstico de um

homem rico, e só. Eu o encontrei de manhã cedo, e José aparentava estar noites sem dormir. Ele disse que eu tinha apenas uma manhã para fazer a lápide, o que não é comum, mas falou que não tinha dinheiro para pagar a funerária e o caixão seria levado naquele dia mesmo. Seria uma cerimônia simples, comentou, porque não tinha parentes.

Dei os pêsames. Ele me pagou duzentos pesos de entrada e mãos à obra.

Pia Dante Angelico: sementes a serem colhidas, minha filha foram as palavras que ele escolheu. *Está consumado.*

Não fui eu que fiz a inscrição com o cinzel. Meu filho tem dez anos e já aprendeu o ofício. Ele fazia o esboço e eu finalizava. Agora, ele já consegue finalizar, e está desenvolvendo um estilo próprio — usa pequenos floreios que dão elegância às palavras elegantes. Ele completou a pedra em quatro horas, e nós a separamos para a coleta.

Como saberia que o homem estava mentindo? Ele parecia tão dócil e educado — não havia rastro de mentiras em seu rosto. Ele pegou a pedra e me pagou com o dinheiro que tirou de uma pequena bolsa de couro. O caixão estava atrás dele, carregado por dois jovens — pareciam garis de rua. Nenhum padre. Acompanhei-o e vi o caixão ser colocado no local. Rezamos uma oração em nome da criança. Tudo que pude ver foi dor e luto, como se ele fosse um homem exaurido pelo sofrimento. Não havia rastros de mentira em seu rosto.

Quando li sobre a morte dele em uma delegacia, só pensei: *pobre homem*. Li a notícia para o meu filho, e nós rezamos uma oração para ele também.

Extra Noticias

Cerco policial

Um porta-voz da polícia municipal afirmou, ontem à noite, que a polícia está seguindo pistas “com vigor, profissionalismo e perseverança”, e que a quantia desconhecida que foi furtada da casa do vice-presidente será recuperada. “Você não consegue manter essa quantidade de dinheiro escondida. Tudo indica que alguém, em algum lugar, em breve, irá efetuar uma denúncia, e nós entraremos em ação.”

O porta-voz se recusou a dar mais detalhes. “Estamos em um momento muito delicado da investigação. Temos fontes que devem permanecer anônimas. Tudo que podemos revelar é que estamos perto de uma grande descoberta.”

O vice-presidente Zapanta está acostumado a lidar com polêmicas e foi muito perseguido por acusações e escândalos. Formado em direito, ele é conhecido por desafiar e processar os que criticam sua conduta política e pessoal. Até hoje, sempre foi bem-sucedido. Um porta-voz do senador relatou que o vice-presidente estava “bastante incomodado, mas não perdeu a esperança”.

Fontes indicam que o criminoso era um membro da equipe doméstica do senador. A presidenta, que visitou Zapanta na última quinta, declarou: “Compartilhamos da dor de qualquer colega que sofre uma perda dessas. Roubo é roubo: a pessoa sempre se sente violada”.

O vice-presidente Zapanta continua sendo uma testemunha-chave no processo corrente contra a sua empresa subsidiária, Alimentação Já!, que entrou em falência com dívidas de dois milhões de dólares, e que estava envolvida com o aumento dos impostos de importação de arroz durante a crise econômica do ano passado.

O julgamento já está no quarto ano, e o jornal *Extra Notícias* reitera seu apoio ao vice-presidente, e espera que Zapanta seja inocentado de todas as acusações.

O Observatório

Zapanta em luto!

O vice-presidente e senador “Nós somos o povo” Regis Zapanta disse estar “muito incomodado” com a perda, isto é, com o roubo, de uma quantia não declarada de dinheiro ocorrida em sua propriedade na semana passada. Fontes próximas ao grande homem indicam que é possível ouvir a queda de um alfinete — isto é, de uma cédula de dinheiro — e até mesmo um grunhido de desespero. Fontes ainda mais próximas revelam que o nosso tão querido vice-presidente está “furioso” — e todos nós sabemos o que a fúria do senador causou no passado.

O senador Zapanta tornou-se conhecido, há três anos, por ter mandado a polícia esvaziar campos ocupados por sem-teto para construir seu conjunto comercial de shopping e cinemas. Também ficou famoso pelo dramático pôster de campanha direcionado aos iletrados, que exibia órfãos segurando placas que formavam o seu nome — as crianças não receberam dinheiro pela colaboração.

O vice-presidente sempre prometeu investir na educação, enquanto o orçamento destinado à área encolheu em 18% nos últimos dois anos de seu mandato.

O senador não se pronunciou acerca da situação.



“Que diabos...?”

Tabloide Novo

Diário de Mohun

Olha só o rosto do supersorridente Regis Zapanta, que agora está com essa carinha desanimada — parece que o jogo está virando! Será que os boatos são verdadeiros? Será que o nosso homem, que passou a vida toda jurando que é ficha limpa, é sujo como um bueiro?

Se ele realmente perdeu dez milhões de dólares, alguém vai ter de fazer a seguinte pergunta: “Por que você tinha dez milhões de dólares em casa, senhor?”. Todos nós precisamos de dinheiro vivo para o dia a dia... Mas dez milhões de dólares? Será que ele tinha medo de que os caixas eletrônicos pifassem?

Dez milhões debaixo da cama significa que ou essa pessoa não paga impostos, ou está roubando dos outros.

Não disse nada, senhor — não feche o meu jornal, não mate minha família!

A Voz Universitária
“JÁ BASTA!”, CLAMAM OS ESTUDANTES

O fato de que o vice-presidente e senador Regis Zapanta guarda milhões de dólares em sua casa indica que ele faz parte de um submundo de corrupção — e não deve ser reeleito. Este país tem muito o que avançar, mas só poderá crescer se nos livrarmos desses velhos gananciosos.

Chegou a hora de colocar alguém novo e jovem no poder!

Charuvi Adarme, presidente do diretório de estudantes, deixou claro o que pensa em um discurso realizado ontem aos formandos.

“Cinco anos atrás”, ele disse, “Zapanta usou o slogan *O sorriso mais alegre, a mente mais perspicaz*. Eu acrescentaria: *A consciência mais questionável e o coração mais corrompido*. Ele passou mais de três décadas forrando os bolsos, e sua principal conquista foi fazer os pobres deste país se sentirem desprezados e insignificantes.”

Do que o país precisa neste momento?

DE TRÊS COISAS:

Uma revolução.

Depois, uma revolução.

E, então — quando a poeira baixar —, uma revolução.

PARTE CINCO

UM

Raphael, Gardo e Jun-Jun (Rato):

O Dia dos Mortos é o maior festival do ano na nossa cidade — maior até mesmo que o Natal e a Páscoa juntos! Acendem dez milhões de velas, e os fantasmas saem do túmulo para andar de braços dados, e todos vão visitar as pessoas queridas que já partiram, que saem da terra e nos dão um oi.

Por isso que o trânsito foi ficando lento, e, quando vimos, estávamos presos num enorme engarrafamento. Pelo menos o táxi nos deixou na estrada que levava ao cemitério, e saímos andando sentindo o cheiro de flores.

Havia multidões de pessoas vindas de todos os lugares.

As pessoas caminhavam com filhos e bebês no colo, grandes famílias, e alguns dos homens carregavam mesas e cadeiras empilhadas em carrinhos, levavam isopores de cerveja, garrafões de água, e tinha vendedores com sacos de gelo pedindo passagem aos gritos. Fogões portáteis, sacos de comida, pessoas vestidas com suas melhores roupas, como se estivessem indo a uma festa de gala — garotinhas de vestido novo e garotos de gravata, mesmo com o calor daquela manhã. Nesse dia, as famílias se reúnem. Você se instala perto do túmulo, senta, conversa, come e bebe até a meia-noite. Quando anoitece, o cemitério inteiro fica iluminado pelas velas — dizem que é nesse momento que precisam de uma cadeira adicional e um copo a mais. É quando podem se virar e ver a avó morta ao seu lado, os velhos ossos vestindo a roupa com a qual foi enterrada, uma senhora sorridente e cheia de histórias para contar. É nesse momento que o filho que alguém perdeu brinca outra vez aos seus pés, e quem teve uma briga com

um irmão que faleceu pode conversar com ele e resolver a questão. O padre Juilliard explicou ao Rato sobre a história da ressurreição, e acho que era a isso que ele se referia.

Rato comenta: Nunca vi nada disso. Por outro lado, também não tenho família aqui. Mas acredito em fantasmas, e na ilha de Sampalo, de onde vim, as pessoas dizem que os fantasmas saem do mar de vez em quando, se um barco afunda. Eles entram no vilarejo, tristíssimos, e choram junto da sua porta a noite toda. Mas o que sei eu? Nunca vi nada disso.

Ao nosso redor, as bancas que vendiam flores se multiplicavam, e estavam lotadas de flores. O cheiro era tão forte que quase dava para flutuar. Havia lojinhas com versículos da Bíblia, estátuas de plástico, placas e cartões-postais. Os vendedores de bilhetes de loteria estavam por toda parte, gritando com maços de bilhetes na mão. Depois disso, chegamos às bancas de velas — tantas velas, grossas ou finas, pequenas como o seu dedo ou grandes demais para carregar sozinho. Também tinha lojas de comida, bem movimentadas — e nós três paramos ali para comer um pouco de peixe, pois estávamos com fome e não tínhamos tomado café da manhã.

Raphael: Limpei o sangue dos meus braços e Gardo falou que era hora de bolarmos um plano. Nos sentamos, abrimos a Bíblia e comemos. Ninguém nos incomodou, afinal, quem vai se irritar com garotos de rua, se eles estão lendo a Bíblia no Dia de Todas as Almas? Sentimos outra vez a brisa, que ficava mais perceptível com todo aquele cheiro de flores, e sabíamos que o tufão atípico se aproximava, sacudindo as tendas. Não seria nada fácil manter as velas acesas, então

algumas pessoas compraram potinhos de vidro.

Falei: “*Onde jazemos*” e cocei a cabeça. “Acho que ele foi enterrado por aqui. Faz sentido?”

“Ele não deve ter sido enterrado”, respondi (aqui é o Gardo, agora). “Se a polícia matou o cara, devem ter queimado o corpo e colocado no lixo. Além disso, ele escreveu aquilo antes de morrer.”

Isso era verdade, e todos nós concordamos. Mas também pensávamos: *E se a mulher dele estiver enterrada aqui? Se fosse o caso, então Onde jazemos* indicava um túmulo familiar. E foi isso que resolvemos procurar.

Agora é o Rato. Eu me senti mal, porque a tarefa exigiria leitura, e eu não sei ler. Terminamos o peixe e começamos a missão. Eu segui os dois e carreguei os papéis e os livros.

Como contei, é o maior cemitério da cidade. Passando o portão, havia passagens para a esquerda e para a direita que se estendiam por vários quilômetros. Logo nos perdemos entre túmulos, árvores e monumentos. Havia muitos arbustos e, enquanto caminhávamos, nos deparamos com vários anjos surgindo no mato. Madonas de aparência tranquila olhavam para o horizonte, pequenas estátuas de Jesus lacrimejante em cruzes minúsculas e algumas esculturas enormes de Jesus olhando para o céu. Nunca vi tantos santos reunidos e quase me separei dos garotos porque fiquei olhando.

Muitas pessoas tinham aberto mesas e preparavam um piquenique. A festa começava, e Raphael e Gardo se deram conta de que não conseguiriam encontrar um nome entre aqueles milhões de nomes.

“A gente pode perguntar”, sugeriu Raphael. “Tem um escritório com uma lista de nomes... será muito arriscado?”

“Tudo é arriscado”, comentou Gardo, olhando ao redor, preocupado. “Tudo foi arriscado.”

Foi quando eu disse que faria isso. Sugeri: “Posso fingir

que a senhora Angelico foi muito legal comigo e eu passei para dar um oi”.

Gardo separou um pouco de dinheiro para mim — ele se tornou o cara responsável pela grana depois da negociação com Marco. “Compre flores”, ele disse. “Aí vai parecer verdade.”

Foi o que fiz, e demorei umas três horas para conseguir. A fila estava enorme e não paravam de me empurrar para trás. Quando fui falar com o funcionário, ele informou que conferir o registro custaria vinte pesos — era mentira, mas paguei mesmo assim. Ele demorou uma década na função, respondendo outros pedidos de várias pessoas, então fiquei ali sentado com as flores na mão, torcendo para que ele não me esquecesse. Só no fim da tarde ele apareceu e me entregou um papelzinho. Gardo achou que eu tinha saído para encher a cara.

“B vinte e quatro barra oito”, falei a Raphael. “Ele disse: ‘No alto da ladeira, procurem um anjo cor-de-rosa’.”

“Está escurecendo”, comentou Gardo. “Como vamos ver a cor no escuro?”

Raphael saiu na frente, tomando a liderança, decidido.

Raphael agora.

O lugar ficava cada vez mais lotado, pois era o horário mais agitado do dia. Acenderam churrasqueiras e começaram a vender lanche. Caminhávamos entre gente rica com roupas elegantes, e nos sentimos ainda mais cinza e sujos. Apesar disso, ninguém prestava atenção na gente — parecia mesmo que ninguém estava nos vendo, como se fôssemos *nós* os fantasmas.

Depois de vinte minutos, terminamos de subir a ladeira.

Vi tantos anjos, e a luz era tão fraca, que parecia impossível notar um cor-de-rosa. Eu estava prestes a praguejar contra o funcionário que desperdiçou o nosso tempo, quando Gardo viu um anjo de mármore, em um

túmulo do tamanho de um caminhão. À luz de velas, parecia rosa como um salmão, e seus olhos pareciam contemplar toda a cidade, com os braços abertos como se tivesse marcado um gol. Uma família numerosa estava sentada ao redor do túmulo, jogando carta, e havia garrafas de conhaque por toda a parte. Mais gente chegava, trocando abraços com os parentes.

Fomos dar uma olhada nos túmulos próximos, perguntando o que seria o tal de B24/8. Procuramos o nome Angelico, mas não encontramos nada.

Logo escureceu por completo, e não conseguimos mais ler nenhum nome. Então, voltamos ao anjo cor-de-rosa, e subimos em um muro próximo, onde ficamos nos perguntando o que fazer.

Foi quando vimos *a luz mais brilhante*.

DOIS

Raphael, Gardo e Jun-Jun (Rato):

Passamos um tempão procurando no lugar errado, e o idiota do funcionário que pegou a nossa grana deve ter achado que conhecíamos o cemitério e não se deu ao trabalho de explicar, ou ficou com preguiça. O cemitério, veja bem, é dividido por um muro — o muro em que sentamos. É ele que separa a parte rica, onde os mortos são enterrados na terra, da parte pobre, onde os mortos são empilhados em caixas.

Desperdiçamos o dia todo caminhando entre os ricos quando deveríamos ter procurado do outro lado do muro. As luzes mais claras vinham da parte pobre do cemitério, onde milhares de velas eram acesas pelas pessoas que tinham saído há pouco do trabalho. O lugar estava iluminado como se fosse dia, claro como uma fornalha, e as velas se deslocavam como um rio enquanto as pessoas caminhavam em direção aos seus entes queridos. Parecia uma pequena cidade, com túmulos espalhados por pequenas ruas.

B24/8 seria o número de uma das caixas de concreto.

Raphael. Lembro que Gardo me olhava e sorria, e depois o Rato me deu um abraço, porque conseguimos resolver mais um enigma. Saltamos do muro e fomos até uma porta quebrada pela qual se atravessa para o outro lado. Logo vimos um número à luz das velas, em uma lápide no alto. Dizia G9. Fomos adiante, para tentar entender o sistema.

Realmente parecia uma cidade: as pessoas moravam nesta parte do cemitério — tinham casa aqui. Pequenos barracos foram construídos ao redor de algumas caixas-

túmulos. Havia também umas cabanas no alto do morro. Para chegar a elas, precisavam subir uma escada. Vimos crianças correndo pelo morro com uma pipa que era carregada pelo vento do tufão. Tanta gente. Lembrei-me do que a minha tia costumava dizer: não existe lugar onde as pessoas não consigam morar.

Passamos por tantos túmulos.

Os mais tristes eram os abertos — aqueles que foram quebrados — e todo mundo conhece a história. Eu desviava o olhar desses. Cada buraco de concreto custa à família dois mil e quinhentos por cinco anos. Você não pode comprar uma caixa, veja bem — só pode alugá-la. E as pessoas se mudam, ou gastam o dinheiro, e às vezes não pagam — então, o que acontece? Uma marretada. Eles quebram o lacre e tiram o corpo. Tem uma parte do cemitério onde jogam ossos velhos, que apodrecem junto com o lixo. O filho de alguém, a avó de alguém — no lixo, como um cão. Os buracos vazios me assustavam, porque não há nada mais triste do que isso, e eu preferia não olhar. Às vezes deixam o cadáver ali por algumas semanas, na esperança de que alguém reivindique o corpo, pois acho que ninguém gosta de jogar pessoas fora desse jeito.

Gardo.

Comecei a sacar a parada.

Levei os garotos para o fundo e conversei com uns meninos que tinham escalado uns túmulos. Eles apontaram e seguimos uma trilha que nos levou ao D, depois ao C e, enfim, ao B. Daí, fomos contando: quinze, vinte, vinte e dois. Quatro túmulos acima e lá estava, encontramos: *Maria Angelico, esposa de José Angelico*, inscrito numa pequena placa de pedra. Raphael e eu escalamos para ler as palavras embaixo do nome, que eram muito miúdas. *A luz mais brilhante*, estava escrito, e senti minha alma gelar, porque eram as palavras que procurávamos, e tudo se

encaixava — estávamos perto da revelação final. Ao redor das palavras, pequenas marcas de chamuscado das velas que foram acesas. Raphael leu as palavras em voz alta para Rato, e precisou falar quase gritando porque tinha gente por todo lado conversando e rindo. Olhei para a caixa abaixo e li:

“Eladio ‘Joe’ Angelico”, falei. “Meu querido filho.”

Raphael me agarrou e comentou: “Estamos no lugar certo! Esse é o filho dele!”.

Respondi: “Eu sei disso”. Estava claro. Mas também pensava... *E o que há para encontrar aqui? Achamos o túmulo da família do coitado do homem — e aí? O que importa? Esse homem triste, cujo rosto vimos pela primeira vez dentro da carteira encontrada no lixão... Ele perdeu a esposa e o filho e estamos aqui fuçando nos túmulos, atrás do dinheiro dele? Ele não poderia ter escondido aqui.*

“Estamos no lugar certo”, falei. “Mas ele não pode ter guardado nada nesses túmulos.”

Rato concordou. “Como ele faria?”

“E esse aqui, hein?”, perguntou Raphael, olhando para cima. “Também é dele?”

Ele fitava a pedra sobre o túmulo da esposa de José, e tive que escalar mais um degrau para ler o que estava escrito. Era uma pedra nova e limpa, e as palavras eram mais difíceis de ler porque a luz estava fraca, então Rato me passou uma vela. Fui lendo aos poucos, com a ajuda de Raphael.

“Sementes”, li. “Mais uma coisa sobre sementes... E daí... Para co... Iher. Minha. Filha. Está... parece comprido, não consigo enxergar.”

“Consumado!”, exclamamos juntos.

“Está consumado”, li. “Está consumado. Amor e... esperança. E tem um nome — um nome pequeno.” Tateei a inscrição com os dedos.

Raphael aqui.

O nome na pedra era *Pia*. E depois *Dante*. *Pia Dante*. Olhei para Rato. “Ai, caramba”, disse, me sentindo muito triste. “É a filhinha dele.”

Lembrei-me da foto, da garota de olhos sonhadores, e me senti muito mal. Pensamos que ela estava viva, ou torcíamos para que estivesse.

Rato comentou: “Ele perdeu tudo, cara...”.

“Ele tinha colocado a menina na escola”, falei. “Era o que dizia o jornal.”

“A carta também”, lembrou Gardo. “A carta ao senhor Olondriz. *Se ela chegar até você, é porque fui preso. Descubra o que aconteceu com minha filha, por favor. Use qualquer poder que você tenha, pois temo pela vida de Pia Dante.*”

Ficamos em silêncio por um instante e então saltei ao chão.

“E agora?”, questionei. “O que a gente espera achar aqui? O que fazer?”

Gardo respondeu: “Não sei”.

Continuei: “Uma mensagem, talvez? Procurar outra mensagem...”

“Onde?”, Rato perguntou. “Onde ele iria colocar?”

Todos nós olhamos ao redor, pensando que talvez fôssemos encontrar uma carta, ou alguma outra pista — mas parecia não ter solução. A sensação era que tínhamos caído num beco sem saída.

“Chegamos até aqui”, falou Gardo, ficando cada vez mais irritado. “A gente tem que encontrar algo!”

“Não tem nada”, Rato falou. “Onde vamos procurar? O que a gente está procurando? Acho que ele foi preso e morto antes que pudesse fazer qualquer coisa.”

“A polícia pode ter vindo aqui e pegou seja lá o que fosse”, acrescentei. “Descobriram por outros meios.”

Gardo voltou a sentar. “Por que essa história é tão doida?”, ele se perguntou.

Sentei ao lado dele, e ficamos pensando, mas não havia no que pensar. Então, do nosso lado, chegou uma grande família, carregando muitas velas e um fogão de acampamento. Demos passagem e encontramos um lugar mais sossegado, um pouco mais ao alto.

“Vejam bem”, comecei. Não podia apenas desistir. “Se ele tinha tanta grana... se fugiu com o dinheiro, se realmente forrou uma geladeira com dinheiro... Será que enterrou a grana junto da esposa e dos filhos? Por que faria isso?”

“Para poder pegar depois”, Rato comentou. “Ninguém vai violar um túmulo assim, né?”

“A polícia faria isso”, continuou Gardo. “Se eles suspeitassem. Por isso o código. Se a polícia estivesse com a carta — se eles fizessem o mesmo que nós — ido até a prisão e falado com o senhor Gabriel... ele não teria revelado nada sobre o código e a Bíblia. Eles nunca teriam chegado até aqui.” Sorriu, e disse o que todos nós já sabíamos: “O homem era esperto”.

“Tá bom”, Rato disse. “Então José Angelico sabia que podia confiar em Gabriel Olondriz. Gabriel era tipo... o guardião do negócio. Sem ele, nunca poderia ser encontrado. Mesmo se estiver ali dentro.”

“Você acha que está lá dentro?”, perguntei.

“Em um dos túmulos”, disse Gardo. “Talvez.”

“E você quer violar os três túmulos?”, perguntei. Não dava para acreditar que estávamos cogitando tal coisa. Eu sei que nunca faria isso.

Gardo se levantou. Andou para cima e para baixo e pude ver que ele estava imerso em pensamentos, que seus olhos estavam arregalados, como se estivesse cada vez mais louco. “Não pode ser!”, exclamou. “Isso não se faz, né? Não se abre um túmulo familiar! Mas e um túmulo vazio? Talvez tenha um quebrado aqui perto...”

Olhamos ao redor e havia vários. Dava para ver o que parecia ser lixo, ou talvez ossos. Quem mexeria naquilo? Não eram lugares onde se pudesse esconder algo de valor.

Gardo começou a perder a calma e entendi as razões dele. Chegamos até aquele ponto, a polícia estava na nossa cola — quase fomos presos, saímos correndo... e por nada? Ele me olhou e disse: “E agora, Raphael?”, e eu não soube o que responder. Apenas encarei Gardo, e Rato olhava para nós dois, sem saber o que fazer.

Foi naquele momento, quando olhávamos ao redor, que escutamos uma voz.

Uma voz fina que nos chamava, e que era quase inaudível por causa do vento. Mas conseguimos escutá-la. Olhamos para onde vinha a voz e deparamos com uma garotinha.

“O que vocês estão procurando?”, ela perguntou.

TRÊS

Raphael, Gardo e Jun-Jun (Rato):

Ela estava sentada sobre as sepulturas, um pouco acima de nós, por isso precisava olhar para baixo para conversar com a gente. Era uma menininha, e havia poucas velas ali, então não era fácil vê-la. Tinha cabelo preto comprido e estava sentada tranquilamente, com as mãos no colo. Vestia um uniforme escolar.

Rato perguntou: “O que foi que você disse?”.

A garotinha perguntou: “O que vocês estão procurando?”.

Raphael respondeu: “José Angelico”.

“Acho que ele não vem, não”, comentou a criança.

A gente ficou sem saber o que dizer, e então Gardo perguntou: “Ele disse que viria? Quando?”.

Todos nós encaramos a menina e ela ficou parada, como uma pequena estátua. Uma brisa passou e desajeitou o cabelo dela.

“Uma semana atrás”, ela falou, em voz baixa. “Estou esperando.”

Gardo disse: “Também acho que ele não vai aparecer. Por que você não desce aqui?”.

“Qual é o seu nome?”, Rato perguntou, com delicadeza. “O que você está procurando?”

“Não estou procurando nada”, ela respondeu. “Só vim aqui esperar ele.”

“Mas onde você mora?”

“Aqui. Não sei mais.”

“Sozinha? Qual o seu nome, garota?”

“Pia Dante”, ela respondeu. “Meu nome é Pia Dante Angelico e estou esperando o meu pai, José Angelico.”

Agora, eu (Raphael) falo apenas por mim: fiquei gelado e quase caí duro. Ouvi Rato respirar fundo e dar um passo para trás. O cabelo da menina voava com o vento e ela parecia ser uma presença bastante sólida e real, e a voz dela era uma voz de criança... mas, a primeira coisa que pensei foi que falávamos com um fantasma, porque vimos a sepultura dela com nossos próprios olhos.

A menina olhava para o túmulo — B25/8 —, um túmulo com o nome dela gravado em uma lápide de pedra novinha. E esperava pelo pai dela no Dia dos Mortos. Que assombração era essa?

QUATRO

Raphael, Gardo e Jun-Jun (Rato):

Ela não era nenhum fantasma, é claro, e, depois de nos recompormos, ajudamos a menina a descer. Rato subiu e ajudou a menina, porque ela era pequena — e resolvemos que o melhor a fazer era tirá-la dali o mais rápido possível. As coisas estavam bem estranhas, e nós tivemos a mesma ideia na mesma hora, mas precisávamos de um tempo a mais para pensar melhor. A pequena Pia parecia tão fraca que mal conseguia ficar de pé, e nos demos conta de que nenhum de nós tinha se alimentado direito, e pensamos: *Chegamos até aqui — a polícia não vai nos encontrar aqui — podemos ter um momento de paz para pensar?*

Gardo contou o nosso dinheiro, e concluiu que tinha sobrado pouca grana — algumas centenas de pesos —, mas todos nós precisávamos de comida — a pequena Pia especialmente. Ela era um esqueleto, os ossos aparecendo, a pele toda suja, e um fedor incrível. Saímos do cemitério, encontramos uma tenda e comemos galinha e arroz, afinal precisávamos nos alimentar bem. Tínhamos chegado até ali, o final da aventura, e antes mesmo de conversar sobre o assunto, entendemos o que estava acontecendo. Ficamos empolgados e assustados ao mesmo tempo. Suávamos frio, como se a gente estivesse com febre.

Rato e Pia tinham mais ou menos o mesmo tamanho, e ele notou que ela estava pior do que Gardo e eu. Ele já tinha passado fome a esse ponto, e ficou assustado com a situação, então sabia o que fazer. Ele a obrigou a comer lentamente, misturando o caldo de galinha com o arroz e dando a comida na boca da menina. Ele a fez beber água, e depois pegou uma banana e picou em pedacinhos, como se

ela fosse um bebê. De certo modo, ela era um bebê mesmo. Parecia assustada, mas estava fraca demais, então não sabia o que fazer, e achamos que Rato salvou a vida dela.

Ela nos contou que estava esperando o pai em Naravo há uma semana. Era um lugar onde costumavam ir juntos, pois o irmãozinho dela e a mãe estavam lá.

Algumas crianças a encontraram perambulando pelo cemitério e a levaram a um dos barracos — deram um pouco de comida e fizeram algumas perguntas à menina. Ela sempre voltava ao túmulo da mãe e o esperava, e é claro que ela não tinha altura suficiente para ler o próprio nome no túmulo de cima — ou, se tivesse, não significaria nada para ela. Pia nunca comentou nada sobre isso. O pai dela tinha mandado uma mensagem para que ela o encontrasse ali, e seja lá quem cuidava da menina a levou até o cemitério e a deixou lá. Devem ter lido sobre a morte de José, e acharam que o ideal seria se livrar da garota, ainda mais com a conta do aluguel chegando.

Pia Dante estava sozinha no mundo.

Gardo: Nós conversamos com um garoto na tenda, e por cinquenta pesos ele arranjou um lugar para que ela passasse a noite ali na parte de trás. Rato a colocou na cama e conseguiu um cobertor a mais, pois o vento do tufão é frio demais para uma criança. Eu vi o Rato acariciando o cabelo dela, enrolando-a no cobertor, e garantindo à menina que cuidaríamos dela. Quando ele apareceu para falar comigo e com Raphael, chorava. Menciono isso aqui porque acho que é importante — foi a única vez que vi o Rato chorar.

Todos nós sabíamos que tinha chegado a hora de executar a parte final do plano. Pedimos um chá e eu — Gardo — gastei os últimos setenta pesos numa garrafa de conhaque. Obriguei cada um de nós a tomar três dedos da bebida, porque a nossa próxima tarefa seria a mais difícil de todas.

Mas, de alguma maneira, estávamos em queda livre, o plano parecia tão claro que não havia escolha. Três dedos de conhaque eram o bastante, pois teríamos de ser corajosos na etapa seguinte — mais corajosos até do que o meu camarada e irmão Raphael foi naquela delegacia, porque ninguém revira túmulos no Dia de Todas as Almas depois da meia-noite. É o horário que os mortos entristecem porque voltam a ficar sós. Mas não havia dúvida — era o único momento que teríamos. Você não pode nos culpar por termos nos apoiado um pouco na bebida.

“Vamos precisar de ferramentas”, falei, e listei o que precisávamos.

“A gente também precisa de uma rota de fuga”, comentou Raphael, e traçamos um caminho.

Falei: “Como será que são seis milhões de dólares?”. Acho que o conhaque bateu, pois eu sorria. Todos nós caímos na risada — pela primeira vez em muito tempo. E quer saber? Nós sabíamos que o dinheiro não era nosso, até mesmo naquele momento — ele não poderia ser nosso. Só queríamos uma parte, e sabíamos que estávamos perto de encontrar a grana, tinha um ruído no ar, como se os fantasmas pairassem sobre nós. Era tanto dinheiro, se realmente estava lá — seis milhões! Eu juro: estava claro para nós que a grana não nos pertencia e que só pegaríamos o mínimo.

Nos separamos para procurar as ferramentas, e combinamos de nos reencontrar junto do túmulo assim que possível. Nem discutimos a questão: a gente teria de dar uma marretada na sepultura e pegar o que tinha dentro. Concordamos sem nem conversar sobre o assunto. Raphael encontrou um saco e uma faca velha e quebrada. Revirei a região próxima dos barracos, o lugar onde o cemitério converge no pântano: encontrei uma estaca de ferro. Estava amarrada ao barco de alguém, então troquei a estaca de ferro por uma de madeira, e peguei a ferramenta, silencioso como a brisa. Rato encontrou uma corda e um plástico, e

era tudo o que precisávamos.

Falei ao Raphael: “Vamos agir rápido — depois de começar, não podemos parar”, e nos abraçamos.

Aqui é o Raphael. Disse ao Gardo: “Vai ser barulhento. A gente precisa ser rápido, viu?”.

Gardo de novo.

Subimos até a pequena caixa-caixão de Pia. Acho que os fantasmas estavam por toda parte, só nos observando. Raphael segurou a estaca e Rato me entregou uma pedra.

Todos tinham ido embora e a maioria das velas tinha sido apagada, porque o tufão se aproximava e o vento era gelado e forte. Eu estava sem camisa e pude senti-lo vindo do mar. Juro que conseguia sentir a presença de todos os mortos ao meu redor, me observando com olhos arregalados. Homens mortos acima e abaixo, crianças mortas e mães mortas — eu era quase capaz de vê-los, por isso preferia não olhar para cima.

Segurei com força a pedra, que cabia perfeitamente na minha mão. Raphael colocou a estaca na ponta, e eu peguei impulso e dei a porrada mais forte que pude. A lápide se mexeu, e emitiu um ruído grave e profundo de batida. Como o lacre era novo, não tinha fixado direito ainda. O segundo golpe atravessou o túmulo e a pedra se espatifou em três pedaços no chão. Um pedaço quase atingiu o pé do Rato, que saltou para trás. Ele subiu, carregando a corda e algumas velas, e colocamos as velas dentro do túmulo, onde poderíamos acendê-las sem que o vento as apagasse.

O ar estava estagnado, mas não sentimos nenhum fedor. Dentro da cova tinha um caixão branco, do tamanho de uma criança, e todos nós ficamos com medo. Sobre o caixão, uma fina camada de pó e flores mortas. Tirando isso, tudo parecia limpo. Nenhum cheiro — todos nós

conhecemos o fedor que a carne putrefata exala, pois as pessoas costumam jogar bichos mortos no lixão. Um dia encontrei uma criança morta, e você nunca esquece esse cheiro.

Tiramos os outros pedaços de pedra quebrada.

Aqui é o Raphael de novo. Como Gardo contou, o vento ficou mais forte e sentimos que precisávamos trabalhar ainda mais rápido. Rato enrolou a corda ao redor do caixão. Enquanto puxávamos o caixão, o Rato se enfiou na lateral do buraco para empurrá-lo com mais segurança. Assim ele poderia abaixar com delicadeza a enorme caixa de madeira, pois seis milhões de dólares... vou te contar, seis milhões de dólares dentro de uma caixa pesam para caramba — se é que tinha dinheiro dentro dela, não esqueça que a gente não tinha certeza de nada. Só achávamos que sabíamos do conteúdo da caixa, pois ela pesava como chumbo. Colocamos o caixão no chão, e, como combinamos de agir rapidamente, nos preparamos para abrir a caixa de madeira ali mesmo.

A faca serviu de chave de fenda. Oito parafusos prendiam a tampa. Abrir uma tampa de caixão no cemitério, no meio da noite... você pensa em todos os espíritos do mal que existem... Mas acho que todos nós sentíamos em nossos corações que os fantasmas estavam rodeando, apenas observando.

Nossa Senhora... Encontramos o dinheiro lá dentro.

O dinheiro estava lá, bem guardadinho, como se a caixa fosse feita para isso.

Quer saber como são seis milhões de dólares? Vou tentar explicar.

Para mim, que estava ao lado do dinheiro, parecia comida e dinheiro, uma chance de mudar a minha vida — e sair da cidade para sempre. Tinha cheiro de mudança, a aparência do futuro. Não sei como realmente eram os seis milhões de

dólares. Ficamos olhando para as notas por um tempo, e ninguém disse nada. Tínhamos um plano, e ele não tinha sido completado ainda. Nenhum de nós cogitou ficar com tudo aquilo nem um por um instante. Ninguém sequer sugeriu que mudássemos a última parte do plano. Sabíamos que o dinheiro não era nosso, porque, apesar de eu nunca ter conhecido Gabriel Olondriz, pelo que o Gardo nos contou, ele era um bom homem. Era Noite de Todas as Almas e ele estava lá, na frente de uma multidão de fantasmas, nisso eu acredito! Estava junto da gente, e acho que continuou — de braços dados com José Angelico, espero — até o fim.

CINCO

Jun aqui — não sou mais o Rato. Meu nome é Jun-Jun.

Os meninos me deixaram contar a parte final da história — acho que porque a parte final do plano foi ideia minha. Eles discordam — Gardo diz que foi dele, porque foi ele que conheceu o sr. Gabriel, mas eu que bolei uma maneira de realizar o plano — coisa que fiz no que havia sido a minha casa, ou melhor, a parte de cima dela.

E o Raphael também — ele contou a primeira parte da história, e acho que ele sabe que juntos somos capazes de contar melhor, pois agora somos uma equipe. Quem se importa, afinal de contas? Quem se importa quem fez o quê, quando o legal é que fizemos tudo juntos?

Tínhamos discutido a questão, sempre fazendo as mesmas perguntas: o que se faz com seis milhões de dólares? Como se gasta esse dinheiro? O que nós três faríamos? Entrar em uma fila no banco na manhã seguinte e pedir para guardar num cofre? Enterrar o dinheiro em outro lugar?

A única coisa que a gente sabia era que, assim que tomássemos posse do dinheiro, ele seria levado — você acha que a gente tinha chance de ficar com um milhão que seja? Então sugeri levar a grana a Behala e colocar no lixo para que acabassem encontrando.

Pode ser por causa do conhaque, mas lembro que os garotos apenas riram de mim, e riram um do outro.

Colocamos todo o dinheiro do caixão no saco e no plástico. O dinheiro de José Angelico: o dinheiro que o senador e vice-presidente do inferno roubou de seu povo. Amarramos o saco e o plástico nas nossas costas. Pulamos o muro, caso houvesse alguém vigiando o portão — todos os

portões nessa cidade têm guardas... Paramos para buscar Pia, é claro, e ela dormia tão profundamente que precisei carregá-la nas costas, então Gardo pegou um saco e Raphael o outro — e lá fomos nós, contra o vento, que ficava cada vez mais forte, zunindo pelas ruas e esquinas, fazendo sacos de lixo rolarem pelo caminho.

E quem encontramos no trajeto? Uma pequena gangue de garotos que reviravam o lixo trabalhando no turno da noite, mexendo em latas de lixo e guardando o que encontravam num carrinho puxado por uma bicicleta. Gardo deu um dinheiro a eles e conseguimos o que queríamos: meio minuto depois, os nossos sacos estavam dentro do carrinho, e Pia ia montada no quadro. Saímos pedalando pelas ruas, nos segurando no carrinho e cantando. Quem vai desconfiar de meninos sujismundos de rua brincando à noite? Passamos por um carro de polícia parado em uma esquina, e até acenamos. Nas primeiras horas da manhã, o vento nos empurrava para a frente, e fomos velejando por prédios comerciais até chegarmos à estrada que leva ao lixão. Colocamos Pia no selim, saímos da bicicleta e a empurramos, correndo o mais rápido possível. Até ela se divertiu com a brincadeira.

Não passamos por carros de polícia, nada. Mesmo assim, decidimos não arriscar, por isso nos despedimos dos outros garotos e seguimos o caminho do canal.

Minha primeira parada foi na escola — a Escola Missionária. Peguei um punhado de notas, coloquei dentro da camisa, e fiz o que Gardo sugeriu. Escalei pela lateral e entrei pelo espaço nas grades. Parece que o meu bom e velho amigo padre Juilliard ainda não tinha consertado as grades, pois entrei com facilidade. Acho que ele estava torcendo para eu voltar — brincadeira. Coloquei o dinheiro sobre a mesa e peguei uma caneta. Escrevi meu nome, em letras bem grandes — e só conseguia pensar em flores, por isso desenhei várias delas ao lado, flores desabrochando. Foi quando tive a ideia genial que — vai saber — pode muito

bem ter salvado nossa vida. Gardo diz que sou convencido, mas essa sacada foi genial, pois como andaríamos por ai de manhã sem chamar atenção?

Não sei de onde tirei a ideia — talvez porque a gente se acostumou a sempre pensar no passo seguinte, ou talvez porque Gabriel e José ainda estavam com a gente — quem sabe, também ajudaram a empurrar a bicicleta. Ou talvez eu tenha olhado para o armário, não sei. O que importa é que no escritório do padre Juilliard tinha armários com todo tipo de coisa, inclusive uniformes.

Camisetas e bermudas! Foram doadas muitos anos atrás por algum voluntário de uma organização de caridade que achava que todas as crianças deveriam se vestir do mesmo jeito, como alunos normais, mas o uniforme não pegou. Para dar a impressão de que aquela escola era igual a todas as outras, o sujeito tinha doado cerca de cem camisetas brancas, cem bermudas azuis e cem vestidos. Pacotes e mais pacotes de roupas. Tinha até chinelos e mochilas — o tipo de mochila que os alunos usam para guardar livros, mas mal tinha livros naquele lugar. O que as crianças vão carregar além de lixo? Nas mochilas havia o nome da organização bem grande, para que ninguém esquecesse quem foi tão legal com as crianças.

Peguei um pouquinho de cada coisa e passei as roupas pelas grades. Desci até onde as coisas tinham caído e nem precisamos trocar uma só palavra — sabíamos qual era o próximo destino.

Abrimos as quatro mochilas e as forramos de dólares.

Viramos para ver o que tinha sobrado, ou seja, a maior parte da grana, e tiramos os papéis que prendiam os maços de notas de cem dólares. As cédulas já tinham começado a voar. Resolvemos colocá-las de volta no saco. O lixão ganhou vida com a ventania. Voava pó e areia, e sacos de lixo rolavam pelas montanhas. Os tetos de plástico sacudiam, e as placas de metal ficavam batendo. Havia um pouco de luz no céu perto dos guindastes das docas, mas

não tinha viva alma no lugar ainda — ou ninguém nos viu. A gente provavelmente tinha mais dez ou quinze minutos antes do amanhecer, antes que os fantasmas se despedissem e voltassem para o cemitério. Levamos tudo para a minha antiga casa, o lugar onde o guindaste quebrado — o de número catorze — aponta para o céu, como quem não quer nada.

Não, não desci para visitar os meus amigos ratos! Pia ficou no chão, olhando para nós, com as roupas e as mochilas. Fui o primeiro a subir, carregando a ponta da corda, que puxei. Gardo e Raphael subiram logo em seguida, carregando o peso, e eu continuei subindo. O vento cada vez mais forte fazia a minha camiseta tremular — parecia que eu estava num barco, porque todo o guindaste se mexia com a proximidade do tufão. Conseguimos colocar o primeiro saco bem no alto, e pude ver toda a Behala, toda a cidade, até mesmo o mar! Raphael se aproximou, chorando de felicidade, e começou a gritar contra o vento. Nós nos abraçamos e uivamos de alegria. Pegamos punhados de notas e jogamos o dinheiro ao céu. As notas se espalharam por todos os lados. Era uma tempestade de dinheiro. Fiquei sabendo depois que o tufão Teresa vinha do sul da China — e, no dia seguinte, cairia uma chuvarada. Naquele momento, o vento carregou todo o dinheiro que conseguíamos jogar, espalhando-o pela terra.

Meu braço começou a doer.

Raphael parou de gritar e ficou ali pendurado, exausto. Jogamos o segundo saco de dinheiro com mais tranquilidade, e, quando ficou mais leve, Gardo apareceu no alto do guindaste. Ele tem braços fortes e ajudou a jogar o resto da grana. Quando Gardo apareceu, o vento ficou ainda mais forte, nos agarrávamos com força ao guindaste. Era um furacão, um furacão de dinheiro. A gente deve ter jogado quase cinco milhões e meio no lixão, e o vento espalhou tudo pela cidade enorme, bela e terrível.

No fundo do saco, o que foi que encontramos? Outra

carta, no meio do dinheiro. Era de José Angelico, e Gardo guardou-a dentro da camiseta. Quando terminamos, descemos lentamente, nos sentindo um pouco tontos.

Pia esperava por nós entre as mochilas. Ela tinha tirado os uniformes das sacolas, empilhado os sacos plásticos e se sentado sobre a pilha. Trocamos de roupa e lavamos o rosto na torneira da escola. E, daí, saímos de Behala.

Eu queria assistir ao espetáculo. Queria ficar ali para ver o que aconteceria quando o primeiro garoto do lixão fisesse uma nota de cem dólares, não barro. Mas Gardo mostrou-se decidido — e eu aprendi que não se deve desafiar Gardo à toa.

Raphael queria se despedir de algumas pessoas, e vi que ele sofria com isso. Gardo estava na mesma situação. No final, acho que eles concluíram que era mais fácil sair sem se despedir — não havia escolha —, e vi Gardo colocar o braço ao redor dos ombros de Raphael, levando-o para fora dali.

Ele disse que tínhamos que pegar um trem, então pegamos.

SEIS

Raphael, Gardo, Jun, Pia.

Decidimos escrever este último capítulo juntos.

Obrigado, padre Juilliard e irmã Olivia. Obrigado, Grace, e obrigado, sr. Gonz, por nos ajudar a contar a nossa história. Estamos no final, muito perto de onde começamos — pegando o trem...

Tomamos o trem na curva que faz ao sul de Behala, onde diminui a velocidade e fica fácil de saltar nele. Sim, nós éramos apenas três garotos de colégio e uma garotinha que entraram pela janela e se sentaram. Ainda não tinha muita gente no vagão, mas na Estação Central entraram muitas crianças, a maioria vestida como nós, e compramos as passagens com nossos últimos pesos.

Assim como as outras crianças, estávamos de mochila. Elas carregavam livros; nós carregávamos dólares. Elas desceram do trem para ir à escola, nós continuamos.

O caminho para Sampalo é longo, mas a gente sempre soube que chegaria lá. O trem nos conduziu pela noite, e chegamos ao porto pouco antes do amanhecer. Atravessamos o mar por nove horas e chegamos a um lugarzinho chamado Forte Barton. De lá, tomamos um ônibus até a parte leste da costa. E depois tomamos um riquixá até o píer. Dali, um barco nos levou até um lugar onde a cor da água é diferente — é de um azul-turquesa transparente que dá até para ver o fundo. É o paraíso.

Saímos do barco em uma praia e começamos a andar.

Sim. Se você anda bastante, encontra um lugar onde a terra se transforma em areia macia. Agora estamos no lugar mais bonito do mundo.

Isso tudo aconteceu já faz um tempo. Desde então, compramos barcos e aprendemos a pescar, e agora podemos contar apenas a verdade, não precisamos mais mentir. Vamos pescar para sempre e viver uma vida feliz. Esse é o nosso plano, e ninguém pode nos impedir.

FIM

APÊNDICE

UMA CARTA DE JOSÉ ANGÉLICO:

A quem possa interessar:

Escrevo sabendo que, se isso caiu na mão de outra pessoa, estou morto ou prestes a morrer. Roubei esse dinheiro na esperança de devolvê-lo a quem o pertence, e bolei um plano para conseguir realizar isso. Mas escrevo da posição de um homem morto. Acho que, se me prenderem, não vão me deixar sair vivo.

Minha filha se chama Pia Dante Angelico, e ela está sozinha no mundo. Talvez eu possa implorar para que você a ajude? Ela é inocente, como todas as crianças são. Sei que a estou traindo. Pia, se você algum dia ler esta carta, saiba que meu objetivo era simples, e o que fiz foi por você e por outras crianças como você. Uma chama arde dentro de mim desde o dia em que conheci o sr. Gabriel Olondriz — e eu era muito jovem quando isso aconteceu. Ele acendeu o fogo de minha alma, e de muitas outras. Ele me ensinou muitas coisas, mas o que mais me marcou foi o que me contou sobre o crime monumental do senador Zapanta — o crime que ele descobriu, atitude pela qual foi preso. Zapanta tirou uma nação dos trilhos, interrompendo o progresso do país. Pior do que isso, ele deu motivos para as outras nações pararem de nos ajudar. Por causa dos milhões que roubou, quantos milhões deixaram de ser oferecidos a nós? Ainda pior — ele mostrou aos outros políticos, funcionários, comerciantes, professores e vizinhos que o roubo é o caminho para a ascensão social, e que pisar no rosto dos pobres, usando-os de escada, é a lei da natureza. Até

mesmo os pobres acreditam nisso, e essa é uma das razões pelas quais continuamos pobres.

Pia, cansei de esperar. Há um dito de São Mateus: “Bata, e a porta abrirá”. Talvez isso seja verdade para Deus, mas não é para os homens. As fechaduras e as correntes que vi. As trancas nas portas, minha filha. Na nossa vida, as portas ficam fechadas. Por isso dediquei minha vida a servir o senador Zapanta, na esperança de que um dia ele deixasse a porta aberta e me permitisse entrar.

Esperei muitos anos antes que isso fosse possível, então me deixe contar o que aconteceu, para acabar com qualquer mistério. Para você ver como é simples roubar de quem roubou de nós.

O senador Zapanta tem um cérebro tradicional e apavorado. Seu sorriso é falso: ele está sempre preocupado. Perdeu dinheiro em alguns negócios que deram errado e detesta bancos. O próprio pai perdeu muito dinheiro quando um banco faliu. Por isso, o senador Zapanta só acredita em dinheiro vivo. Por isso construiu no porão de sua casa uma caixa-forte onde guarda, no subsolo, o dinheiro sujo de seus crimes.

Ele transporta dinheiro da caixa-forte para um cofre menor no andar de cima. Só transporta pequenas quantias, mantendo a câmara principal trancada. Para acessá-la, você precisa de uma chave e de uma combinação. Como sei disso? Porque ele confiou em mim para as duas coisas. É difícil viver sem confiança, e muito cansativo. Quando ele confiou em mim, Pia, foi porque achou que eu era um tolo dócil e obediente. Passei anos convencendo-o de que era servil e obediente. Cumpri ordens, sempre sorrindo. Passei uma vida inteira concordando, servindo, ajudando — nunca reclamei de nenhuma tarefa, sempre cumpri todas. Por esses motivos, aproximei-me do senador. Eu me transformei numa figura essencial para Zapanta, porque era um dos poucos em quem ele confiava.

Ele me mostrou a câmara há oito anos. A porta é de

metal, com rodinhas para ser aberta, de tão pesada. Dentro do lugar há caixas trancadas, mas o dinheiro era guardado em prateleiras, em maços do tamanho de tijolos. Esses maços iam e vinham. Ele me disse que deveria ter seis milhões de dólares ali, porque seis milhões enchiam as prateleiras. Quando diminuía a quantidade de maços, ele sacava mais dinheiro dos bancos, que chegava em uma maleta. Ele se habituou a me levar à câmara. Então, certo dia, três anos atrás, ele me deu a chave e a combinação, me mandou lá embaixo sozinho. Ele mudava a combinação após cada ida, é claro — para que não houvesse risco de que eu entrasse na câmara sem a permissão dele. Notei que ele só usava cinco grupos de números. Ele tinha cinco filhos, então usava as datas de nascimento dos filhos. Ele achou que eu era idiota demais para decorar os números, e eu não tinha como fazer cópia da chave se ela não saísse de casa. Não imaginou que, em meu quarto, eu anotava e memorizava as variações dos números. Pia, queimei as anotações no fogão da cozinha para que ninguém encontrasse. Aprendi isso com Gabriel Olondriz: queimei as anotações logo depois de escrevê-las.

Ele tinha razão quanto à chave, claro, mas não cogitou que o seu empregado doméstico desenharia a chave e levaria o desenho a um chaveiro do outro lado da cidade. Ele não achou que o empregado voltaria e testaria a cópia assim que tivesse uma oportunidade. A cópia não funcionou, então revisei cuidadosamente o desenho. Amassei o papel como se fosse lixo para conseguir levar o desenho mais uma vez ao chaveiro. Ele nunca cogitou que, assim como meu avô na cadeia, com anos para pensar e tramar, eu, José Angelico, fazia planos calculando um prazo em anos, não em dias ou horas. Foram necessárias dezesseis cópias até acertar a chave. A partir disso, foi só esperar o momento ideal. Quando o senador Zapanta anunciou que faria uma viagem de três meses para a Europa, pareceu ser a hora certa. Menos funcionários

trabalhariam na casa. Anunciaram o conserto e a mudança na decoração de vários ambientes — isso significava que haveria muita gente de fora. Comecei a pensar na geladeira da cozinha dos empregados, e quebrei duas vezes o termostato do aparelho. Quando alguém sugeriu que chamássemos um eletricista, falei aos meus amigos que minha paciência tinha acabado e eu mesmo compraria uma geladeira nova com meu dinheiro. A empregada me garantiu que tentaria fazer o dinheiro sair da conta da casa, mas respondi que nesse país quente precisávamos de uma geladeira boa, e eu não estava disposto a esperar.

A empregada confiou em mim. Os guardas confiavam em mim. Só me preocupava com o fato de que, depois de encher a geladeira com dinheiro, seríamos parados e revistados no portão, como acontece normalmente. Mas eu era José Angelico, tinha os documentos em ordem, e tinha caminhões de entrega entrando e saindo a manhã toda. Enrolei a geladeira em plástico e ajudei a colocá-la no caminhão. Saímos tranquilamente.

E levar o dinheiro da câmara à geladeira? Foram necessárias duas viagens. Escolhi fazer isso numa quinta-feira, que é quando tiro todo o lixo da casa e levo ao caminhão de lixo. Ninguém notou nada de estranho ao ver o funcionário carregando duas, três ou quatro sacolas esquisitas de lixo por aí — especialmente quando tem pedreiros trabalhando na casa e fazendo tanta sujeira. Quando o senador Zapanta descobrir a facilidade com que seis milhões de dólares podem desaparecer, espero que caia de joelhos e chore. Lembre-se, Pia — e lembre-se disso, senador —, não interessa o que digam de mim, não sou um ladrão. Apenas peguei de volta o que era nosso, e agora vou colocá-lo nesse caixão.

É claro que criei um caminho alternativo: se você chegou a esta carta por meio dessa rota, foi com a ajuda do sr. Olondriz — então espero que você seja um amigo. Minha última carta a ele ficará no armário 101, pois 101 é aquilo

que você não pode resistir. Junto da carta estarão as instruções que só ele poderá entender. A chave do armário ficará em segurança comigo.

Estou tão cansado.

Vou colocar o caixão em um túmulo com o seu nome, minha filha. Quero encontrar um meio de devolver o dinheiro às pessoas de quem foi roubado. Mas, se alguém está lendo isso, é quase certo que estou morto e o dinheiro está em suas mãos. Posso apenas dizer: “Cuidado, pois este dinheiro pertence aos pobres. E você não pode ir contra isso”.

Acho interessante pensar que o Dia dos Mortos está próximo. Nós nos encontraremos outra vez, Pia Dante, na mais clara das luzes.

Está consumado.

NOTA DO AUTOR: O QUE É UM CÓDIGO DE LIVRO?

A primeira vez que me deparei com esse recurso foi em um romance de espionagem do escritor inglês John Le Carré. De acordo com o autor, era um código muito simples que dependia do fato de as duas pessoas terem exatamente a mesma edição de um livro. Por exemplo, peguei a minha edição de 1975, da editora Penguin, do livro *Under the volcano* [À sombra do vulcão], de Malcolm Lowry, e extraí o seguinte código:

234.15.1.3.3.7.4.16.4/8.2.6.15.5.3.16.2.3.4.19.16.

O número mais importante é o primeiro: identifica a página. Agora que você está na página certa, conte quinze linhas para baixo. Nessa linha, você avança uma letra e encontra um B maiúsculo. Agora, vá para a linha três, letra três. Você encontra um “e”. Seguindo adiante, você encontrará “Best”. Você depara com uma barra diagonal, que significa que você tem que pular para a próxima página. Oito linhas para baixo, você avança duas letras e encontra um “w”. E assim por diante, até formar “wishes”, de “best wishes”, ou seja, “desejo o melhor a vocês” em inglês.

As barras significam que você precisa pular a página e criar uma nova palavra. Ao contar as letras da esquerda para a direita, você precisa contabilizar os espaços, as vírgulas e os pontos. Para não gerar confusão, o melhor é evitar linhas com espaçamentos diferentes. Há muitas variações, e você pode personalizar as regras, deixando o código mais complexo. A graça de um código de livro é que você pode transformá-lo em algo único.

O código pode ser decifrado se você souber qual é a

edição do livro que o mensageiro possui. Do contrário, fica impossível. O código usado por José Angelico é revelado, em inglês, se você tiver a edição New King James Thomas de 1984 da Bíblia Sagrada. Gabriel Olondriz tinha uma cópia, e aqueles que queriam enviar mensagens secretas a ele também. Eles personalizaram o código, lendo da direita para a esquerda, e voltando páginas, em vez de avançar. Acho que as mensagens que trocavam nunca eram de grande importância, e faziam isso pelo puro prazer de brincar com criptografia. Mas foi assim que José escondeu a parte mais importante do seu plano, ao mesmo tempo que invocou Deus.

940.4.18.13.14./53.6.4./9.1.12.10.33./129.23.25.32./6.1.6.
2.1.11./333.2.1.6.155.1.6./5.11.1.6./2.45.25.4./3.1.4.1.4.1.
13.28/2.16.4.7.7.1./59.11.25.6./2.7.6.2.7.2.21.773.75.1.2.1.
1.75./16.3.79.12.6.435.1./1.4.113./2.6.3.1.1.2.19.1.4.

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato a Jane Turnbull e Joe — sem eles, este livro não teria sido publicado. Agradeço à minha família e a vários amigos próximos, especialmente Jane Fisher, pelo seu apoio, e Michael Hemsley, que me deu a ideia para o enredo.

Escrevi este livro enquanto dava aula para crianças na Escola Britânica de Manila, nas Filipinas — uma escola muito boa que oferece o que é direito de todas as crianças, mas que tão poucas têm acesso — e eu agradeço às crianças e aos meus colegas pela bondade.

Também gostaria de agradecer a Linda, Hannah, Bella e David da editora David Fickling Books, além de Claire e toda a equipe da editora Random House. Ken, Sally e Jenne também foram — e continuam sendo — pessoas dinâmicas.

O lixão de Behala é levemente inspirado em um lugar que visitei quando morava em Manila. Realmente existe uma escola lá, e realmente existem crianças que vão passar a vida toda escalando montes de lixo. Se você visitar as ilhas Filipinas, faça o mesmo que Olivia. Veja tudo e se apaixone.

As personagens e a trama são, é claro, ficcionais.